O Sacy-Perêrê

Resultado de um inquerito

Edição fac-similar

O Sacy-Perêrê

Resultado de um inquerito

Edição fac-similar

MUSEU HISTÓRICO E PEDAGÓGICO MONTEIRO LOBATO
AV. VISCONDE DE SABÓIA S/N.
CEP 12060-830 — TAUBATÉ - SP

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL

ODEBRECHT

nº 4392

Lobato, Monteiro, 1882 - 1948
L796 O Sacy Perêrê: resultado de um inquérito - Rio de Janeiro: Gráfica JB S.A. , 1998.

Fac-símile de: O Sacy Perêrê: resultado de um inquérito / Monteiro Lobato - São Paulo: Secção de Obras de "O Estado de São Paulo", 1918.

Conteúdo parcial: Um duende lobatiano / Carmen Lucia de Azevedo, Marcia Camargos, Vladimir Sacchetta.

1. Mito 2. Lendas - Brasil 3. Folclore - Brasil I. Azevedo, Carmen Lucia de II. Camargos, Marcia III. Sacchetta, Vladimir IV. Fundação Banco do Brasil V. Odebrecht VI. Título

CDD 398.21

https://www.etnolinguistica.org/biblio:lobato-1998-sacy

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo

Capa de J. Wasth Rodrigues

Biblioteca Digital
Curt Nimuendajú
http://www.etnolinguistica.org

Edição fac-similar fora de comércio
© Monteiro Lobato 1998
Sob licença de Monteiro Lobato Licenciamentos
Todos os Direitos Reservados

MUSEU HISTÓRICO E PEDAGÓGICO MONTEIRO LOBATO
AV. VISCONDE DE SANTA ROSA S/N.º
CEP 12060-830 — TAUBATÉ - SP

O ano de 1998 marcou o reencontro definitivo dos brasileiros com Monteiro Lobato, personalidade fecundante do século XX e nosso maior autor infanto-juvenil. Por meio do Projeto Memória - instituído pela Fundação Banco do Brasil em conjunto com a Organização Odebrecht, visando à preservação da cultura e do patrimônio histórico do país - uma série de ações celebraram o criador do Sítio do Picapau Amarelo no cinqüentenário de sua morte.

Encerrando o conjunto de realizações que incluiu o patrocínio de uma premiada biografia, uma exposição itinerante vista em cinco capitais, um documentário em vídeo e um site na Internet, entre outras iniciativas, o Projeto Memória lança *O Sacy Perêrê: Resultado de um inquerito*.

O resgate desta raridade bibliográfica coloca ao alcance dos pesquisadores e do público em geral a primeira obra do escritor e uma pioneira sondagem de natureza antropológica sobre nosso folclore. Anterior a *Urupês*, o livro daria início, em 1918, à caudalosa produção lobatiana que continua encantando todas as faixas etárias na virada para o terceiro milênio.

Com sua edição fac-similar concretiza-se mais uma etapa do Projeto Memória no sentido da recuperação da vida e da obra daquele que, fazendo do sonho a matéria-prima para a transformação da realidade, ajudou a estabelecer as bases da moderna sociedade civil no Brasil.

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL ODEBRECHT

A família de Monteiro Lobato registra sua homenagem e gratidão a Hilda Junqueira Villela Merz, veterana pesquisadora que, com empenho e dedicação, muito tem contribuído para preservar a memória do escritor e cujo sonho era a publicação deste livro.

Um duende lobatiano

O interesse de Monteiro Lobato pela figura do saci surgiu quando ele morava na fazenda do Buquira, na serra da Mantiqueira, interior de São Paulo, onde aprofundou o contato com a rica cultura do mundo rural, praticamente ignorada nos centros urbanos. Com reputação consolidada na imprensa como vigoroso escritor-publicista após a ampla repercussão de seus polêmicos artigos "Uma velha praga" e "Urupês", prosseguiu escrevendo sobre temas nacionais. O desenraizamento cultural do país preocupava Lobato, que em 1916 denunciava, na *Revista do Brasil*, a recorrente mania das elites de imitar Paris. No ano seguinte, sugere, nas páginas do jornal *O Estado de S. Paulo*, que se incorporem elementos do folclore nos cursos do Liceu de Artes e Ofícios, instituição modeladora do gosto estético da época. Para Lobato, faunos, sátiros e bacantes poderiam ser facilmente substituídos por personagens nossos como o caipora, o boitatá, a Iara e, especialmente, o saci - "satirozinho de grande pitoresco que ainda não penetrou nos domínios da arte, embora já se cristalizasse na alma popular, estilizado ao sabor da imaginativa popular".

A partir dessa proposta, as discussões ganham corpo e os leitores demonstram enorme interesse numa entidade que lhes povoara a infância. Lobato, então, amadurece a idéia de promover uma pesquisa para levantar o que restara, na memória das pessoas, do "insigne perneta". No dia 28 de janeiro de 1917, ele lança no "Estadinho", edição vespertina de *O Estado de S. Paulo*, sob o título de "Mitologia brasílica", uma série de artigos em que convida todos a colaborar com informações sobre aquele duende "genuinamente nacional", cuja denominação resultava da corruptela do tupi-guarani *Çaa cy perereg*. Procurando fixar características, conteúdo lendário, variantes e todos os aspectos exteriores e comportamentais em torno do saci, o inquérito utilizava uma técnica de coleta de dados até então inédita entre os estudiosos do folclore. Pioneiramente, recorria ao questionário como recurso de investigação, numa sondagem de amplitude nacional.

O resultado surpreendeu. Choveram cartas de Minas Gerais, do Estado do Rio e, sobretudo, de regiões paulistas. Se o estilo e a abordagem das respostas variavam, elas conservavam, em comum, a origem do mito, que emergia de relatos de ex-escravos empregados nas fazendas ou em pequenas propriedades agrícolas. Circunscrito à zona rural, o moleque, segundo os depoentes, gostava de dançar e praticar diabruras. Malicioso e zombeteiro, fazia antes travessuras que maldades, montando e disparando os cavalos à noite, chupando-lhes o sangue e embaraçando suas crinas. Era vivaz e inteligente, assobiava, guinchava, pulava e soltava uma gargalhada estridente que doía até a medula. Mas também gorava ninhadas, queimava balões, comia o piruá da pipoca, roubava espigas e quebrava os pés de milho, bebia o conteúdo de barris de vinho ou de refresco, deixava as porteiras abertas para que os animais fugissem e fumava o pito das pretas velhas. Brejeiro e cheio de artifícios, capturá-lo não consistia tarefa das mais fáceis, embora com sorte fosse possível, em dias de ventania, aprisioná-lo com um peneira no centro de um redemoinho. Híbrido e mutante, peão e cavaleiro, com o passar do tempo o saci mudou a coloração da pele e foi perdendo os atributos demoníacos, como rabo e chifres, enquanto ganhava um vistoso gorro vermelho. Sua estirpe

africana, enfatizada, permeava a maioria dos depoimentos.

"Ele era um negrinho muito magro, muito esperto, de uma perna só, do tamanho de um menino de doze anos, muito feio, banguela, olhos vivos, rindo sempre um riso velhaco de corretor de praça", atestava um. "Barba como a de um bode, negro como urubu, uma perna única apoiando o pé caprino, olhos grandes e vermelhos, boca sempre aberta num sorriso sarcástico...", completava outro. E, para acabar com a polêmica, apareceu, remetido pelo próprio saci, o testemunho definitivo que colocaria um ponto final nas dúvidas sobre as características físicas do dito-cujo. De autoria de Lobato, divertindo-se às custas dos sisudos intelectuais de plantão, o texto explicava que o saci era filho legítimo de cabocla e tinha duas pernas com os calcanhares para a frente, de modo que suas pegadas indicassem a direção inversa àquela por ele seguida.

Meses depois, o mesmo jornal abria um concurso conclamando artistas plásticos a desenvolverem trabalhos inspirados no saci. A boa receptividade a mais esta iniciativa, aliada ao sucesso da investigação antropológica, levariam Lobato a organizar os depoimentos em livro, ilustrado com fotos de algumas das obras apresentadas. Ressaltando acreditar tratar-se de produto de boa vendagem, explica ao amigo Godofredo Rangel, seu mais assíduo correspondente, que a publicação, com cerca de trezentas páginas e tiragem inicial de dois mil exemplares, sairia sob o pseudônimo de "Um Demonólogo Amador". E ironizava o fato de sua estréia literária ocorrer por meio de uma obra não-assinada, repleta de material de terceiros.

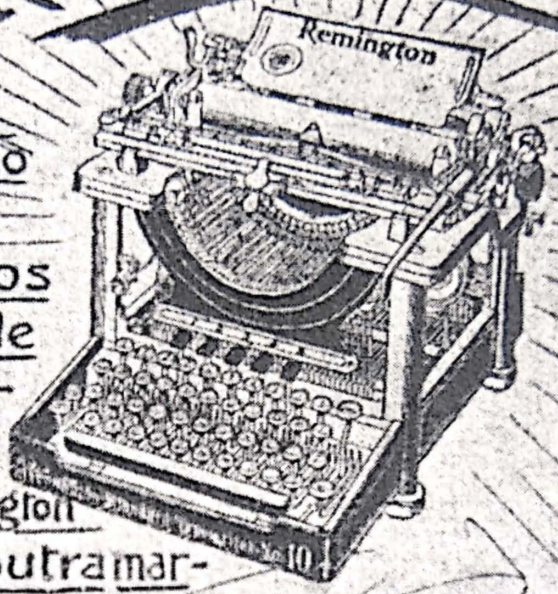
Autofinanciado por Monteiro Lobato, que colocou anúncios especialmente desenhados por Voltolino no início e no final do livro para cobrir parte dos gastos e viabilizar sua impressão na gráfica do jornal *O Estado de S. Paulo*, *O Sacy-Perêrê: Resultado de um inquerito* foi lançado no começo de 1918. Por essa ocasião, a guerra que se desenrolava na Europa atravessava uma de suas fases mais trágicas. Não é à toa que, no intróito do livro, Lobato esclarecia ter resolvido recuperar a imagem alegre do saci para servir de contraponto à "carniçaria" deflagrada quatro anos antes. Com esse resgate, o escritor questionava o conceito de civilização nos moldes franceses que a burgue-

sia brasileira, impregnada do imaginário europeu, insistia em reproduzir. De quebra, demonstrava a necessidade de se aprofundar os estudos sobre nossas lendas, crendices e costumes, para que pudéssemos conhecer mais sobre nós mesmos e alcançar a independência cultural, abandonando o velho hábito de "macaquear", herança de um passado colonial.

Carmen Lucia de Azevedo,
Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta (*)

(*) autores de *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia* (Editora SENAC São Paulo, 1997), obra ganhadora dos prêmios Jabuti e Livro do Ano, respectivamente nas categorias Ensaios e Biografia e Não ficção.

Onde apparece a "Remington"
nenhuma outra marca
de machina de escre-
ver subsiste.
A sua superioridade não
soffre contestação. Os
melhores dactylographos
a preferem, pois, alem de
melhor serviço, em me-
nor espaço de tempo,
a durabilidade da "Remington"
é superior á de qualquer outra mar-
ca. O Sacy-Perêrê não admit-
te outra ma-
china



CASA PRATT
Rua S. Bento-22
S. Paulo

Mulata, minha mulata
Ouve o que diz o Sacy:
Chocolate como o Lacta
Nunca houve por aqui.

Cigarros Castellões
Sacy— Por estes abandono eu o meu pitinho!

Casa Stolze
G Jordão

Rua Direita 14
S Paulo

Artigos Photographicos.

O SACY PERÊRÊ

RESULTADO DE UM INQUERITO

Dedicatoria

A ti, "Trianon", bar "dernier bateau" onde, por canudinhos de palha ingerimos doses macissas de elegancia; a ti, raspadeira que nos descascas a gafa da brasileirice, em torno de cujas mesinhas uma lepida Maria Antonictta nos ensina a chocar o ovo de uma coisa mais engraçada do que a civilisação de hoje—que será a civilisação d'amanhã; a ti, ó autoscopia, nós, teus detractores e teus freguezes humildemente te offertamos este livro.

A' memoria da saudosa tia Esmeria, e de quanta preta velha nos pôz, em criança, de cabellos arripiados com historias de cucas, sacys e lobishomens, tão mais interessantes que as larachas contadas hoje aos nossos pobres filhos por umas lambisgoias de touca branca, n'uma algaravia teuto-italo-nipponica que o diabo entenda. Vieram estas corujas civilisar-nos; mas que saudades da tia velha que em vez de civilisação requentada a 70$000 réis por mez, afora bicos, nos apavorava de graça!

Prefacio

Para ventilar uma creação puramente subjectiva como esta do Sacy a forma de inquerito é a mais razoavel. Evita que um só sujeito tome conta ao assumpto, e imponha maçadoramente a sua ideia em estiradas considerações eruditas, onde o que mais procura não é revelar o Sacy, senão pavonear a si proprio com grande riqueza de pronomes bem collocados. Assim, em inquerito, todos falam, o estylo varia, o pittoresco augmenta; e concorrem sobretudo os não profissionaes das letras. E' erro suppor que o literato é a voz mais adequada para dizer em concursos destes. Melhor, com mais sinceridade, com mais ingenuidade que taes pavões sabem contar reminiscencias as pessoas desaffeitas de entrar no Parnaso de chapeu na cabeça, cigarro ao canto da bocca, e "voces" e "tus" familiarissimos a Minerva e Apollo.

A cortezanice da gloria, o olho posto numa academia de letras, e a preoccupação do pronome não estragam nos leigos o "élan primesautier" da confidencia.

E já lá escapou o francez!

Introito

Começara mal o anno de 1917. A carniçaria europeia, no apogeu, reflectia por cá o clarão dos incendios, os estouros d'obuzes, a angustia do gaz asphyxiante e a selvageria dos mais modos civilisados de matar em grande. Quem se afoutasse a abrir uma folha sorvia sangue dos telegrammas á secção-livre. Um engulho. Foi quando surgiu o Sacy, e veiu com suas diabruras alliviar-nos do pesadelo. Por varias semanas alvorotaste meio mundo, oh infernal maroto, e desviaste a nossa attenção para quadro mais ameno que o trucidar dos povos. Bemdito sejas! Estás perdoado de muitas travessuras por haveres interrompido, por um momento, em nossa imaginação, a hedionda sessão permanente de horror, aberta pelo sinistro 2 de Agosto de 1914, de execrabilissima memoria.

Como surgiu o Sacy em S. Paulo?

Um sujeitinho bilioso, recem-chegado da *selva selvaggia* do Buquira, em passeio com um amigo pelo jardim da Luz, parou diante dos anões de gorra, barbaçudos, entrajados a allemã, que por lá quebram a monotonia dos relvados. E disse filosoficamente:

— Como berra esta nota niebelungica neste pastinho de grama, entre gerivás e jissaras! E como um facto insignificante destes demonstra a nossa profunda covardia esthetica!

— Querias então...

— ... que estivesse aqui um Sacy, por exemplo, um currupira, um papagaio, um macaco, uma preguiça, um ticotico, um coronel — qualquer bicho emfim que não desafinasse com o ambiente, como desafina esse anão do Rheno que treme de frio sob pesadas lãs emquanto os sorveteiros apregoam a dois passos d'aqui as suas neves assucaradas.

Dias depois

Dias depois esse mesmo sujeitinho escrevendo de Ricardo Gonçalves, na "Revista do Brasil", insistiu no thema do achincalhe de nossa individualidade. E disse:

" .....

Sobe de ponto o valor da pureza da sua esthesia se espraiamos o olhar pela cidade onde o espirito de Ricardo floriu — floriu como a flor do lotus, ai!...

E' a *urbs* volapuk onde grunhem todas as linguas e onde passeia pelas ruas a escala inteira dos angulos faciaes. O poeta suffocado pela atmosphera kaleidoscopica deste *salmagundi* urbano refugia amiúde dos seus venenos dessorantes. Ia ver jequetibás a Piracaia, para descanso dos olhos fartos destes platanos geometricamente perfilados á beira dos passeios, como arvores bem ensinadas.

Ia longe d'aqui aspirar a fragancia das florinhas silvestres que lhe não recordassem crysandhalias, e outras patifarias floraes d'importação. Ia ouvir a patativa piar nas devezas para esquecimento do chilreio azucrinante do canario belga.

Como esta cidade mente á terra! E como se empenham seus filhos em extirpar do seio della as derradeiras radiculas da individualidade!

Vae um pobre mortal espairecer ao jardim, e lá, em vez d'uma nesga da nossa natureza tão rica, é sempre o volapuk que se lhe depára. Pelos canteiros de grama ingleza ha figurinhas de anões germanicos, gnomos do Rheno, a sobraçarem garrafas de *beer*. Porque taes niebelungices, mudas a nossa alma, e não sacys-sêrêrês, caaporas, mães d'agua e mais duendes creados pela imaginação do povo.

O proprio arvoredo é por metade coisa alheia. Um ipê florido, a arvore da quaresma, um angiqueiro — inutilmente os procurareis ali. Se resôa no coreto a musica ouvireis Puccini, Wagner, Sydney Jones, e taes modulações vem tornar inda mais incaracteristico o ambiente do logradouro. Subito, ao quebrar uma alameda, uma estatua avulta em meio d'um canteiro. Bate-vos o coração, ha-de ser G. Dias, Casimiro, um poeta nosso. Nada disso: é Garibaldi... Tendes sede? No *Bar* só ha *chops, grogs, cocklails, vermouths*. Tendes

fome? Dão-vos *sandwichs* de *pão allemão* e *queijo suisso*. Lá apita um trem: é a *Ingleza*. Tomaes um bonde: é a *Light* Cobra-vos a passagem um *italiano*. Desceis n'um cinema: E' *Iris, Odeon, Bijou*.

Começa a projecção: é uma tolice franceza de Pathé ou uma calamidade da Italia. Um baleiro passa ao lado: *nougat, torrone*. Correis a um theatro; o cartaz annuncia *troupe* franceza. Mas ao espirito vos acode que um existe onde funcciona companhia nacional e onde se faz theatro nacional. Ora graças, dizeis, vou-me a ver coisas da minha terra. Ides; ergue-se o panno: os actores nacionaes são portuguezes, a peça é a "Flambada", de Kistemacker; o cartaz tem o cuidado de metter a Labareda entre parenthesis, letra miuda, para que impe victoriosa *La Fambeé*. Sahis desconfiadissimo daquelle nacionalismo. Correis ao hotel, metteis-vos na cama depois de sorvida uma chavena de *chá da India* com torradas de *pão argentino*. Estais quasi a dormir. Será o vosso somno um somno brasileiro? Impossivel. Pelas reixas das venezianas entram a acalental-o os sons distantes d'uma canção napolitana: *Ai Mari...*

Em tal meio, etc."

Consequencias

Tal artigo foi lido por tres pessoas além do typographo. Uma dellas foi o proprio autor para gozar os imprevistos da revisão. Outra não foi o revisor. A terceira manda a logica concluir ter sido o sr. M. L. de O. F.

Apezar de occupadissimo no criar caruncho em escala pequena, para descobrir o methodo de arrazal-os em massa, teve lazer S. S. para tomar um palito de fosforo, e, com o cinzel marca Olho, modelar em barro do Poá o primeiro Sacy jamais esculpturado neste paiz de sacys. Photographou-o e deu ensejo a que o "Estado", o estampasse em gravura, com uma tirada nestes termos:

"O SACY

Entre os nossos artistas já se vae despertando certa curiosidade pelo diabolismo do lendario popular do qual é o Sacy-pêrêrê a figura mais suggestiva. Em pittoresco e artimanhas o moleque de uma perna só em nada fica atrás dos "bleu-devils" escossezes ou dos gnomos germanicos do Rheno. Merece entrar ruidosamente para a legião universal dos infernisadores da vida. No dia em que esse "enfant-terrible" das capoeiras fôr fixado em fórmas definitivas pelas artes plasticas, o nosso patrimonio artistico ter-se-á enriquecido de "algo nuevo". Será uma nota de originalidade brasilica tão valiosa como o maxixe na choreographia, a muqueca na culinaria, o péu-péu nos dias de hymno, a modinha na musica, o desafio na poesia, o marechal Pires Ferreira na politica."

Aqui o articulista foi inepto. A comparação é desairosa... Para o marechal? Calo-me. E deixo o discernimento ao leitor.

"A difficuldade que para isso encontram pintores e esculptores está em que não basta irem ás bibliothecas e pedirem por bocca tal ou tal obra. Nossas bibliothecas publicas possuem nas estantes grammaticas celticas em 20 volumes, in 4.°, mas não se dão á pacholice de conspurcar o nobre ambiente livresco com velharias de Mello Moraes, Sylvio Romero e mais poucos estudiosos destas bobagens folkloricas."

Exaggero evidente. As nossas bibliothecas se não são umas bibliothecas d'Alexandria a espera do Omar incendiario, acoutam em suas estantes muita cousa boa. Os articulistas da marca deste é que lá não pisam.

"E'-lhes forçoso afundar na roça para consulta verbal ao grande livro não escripto da crendice popular.

E como a figura do Sacy varia de zona a zona, conforme o grau de medo que a natureza nocturna inspira ao sertanejo, este facto exige delles uma onerosa investigação dispersiva, caso queiram ser honestos.

O Medo! Eis o pae da bicharia. Aqui, como na Grecia, como nesse Egypto inçado de Raméses que se "perdem na noite dos tempos" é sempre o medo o grande criador dos deuses e dos demonios.

De onde saes tu, religião! Da escuridão da noite...

A treva gera o medo; o medo gera o deus e o diabo, e gera ao pé destes a legião inteira da bohemia infernal — deusesinhos e demoninhos menores, Ariel, Mab, Caliban, anões subterraneos, diabinhos azues, bruxas, lobishomens, caaporas, currupiras e sacys.

Só no convivio do sertanejo, valente de dia e medroso de noite, ao som da viola num rancho de tropeiros, vendo bruxolear a fogueirinha e, fóra, na imprimadura da escuridão, lucilar o vagalume vagabundo é que um artista poderá "ouvir e entender" sacys.

O medinho contagioso abrir-lhe-á todas as valvulas da comprehensão. E saberá pela bocca ingenuamente credula do Geca Tatú que tempéra a viola que o Sacy é um molecote damninho, cabrinha malvado, amigo de montar em pêllo nos "alimaes" soltos no pasto, e sugar-lhes o sangue emquanto os pobres bichos se exhaurem em correria desapoderada, ás tontas, loucos de pavor. E que em dias de vento elle passa pinoteando nos remoinhos de poeira. E que nessa occasião basta lançar no turbilhão um rosario de caiapiá para tel-o captivo e a seu serviço como um criadinho invisivel. E saberá mil particularidades mais, ouvirá "causos" de mil diabruras pelos campos, ou dentro de casa se uma cruz na porta principal não a proteje do capeta. E ficará encantado com a psychologia do pernetinha, cuja mania é atanazar a

vida do sertanejo com molecagens de todo o genero sem entretanto cahir em excessos de perversidade. Não tem maus bofes, o Sacy. O que quer é divertir-se a custa do caboclo e quebrar a vida monotona do sertão.

Vive em permanente diabrura — o que é natural num diabinho — a pregar peças no bicho homem. Este, por sua vez, desquita-se na mesma moeda armando "boas" ao Sacy, que nem sempre leva a melhor no curioso duello. Quando um delles se excede em travessuras, no redor da casa, o caboclo indignado casca-lhe em cima uma mocada de rezas e amarra-o afinal. Basta um nó bem dado, num cabo de buçá, para que o moleque fique preso, a gemer "sugigado".

Porque então, se é assim facil, porque não se livra delle, d'uma vez, o caboclo, conservando o nó sempre apertado? Altos segredos da psychologia sertaneja... Ao enfurecimento do homem succede logo o dó; o caboclo começa a sentir falta d'alguma coisa; o mato parece-lhe triste, a noite muito vasia, os animaes nostalgicos da correria nocturna. E vae, então, e desdá o nó com um ralho amigo:

— Va s'imbora, peste!

E o Sacy azula, ventando.

Que optimo, que precioso thema de arte não é esta concepção popular!

No entanto nenhuma tentativa inda foi feita para fixal-o na téla ou no barro

Um distincto sabedor das nossas coisas, negociante de café, tentou plasmar no barro — e em barro do Poá, a fórma do Sacy como elle a concebe. O sr. M. L. de Oliveira Filho manda-nos o figurão reproduzido em gravura, com as seguintes notas:

"Sacy-perereg — (Çaa Cy — olho mau; pérérég — saltitante). Preto. Nariz de socó, lingua de palmo, "pincésinho" no queixo, barriga de maleiteiro, umbigo de chorão, uma perna só, rasto de criança, espora de gallo velho que dá para empoleirar dois pintos. Quando trepa em barranco deixa

tres riscos, signal de que tem tres dedos. Mão furada, orelha de morcego, carapuça vermelha de cuia, com barbicacho de sedenho. Acompanha os cavalleiros em viagem por dentro do mato arrancando cipós. Quando vê gente assobia, põe a lingua e "curisca". Deita fumaça pelos olhos."

Se a "barro do Poá" de Oliveira Filho não resolve, sob o ponto de vista esthetico, a fixação plastica do Sacy, culpa não cabe ao autor."

O autor protestou contra o menoscabo do seu talento esculptural. O articulista não se explicára convenientemente. Queria dizer que se um Rodin houvéra lidado o sacy a esculptura teria sahido um pouco melhor sob o ponto de vista da technica. E' perdoavel esta boa ideia que elle faz do Rodin.

Tem culpa o paiz, este paiz das arabias em que os negociantes se vêem forçados a metter mãos no barro e ensinar o caminho aos esculptores de profissão, porque estes senhores andam talvez a sonhar negocio e café depois que o Zago entrou a zagar os parques, e os encheu de esculptural desanimo.

M. L."

Novas consequencias

O qual artigo foi lido e commentado em varios tons. A parentela do Conselheiro Accacio indignou-se com o facto d'um jornal sério daquelles gastar sua tinta e uma columna de papel com tão "grosseira superstição popular, dessas que depõe contra os nossos creditos de civilisados perante as nações estrangeiras." O "outro lado" riu-se do Conselheiro, e o povo gostou de ver relembrada em letra de fôrma uma crendice que lhe inflorára os annos pueris. A' noite, no jor-

nal, a guerra foi posta de parte e só se conversou sacy. Cada qual puxava dos desvãos da memoria uma reminiscencia quasi extincta. Ventilaram-se todas as impressões sacysescas, narraram-se os casos sabidos, e, palavra vem, palavra vae, nasce a ideia do inquerito.

O Inquerito

A 25 de Janeiro do supradito anno de 1917, reinando no mundo Bellona, e no Brasil o Exmo. Sr. Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, abriu-se o inquerito sobre o Sacy, para tirar a limpo o que de positivo havia na memoria da nossa gente sobre o insigne perneta. Figurou de Forum onde abicassem os depoimentos o "Estadinho", appellido popular da edição vespertina do "Estado de S. Paulo". Exordiaram-no os seguintes dizeres:

Mythologia Brasilica

Inquerito sobre o Sacy-Pêrêrê

O "Estadinho" inaugura hoje uma série de estudos em que todos são chamados a collaborar. Abre um inquerito, ou "enquête" como diz o Trianon na sua meia lingua. Sobre o futuro presidente da Republica? Não. Sobre o Sacy.

Todos os povos, do Inoito da Groenlandia ao Thuareg bérbere, do inglez ao chim, vivem com um pé na realidade e outro no sonho. Por força de uma necessidade incoercivel elles se criam um ambiente fantastico de concepções supra-sensiveis para repouso do prosaismo diario.

Verdadeiro oasis onde a ancia vaga d'algo melhor põe tudo quanto o homem não encontra no deserto da vida, mas de que necessita para equilibrio rythmico de sua alma. Assim a Grecia, para tomar um exemplo dentre mil, viu a ima-

ginação dos seus filhos, povoar os bosques de faunos e satyros capripedes, os campos de centauros, as aguas de sereias, dryadas e nymphas, o ar de sylphos, o céu de deuses; e essa mythologia, de criação puramente popular, foi a contribuição maxima que ao mundo legou a gente hellenica.

Seus rhapsodos, como seus esculptores nada mais fizeram senão fixar no poema ou no marmore as crendices que o marinheiro velho, tanado de sol, transmittia ao adolescente embarcadiço de primeira viagem, nas horas de folga, quando a galera abicava numa angra para repousar. E até hoje todos os povos modernos cultuam aquelles symbolos mortos apesar da nenhuma significação que elles têm fóra do ambiente grego. Será assim pelo valor intrinseco proprio á crendice em si? Não. Reside o segredo de sua persistencia seculos em fóra na extrema belleza das fórmas sob as quaes o artista grego a consolidou.

Disto se conclue que o povo é o grande criador, e que o artista tem por missão operar como o instrumento esthetico por meio do qual o povo dá corpo definitivo e harmonico aos seus ingenuos esboços.

Temos nós, no seio da massa popular, materia prima digna de ser plasmada pelas mãos da arte? Sim. Não tão abundante e rica como a tinha o grego, povo eleito da Harmonia; mas rica e abundante no sufficiente para darmos ao mundo uma contribuição vultuosa de criações originaes.

Basta que o nosso artista, se é um garimpeiro de talento, mergulhe no seio do povo e lá bateie na ganga rude o ouro de lei.

Se andam elles, hoje, vazios de idéas, e desorientados, é porque procedem de maneira exactamente inversa. Homero, Ictino, Phidias, Praxiteles, Aristophanes não se mettiam no Trianon a pasmar diante da lepida Maria Antonietta masculina que alli nos inicia nos altos mysterios da alta gomma. Nem iam, todas as noites nhambiquarar em francez diante de uma garrafa de champanha, rodeados de varias

"bonnes a tout faire" de Marselha, transfeitas em parisienses montmartrinas "ad usum" fazendeiros do Jahú em fim de safra.

Frequentavam o povo, conviviam com elle, impregnavam-se das suas crenças, ouvia-lhe as historias; e sahiam delle cheios de idéas, de formas, de coragem, de inspiração.

Procedamos assim. A fonte de agua pura é uma só, e a mesma, na Grecia, em França, na Russia e no Brasil: o povo.

*
* *

Das nossas criações populares a mais original é o Sacy-pêrêrê. Vem do autochtone que lhe deu o nome actual, corruptela de "Çaa cy pererereg".

> *Não ficou provado, antes, parece, que é criação exclusiva do negro. A filiação do nome corre por conta do sr. Oliveira Lopes, autoridade em tupy-guarany e linguas adjacentes.*

Soffreu o influxo do africano, passando de caboclinho a molecote. Modificou-se por injuncção da psychica portugueza. O mestiço metteu nelle muita coisa de seu.

Acabará ainda soffrendo a influencia do italiano, talvez... E dest'arte, sempre vivo, evoluindo sempre, o Sacy que povoou de sonhos a filharada de Thomé de Souza chegou até nós; e apesar do automovel e do Sr. Vicente Rosatti, inda convive com as nossas crianças nas cidades, e com o sertanejo na roça.

Não ha menino que em dia de vento não arregale o olho para um rodamoinho de poeira e não "veja" nelle, com os olhos da suggestão, o moleque de uma perna só. Como não ha tropeiro que ao pegar um animal no pasto, vendo-lhe a

crina entrançada e uma sugadela de morcego no pescoço, não murmure entre colerico e apprehensivo:

— Dianho de negrinho safado! Eu ainda acabo botando um bentinho nesta egua.

Esta persistencia denota que o duendezinho representa uma necessidade psychologica, talvez a de explicar innumeros phenomenos cujas causas naturaes escapam á comprehensão do homem inculto.

Filho da imaginação collectiva o Sacy é uma resultante psychica do nosso povo. E' digno de estudo como todas as suas outras manifestações originaes.

Estudemol-o, pois.

Aos frivolos parecerá frivolo, e até pilherico, dar attenção ao Sacy, e consagrar a esse moleque um tempo precioso que podia ser consumido em dissertações sobre o caso Dantas-Borba.

Se valesse a pena argumentar com um frivolo dir-lhe-iamos que todas as manifestações da psychica collectiva de um povo têm igual valor perante a sciencia; e é estudando taes manifestações que poderemos conhecer o povo; que o conhecimento traz a comprehensão, e a comprehensão traz o amor; que...

Mas, que tolice! O frivolo que vá fazer gomma alta no Trianon, ou quedar em attitude de bonzo diante de uma Pommery, como se dentro da zurrapa temperada no Bom Retiro estivesse, em dissolução gazosa, o Fim Ultimo das Coisas. E que lá impe de Luiz 16 á paisana com as penninhas da tanga só visiveis a quem tenha olhos armados de raios X. E que apodreça de "chic" sob o olho esperto de Maria Antonietta. Sua alma, sua palma.

Façamos nós outros arte sádia, e façamos sciencia sem o perceber.

O "Estadinho" abre suas columnas para esta investigação e pede aos seus leitores um depoimento honesto:

1.º) sobre a sua concepção pessoal do Sacy; como a recebeu na sua infancia; de quem a recebeu; que papel representou tal crendice na sua vida, etc.;

2.º) qual a fórma actual da crendice na zona em que reside;

3.º) que historias e casos interessantes, "passados ou ouvidos" sabe a respeito do Sacy.

L."

E assim, aberto o inquerito, foram os sacysantes commemorar o feito no Trianon, e morreram de inveja d'um fazendeiro de Jahú que tinha ao lado uma linda franceza que se não era do "faubourg de S. Germain", era, pelo menos, de Batignoles.

O primeiro depoimento

Mandou-o uma senhora de 25 lindas primaveras, a qual, após os cumprimentos do estylo falou assim:

O Sacy-Pêrrêrê!...

Já lá vão vinte e cinco annos:

Eu tinha então quatro auroras; era bem essa a minha edade. Naquelle tempo as crianças eram só crianças. Tempo ditoso! Não iam ao theatro nem a bailes de embaixada nem a nada. Mas á noitinha emquanto o papá ia ao club e a maman examinava as contas da cozinheira, as crianças em torno da saia ouviam interessadas as historias de Pedro Malazarte, da formiguinha e do João e Maria...

Porém... deixemos as divagações.

Meu pae não ia a clubs; e a mamãe não tinha criadas; era ella quem á noite, emquanto a senhora e o senhor iam ao theatro cuidava dos meninos e os adormecia embalados nos seus contos singelos. A innocencia não tem gerarchias; por isso ao lado dos pequenos Henrique, Pimpolho, Olga e Nenê, esta bem pequenina e com direito ao collo da sua velha Anna, nós outros assentados em torno no tapete, iamos ouvin-

do, ouvindo, até que vencidos pelo somno, cada um ia carregado para o leito sorrindo a dormir...

Foi nesses sertões inesqueciveis que ouvi mil vezes a descripção do Sacy-Pêrêrê, que era o calmante ministrado por mamãe ás crianças quando á sahida da senhora elles se punham a choramingar.

E dizia-nos então a dôce criatura que o Sacy era um diabinho muito pelludo, muito vivo, e travesso; andava sempre de camisa vermelha e tinha uma perna só. A sua profissão era carregar para uma mata muito distante as crianças desobedientes e manhosas. Dahi o effeito magico das duas palavras quando um de nós chorava ou fazia travessuras. Sobre mim a influencia do Sacy foi terrivel até ha bem poucos annos. A' minima sombra em qualquer canto já eu via o Sacy.

Se me aproximava de uma janella á noite e olhava a massa de arvoredos do parque via exercitos, legiões de Sacys a executarem uma dança de saltos sob a folhagem: então eu cobria o rosto com as mãos ou corria a sentar-me no meio de todos.

A's vezes mandavam-me á chacara por qualquer coisa; de repente parecia-me que um Sacy vinha pulando atrás de mim; eu queria correr; parecia-me entretanto que elle dizia: — Se corres é peor! Eu obedecia mas apressava o passo; elle imitava-me; eu temia ser agarrada, apressava mais; elle fazia o mesmo, eu perdia a tramontana e quando não gritava a plenos pulmões corria cégamente e suppunha que elle já ia alcançar-me; já estava perto... estendia a mão...

Mas nesse instante eu entrava em casa como uma bala. desgrenhada, offegante, e batia a porta no nariz do Sacy...

Uma vez para fugir do Sacy, não tendo já forças para alcançar a porta da cópa, atirei-me pela primeira porta que encontrei diante de mim e fui cahir dentro de um tanque destinado a exercicios de natação.

O papae, que tambem contava muitas historias de viagens a cavallo pelos sertões de Minas, de Goyaz e á Côrte, — contou-nos uma vez, que certa noite elle ia de Paracatú para Ouro Preto em companhia de seu amo, que era juiz de direito; como se fazia tarde, e elles estavam muito longe do termo da viagem, os animaes afrouxavam cansadissimos e o tempo annunciasse tempestade. Nhonhô, a quem Deus haja, resolveu pernoitar no caminho, pelo que se dirigiram a uma fazenda, cujo nome já não me lembra. Depois da ceia a mucama encarregada de tratar dos hospedes indicou ao papae onde devia dormir. Era, dizia elle, uma grande sala, onde os crioulos faziam o serão e em torno da qual havia uma porção de barris cheios de uma bebida que em Minas se usava muito como refresco, — é pena que eu tenha esquecido o nome! Arranjado o leito com as mantas, ponche, etc., o papae, que era muito catholico, rezou o seu terço num rosario de contas de capim e preparou-se para dormir. O somno, todavia, não vinha e elle estava apenas em modorra quando a porta se abriu e começou a entrar na sala um bando de sacys; até ahi a historia do papae estava de accôrdo com o que já tinhamos ouvido a muita gente. O que nos poz boquiabertos foi o fim da historia: segundo papae, os sacys, sem fazer a minima bulha foram a todos os barris de refresco, beberam de todos e em seguida puzeram-se a dansar; mas terminada a dansa, foram de novo aos barris e... lá depuzeram o que haviam bebido...

O tio Raymundo que então tinha uma fazendola em Rio Claro, contava-nos sempre que os sacys faziam muitos estragos na roça; assim, quando era tempo de milho verde elles vinham em bandos roubar espigas e quebravam todos os pés de milho. Quando entravam no plantio, um ficava á espreita. Ao minimo aviso o bando afastava-se com a rapidez do raio, enchendo os ares com o seu assobio zombeteiro. Diziano ainda o titio que elles gostavam immensamente de andar a cavallo. Apenas em vez de montar como todos montam ha-

bitualmente, achava o titio que elles faziam a cauda do animal de rédea obrigando-o a correr toda a noite. Pela manhan o animal ou os animaes eram encontrados exhaustos, a crina toda embaraçada, ás vezes machucados...

Quanto a isso ainda ha poucos annos, em 1905, quando o "Moleque", a montaria do papae vinha para casa cheio de carrapichos, arfando de cansaço relinchando penosamente, o papa dizia logo: — Foi Sacy que o montou."

Depoimento numero dois

O sr. H. Q., iniciaes que parecem occultar o autor de interessantissima monographia sobre a Mococa, falou em seguida, e concluiu referindo-se a uma caricatura em bronze, exposta na montra da Light, por esses dias. Acharam uns muita graça na allusão, outros, porém, franziam a testa. A maioria aguarda uma certa eleição para tomar partido.

"Muito, muito viva tenho ainda a concepção do Sacy... e eu já fiz os meus 50.

Quem me contou, ha mais de 40 annos a historia ou, melhor, as historias delle, do capetinha, foi minha mãe, foi a Vuvô da Chacara, Tia Marinha, Tia Chica, foi a velha Theodora...

Elle era um negrinho muito magro, muito esperto, de uma perna só, do tamanho de um menino de 12 annos, muito feio, benguélla, olhos vivos, rindo sempre um riso velhaco de corretor de praça, carapinha grande, a saltar e a saltar e a fazer peraltagens ruins.

O Sacy gorava ninhadas, queimava o balão, comia o piruá da pipóca.

O doido que tinha o topete de viajar em noite de sexta-feira, á meia-noite salta-lhe á garupa o Sacy e o punga lerdo virava um passarinheiro dos diabos.

Embaraçava a crina e a cauda dos cavallos.

Emperrava as porteiras, que não rangiam mais, tanto que, para espantal-o, a gente furava uma cruz no mourão.

E, saltando sempre, sua fala era assim:

"Sacy, satêrê nhangú!"

Andava só de noite, mas de dia se mostrava no redemoinho do vento, levantando poeira e firmando o "corropio", diluindo-se no ar.

Tambem virava, quando estava triste, num passarinho, muito triste tambem, que canta no fundo das capoeiras escuras, com o sol quente, uma cantiga nostalgica, repetida de cinco em cinco minutos:

"Sa... cy!"

Passarinho que o caboclo não atira porque a pica-pau fica espalhadeira; e que eu não tento descrever, porque o dr. Silveira disse delle coisas inexcediveis.

O Sacy era assim.

Não me mettia medo, não.

Até parece que o mesmo desejo que eu tinha de fazer camaradagem com os meninos dos cavallinhos, tinha tambem de.... que digo! de ver o Sacy, falar com elle e até collaborar com elle, quebrando, a pedradas, as vidraças do coronel José Ignacio, ao lado do becco.

Não, não tinha medo do Sacy.

Agora, das historias de "sombrações", que contava o Zé Camillo, official de justiça, bebericando cachaça na venda do fallecido Seu Leopoldo, historias que eu ouvia, quando ia comprar "um cobre" de cocada, em companhia de um dos actuaes e mais distinctos membros da Academia Paulista, isso sim!!

Historias de arrepiar!...

Eu ia para a casa apavorado, premeditando insomnias e fantasticas dores de dentes, para poder chamar minha mãe, quando o pavor chegava ao auge, ás tantas da noite.

E ella vinha, coitada, com umas bolinhas de algodão embebidas de agua florida, mais curando o meu medo, que o meu dente.

Essas, sim, essas é que mettiam medo, as historias do velho mulato, o Zé Camillo.

Como a mula sem cabeça, botando fogo pelos olhos, que foi, na vida, moça de padre, e que andava macabramente galopando á noite, pelos espigões; o "lobis-homem", um cachorrão, de orelhas enormes, que batiam "tlac-tlac", quando elle corria; um bicho fantastico que ceiava o que cahia em baixo do poleiro das gallinhas e tantas outras crendices populares, o Sacy só andava em noites de sextas-feiras.

E era por isso que não se faziam rosca doce, biscoitos e furrundum, de sexta para sabbado, que a rosca azedava, o biscoito não crescia e o furrundum não tomava ponto... intervenções do peste do Sacy.

Isso tudo era lá... lá no tempo, ha mais de 40 annos; e lá... lá na distancia, em uma saudosa cidade do sul de Minas.

Que agora, responder a uma das questões da investigação: — *"qual a fórma actual da crendice na zona em que reside?"*

... Sacy em S. Paulo?! Um menino de 8 a 10 annos, em S. Paulo, não sabe o que é Sacy; se se lhe falar no bichinho, elle pensa que é uma hespanholita de "cabaret", da qual o irmão mais velho fala, sempre, á mesa, ao jantar.

O Sacy do meu tempo cheirava a enxofre, esse cheira a ether, sabe a cocaina e produz tiros no ouvido. Não ha Sacy em S. Paulo. Ou, melhor, ha, mas elle não é um mytho, uma crendice popular, uma ficção; é uma realidade em carne e osso e tambem materialisada no bronze; quem quizer vá vel-o, que elle lá está, na vtirina do "Estado", pernas cruzadas, braços no peito, de oculos, cartola ao lado...

E... Sacy perigoso!

Sacy, que tem mandinga!..."

Depoimento do sr. Plinio Santos, de Ribeirão Preto

"Foi ha muitos annos...

Eu era pequenino, mas, era endiabrado como as mais endiabradas crianças criadas na roça. Levantava-me cedo, mal o dia despontava, e, depois de beber um copo de leite da vacca mungida ao pé da porta da cozinha, sumia de casa, para só voltar á hora do almoço e, ás vezes, só para dormir...

Já estava taludote — contava cerca de sete annos. Foi tomado um professor, um velho tio, irmão de meu pae, para ensinar as primeiras letras a mim, a um irmão e dois ou tres primos. Não liguei ás ordens recebidas para estudar. Sem attender a conselhos e a ralhos, continuei na minha vida de correrias. O professor, um dia, logo que me levantei, chamou-me para dar um passeio com elle e os meus companheiros de infancia. Ao transpormos uma porteira, logo á sahida do curral grande, vimos quatro ou cinco animaes, dentre os quaes um estava com uma trança na crina, em fórma de estribo, e com uma ferida no pescoço vertendo sangue. Intrigado com isso, pedi explicação ao professor:

— Foi o Sacy-Pêrêrê... Nunca o viu?... Pois, elle é um diabinho de teu tamanho, esperto como azougue, pretinho

como o Theotonio (o Theotonio era um moleque meu companheiro de travessuras), que anda sempre vestido de vermelho e tem uma perna só e um rabinho muito fino... A' noite, quando os animaes estão no campo dormitando, elle trepa no pescoço de um delles, faz uma trança na crina, para segurar-se, e suga-lhe o sangue, que é o seu alimento preferido... E' preciso ter cuidado com o Sacy... Elle persegue as crianças, principalmente nos dias de vento, quando apparece envolvido nos "rodamoinhos" de poeira...

Voltei do passeio intrigado com a explicação do professor. A' noite custei a conciliar o somno. Por fim, de cansado, dormi. Sonhei com o Sacy. Elle se me apresentou como um diabinho carnavalesco que, no Rio de Janeiro, nesse mesmo anno, dera-me uma lambada com o rabo ao passar perto de mim numa carreira doida...

No dia seguinte não sahi cedo. Fui estudar. Na hora do recreio convidei os companheiros para irmos ao terreiro ver o Sacy. Não esperamos muito. O vento soprava forte. Os "rodamoinhos" se succediam, elevando ao ar, aos turbilhões, nas suas espiraes revoltas, fragmentos de papel e folhas seccas. De repente, ao se formar ao pé de nós um grande "rodamoinho", gritei para os companheiros:

— Olhem o Sacy! E corremos todos para a casa, aterrorisados.

Era o Sacy mesmo, o moleque pretinho, parecido com o Theotonio, de roupa vermelha, com uma perna só... Era a mesma figurinha descripta pelo professor e vista no meu sonho.

De então em diante fui bom alumno... pela assiduidade. Não me aventurava, por nada, a sahir sem os companheiros e elles, mais velhos do que eu, eram bons estudantes...

Certa vez, conversando com um camarada bahiano, o Moreira, disse-me elle que era muito facil pegar o Sacy. Para isso bastava jogar um rosario bento no "rodamoinho"...

E isso tornou-se-me idéa fixa. Ter o Sacy preso! Que ventura para mim! Demais, sabia pelo camarada que o Sacy

prisioneiro tornava-se docil e muito util... Na primeira opportunidade apoderei-me de um rosario encontrado numa gaveta, e convidei os companheiros para a caça ao Sacy. A ventania soprava. Formou-se perto de nós um "rodamoinho". Atirei o rosario. Nada. O Sacy continuou a voltear, fazendo caretas... Atirei o rosario outras vezes, noutros "rodamoinhos", e sempre sem resultado... Desesperei de pegar o Sacy. Voltamos para casa e colloquei o rosario na gaveta.

Um dia appareceu em casa um padre, e uma velha tia foi á gaveta tirar o rosario para ser benzido...

Foi por isso que não peguei o Sacy — o rosario ainda era pagão...

Ha muito tempo não ouço falar no Sacy. Rara é a criança, nestas redondezas, que lhe sabe da existencia. Isso, com certeza, é porque outros mais felizes do que eu se utilisaram do rosario bento e conseguiram prender o "desgramado"..."

Depoimento de Manoel da Barroca

Este senhor, pelos modos, e apezar de assignar-se Manê, é homem da cidade, e escovadissimo. Depõe em tom dialectal como quem o conhece a fundo. E' dos taes que augmenta um ponto, quando conta um conto...

"Eu tive lendo no seu jornásinho ua istoria de Sacy Ceperé e vancês pede informaçãos sobre a respeito do tarsinho. Me descurpe falá na nossa linguage de rocêro, proque eu nunca não afrequentei iscóla; ma aprendi assassiná meu nome.

Aqui das nossas banda exeste muito desse sogeitinho; é verdade, elle exeste e aparece as veis pr'a gente; u mêmo quando éra mais menó, vi de ua feita um tinhosinho desse; eu tava carpinando um feijãosinho que nois prantemo, na berada de ua estrada veia que descanba pra casa de um tar joaquim Porquêro; quando se não quando, eu escuitei um baruinho semiante um arrastadinho de saia de muié ansin na beradinha do caminho, garrei a oiá firme pra o tar baruinho; se formô-se ua coisa que nois chama rodamoinho, bem no meio da estrada, alevantava as foia de mato pra o ar; ao depois que aserenô mais aquella coisa, eu vi

cum estes óio da minha cara, um dianho de um negrinho, de carapuça vermeia, cum uma perna só, co os óio que nem braza, dando muita rizada e pulava de ua banda pra ôtra, batendo as parma; elle tem o geito de um criolinho tal e quá; inton-se meus cabellos ficó tudo arripiado que nem pello de porco; eu se alembrei que nhá mãen contava pra nóis que já tinha topado ua incasião um dianho desse; neste sufragante o tinhoso sartô pra riba de mim égua que tava pastando ao pé da estrada, inrolô as crina da sobre dita égua, feis como um estrivo e feis a égua sahi nua desparada que parecia o dianho; a égua garrô a estrada pra banda de casa pra vê se escapava daquelle lucifésinho; eu desparei de atrais inté perto quagi do pastinho de casa; ahi eu vi ôtra veis o tar rodamoinho no caminho ao pé de mim que quagi me suspendeu pra riba; o tar sortô ua risada no meu ovido, e se sumiu; a égua tava no terrero de casa bem socegada e cum a crina tão imbruiada que foi perciso inté cortá. A' cada passinho vancê óve contá que elle aparece; disem os antigo, que esse tar Sacy é fiio dos vento, mais só qué brincá, nunca não feis mar pra ninguem; mais que exeste é verdade."

Depoimento de André Capeta

Ha, no Brasil, muita coisa digna de ser estudada para justa contribuição do nosso "folk-lore".

O africano, o bugre e o portuguez, na fusão das tres raças predominantes, criaram entidades mythologicas, crenças absurdas que nos vêm dos tempos coloniaes, passando de paes a filhos e de geração a geração.

O Sacy-cererê ou pererê é pintado com o abdomen muito desenvolvido, perneta, tendo em uma das mãos o inseparavel cachimbinho de barro. Dizem os sertanejos que o sacy tem o tamanho de um macaco, é travesso como elle e para pular leva-lhe vantagem.

Quem desconhece as façanhas do Sacy-cererê no sertão? Ninguem. E' elle, na ingenua concepção do caboclo, o negrinho endiabrado que sae á noite, assoviando pelos invios atalhos ou "carreadores" desertos, pulando prodigiosamente num pé só; é Sacy o barrigudinho moleque pygmeu que assalta, a deshoras, o incauto viandante nas estradas solitarias do sertão pedindo-lhe fumo e fogo e mostrando-lhe dois olhinhos muito brilhantes e os dentinhos ponteagudos; diz o caboclo convencido: ai daquelle que recusar satisfazel-o! o Sacy faz tanta cocega na gente que se morre de rir!

Nos sitios, quando o caipira ouve, pela calada da noite um assovio estridente vir da mata proxima diz que é o grito

do "dianho" Sacy-cererê e persignando: "cruz, crédo, canhoto, vá p'ros quintos, mardito..."

O caboclo, á noite, quando socegado na beatifica paz do rancho ouve a "correria esturdia da alimalada no potrêro" diz resmoneando que é o Sacy que anda "amuntando" no pescoço do baio mais "gavião" que nem chega no "imbornál".

Um caipira "vaqueano" nos matos embrenhados de Igarapava, contou-me certo dia, que o pouso da fazenda na Rancharia estava abandonado porque os Sacys eram tantos que não deixavam os animaes descansar; parecia "inté uma cavalhada desbragada" toda a noite, cruz, crédo! quando "garrava" clarear, quando a barra do dia vinha apparecendo os "alimá" ficavam socegados, porém, desbarrigados, com o "vasilho" no fundo e molhados de suor que fazia pena!

Os tropeiros de Uberaba, Araguary, Rio Claro, Catalão e mesmo até os da Bagagem refugavam o pouso fatidico e diziam em annexim que ficou divulgado:

"Quem dorme na Rancharia
Não tem alimá p' otro dia."

Em M'boy, aqui em S. Paulo, ouvi ha pouco tempo um velho caipira dar um original conselho ao afilhado:

— Tonico, disse o "dindinho" ao caboclo de barba rala de cará-mimoso, córte a crina do seu "pangaré", p'ra mór de o Sacy deixá o alimá em paz".

O "pangaré" do nhô Tonico depois de tosado engordou, ficou "gavião" e tão "cavorteiro" que nem cêrca de arame farpado respeitava.

Um dia o astuto João Batuira encontrou-se com o afilhado e disse-lhe com muita graça: o pangaré que tava qui nem pulêro de carancho, ficô bunito depois que o Sacy perdeu o estribo..."

Depoimento do sr. N. Carneiro

Este senhor viu o Sacy com os olhos que a terra ha de comer. Viu-o em criança, e viu-o em adulto.

E o sr. Cons. Accacio tem o topete de acoimar o Sacy de "superstição grosseira"! Uma creatura que o sr. Carneiro "viu"!

Em Agosto do anno transacto, viajando elle pela Ribeira, na lancha "Prainha", como esta abicasse para pernoite, o sr. Carneiro desembarcou e foi procurar abrigo numa palhoça proxima. A noite estava de breu e elle, esquecido das impressões infantis, sahiu a espairecer nas trevas. Estava absorto, em uma moita, a ouvir a unica estrella lucillante no céu, quando dá com um Sacy na sua frente. Estarrecido de pavor grita: Cruz! Credo! Valei-me Senhor Bom Jesus!

O capetinha abriu, mas até hoje o sr. Carneiro conserva nitido no ouvido o assobio agudissimo que o moleque desferiu: Cacy-pêrê-sem fim...

Na sua infancia, em Iguape, foi muito perseguido por elles. Affirma sob palavra de honra que até aos 13 annos foi victima de varios encontros com o diabinho. No caminho do porto da Ribeira, no largo das Dores, ao pé do cemiterio, no largo de S. Francisco eram frequentes taes encontros. Certa vez, no largo de Santa Cruz vinha elle com um pote d'agua á cabeça, quando um Sacy cavalgando em pêllo o surprehendeu. Ninguem imagina, diz elle, a corrida emocionante, desvairada, só comparavel aos antigos pegas entre Guayanaz e Aventureiro, que eu dei para não ser agarrado! Afim de evitar essa perseguição começou a usar no pescoço enormes rosarios de capiá e olho de cabra, e ainda boas rezas encastoadas. Diz ainda:

"O Sacy é um typo "mignon", preto, lustroso e brilhante como o pixe, não tem pêllo no corpo e nem á cabeça; dois olhinhos vivos como os da cobra e vermelhos como os de um rato branco; a sua altura não passa de meio metro; possue dois braços curtos e carrega uma só perna, com esta pula que nem cotia e corre que nem veado, o nariz, bocca e dentes igualam-se aos dos pretos americanos.

O Sacy pratica factos impagaveis, segundo estas narrações:

1.ª

Contava o meu avô: uma vez, daquella outra banda do rio, ouvi que me chamavam pelo nome "seu Joaquim!"... "Seu Joaquim!"... Era voz de gente... percebi. Escolhi o melhor varejão, embarquei na maior canôa e atravessei o rio que fica opposto ao meu sitio. Eram onze horas de uma noite clara como a agua.

Quando lá cheguei nem uma alma vi! Chamei, assobiei, esperei e cansado retrocedi. Era, então, meia noite passada. A maré não tinha ainda subido e o varejão alcançava perfeitamente a areia do rio e a canôa, embora remada com força, custava a caminhar, como se estivesse carregada de chumbo! Lidei; suei e, empregando o maior esforço, consegui aportar no meu sitio; nem bem a canôa embicava no seu porto de atracação e já della saltava — quem? um Sacy, um demonio em miniatura, que acabava de me pregar essa peça! Não podendo esse diabo atravessar a agua, porque Deus disso o prohibiu, valeu-se da minha canôa, do meu bom humor, para, cá, deste outro lado, vir judiar das minhas criações!

2.ª

Contava minha tia: Uma vez, nesta nossa casa, feita de barro e de jissára, já esburacada de velha, precisei, altas horas da noite, ir ao quintal, acudir os cachorros que latiam sem cessar, como a pedir que alguem os soccorresse de um malfeitor qualquer; mais que depressa enfiei a saia sobre a camisa e tonta de somno cheguei á cozinha e dahi não passei; não pude passar! Um Sacy, firme na porta, arreganhado, desdenhando da minha solicitude, pachola, teve para commigo esta phrase: — "Boa noite! Dona Evarista!" Desmaiada, cahi, e, até hoje, não posso recordar-me dessa figura exotica, sem um nojo, sem um asco, pois que ainda fede a enxofre!

3.ª

Contava uma nossa aggregada:

Eu, na minha profissão de pastelleira, costumava deixar feita a massa de um para outro dia. Porém, constantemente, a massa não era aproveitavel, pois, no dia seguinte, a mesma se encontrava suja e com manchas sanguineas. Aconselhada, sabedora que o autor dessa malvadez outro não

era que o Sacy, comecei a fazer na massa, que ficava de um para outro dia, uma enorme cruz traçada com os dedos. E deu tanto resultado essa medida que jámais o Sacy ousou tocal-a com as mãos sujas e ensanguentadas. Mas, uma noite, escutem: Eu cochilava sobre a mesa dos pasteis e, ao despertar, um Sacy, de physionomia alterada e aggressiva, intimou-me: "Nha Monica! Amanhan me faça um pastel grande, grande, assim!" e abria os bracinhos, alongando-os, e ao mesmo tempo rindo-se, sarcasticamente, a valer!...

*
* *

O Sacy, segundo o que sei, tem poder sobrehumano, torna-se invisivel quando quer, penetra nos lares pelo buraco das fechaduras e abre qualquer porta, embora esta permaneça amparada por tranca de pau ou de ferro, salvo se a mesma contém, como é de costume na roça, oração ou cruz pelo lado interior. O Sacy é bom cavalleiro, gosta da montaria e escolhe, de preferencia, o animal chucro ou por demais esperto e corredio; diverte-se em fazer na crina do animal, trança, que, nós, pobres mortaes, para desfazel-a, perdemos, sem exaggero, quasi um dia inteiro; sova a cachorrada que o acua, deixando-a em misero estado.

O depoimento de Conchas

Conchas falou por bocca do sr. Benedicto Gomide, o qual disserta sobre a crendice popular declarando que é um "espirito decididamente controverso ás tradições imaginarias, abstractas, não crê absolutamente nas parlapatices dos nossos maiores". Cita a historia de um fidalgo da côrte de Luiz XVI que, tomado de pavor, fugiu do palacio real de Versalhes, perseguido por um Sacyrocócó, e accrescenta que se o facto não é real, deu-se pelo menos... nas immediações do palacio do rei..."

E assim, nas asas dum calembur, faz uma involuntaria zumbaia ao Trianon cuja Maria Antonietta, entretanto, está adherindo ao movimento. Já metteu lá um sacysinho preto retinto, de barrete vermelho, a que chama "chasseur", e que de facto é um terrivel "chasseur"... de nickeis.

Depoimento de um lente de Psychologia e Pedagogia

O Dr. Carlos Silveira depõe de São Carlos, de cuja Escola Normal é professor distincto.

O Sacy dos logares em que passei a minha infancia não era uma "individualidade" fixa, antes pelo contrario apresentava certas variantes, ao sabor da fantasia dos narradores. Como, porém, eu residi durante a minha meninice em Queluz, Silveiras (de onde sou natural) e Pinheiros, pontos extremos do nordeste de S. Paulo, é possivel que as variantes da crendice proviessem da influencia mineira principalmente e, um pouco, da fluminense. Aos 15 annos mudei-me para S. Paulo e, como é natural, nunca mais ouvi falar da principal figura da nossa mythologia, numa cidade que se enche de "ovos de paschoa" e de "lebres", por occasião da quaresma, ou de "Papás Noel" encapotados, no pleno rigor do nosso estio. Mais tarde, o destino atirou-me para esta zona caféeira e aqui, talvez pelo pouco tempo de moradia, na cidade exclusivamente, ainda não ouvi falar de nenhum Sacy. Ignoro o estado da crendice na minha terra, mas é de presumir que não tenha variado, pois nem o elemento

alienigena é tão forte, por aquellas bandas, nem outras causas existem concorrendo para esse fim.

Apesar de receber a crendice de gente desabusada em materia de superstições, confesso que o duende, sendo eu menino, deu-me bastante medo, talvez por contagio do temor de outras crianças. A minha concepção pessoal do Sacy era a de um sujeitinho cabuloso, arteiro, irrequieto, muito moleque, sendo todavia desprovido de maldade; gostava, sobretudo, de prégar peças aos... medrosos. Quanto á forma, differia um pouco da criação de M. L. de Oliveira Filho por ser perneta á moda humana, isto é, com uma perna de um lado, sem comtudo necessitar de muleta senão apenas de um pauzinho, mais ou menos como o "homem da rodinha". A respeito do traje as opiniões discordes apagaram a minha propria. Numa occasião, dois fazendeiros discutiam sobre o Sacy:

— Pois não tinha um jalequinho vermelho?

— Tinha, sim!

— Então não era Sacy, era Sacy-trique.

Do dialogo se infere que o Sacy não usa roupa encarnada, privilegio, ao que parece, de uma outra entidade, quiçá de origem africana — o "Sacy-trique".

Por estas alturas o sr. M. L. de O. F., partidario intransigente do nominativo "pêrêrê", escamou-se contra o "trique", rampa insidiosa capaz de, com a aproximação dos Santos foguteiros, originar a especie nova e desmoralisadora do Sacy-traque. Felizmente tal não aconteceu.

Sei que o Sacy faz diabruras por esse mundo afóra; chupa animaes, nos pastos, implica com as cozinheiras apagando o lume, bulindo nos tições ou ainda destapando as panellas... Ha tempos o sr. Edmundo Krug fez, na Associação Christan de Moços, ahi na capital, uma interessante

conferencia cheia de historias do talzinho; eram de fazer rir. Caso original só conheço um e é o seguinte:

Uma parenta minha, senhora de espirito e nada medrosa, estava um dia assentada na sua rêde, num canto do quarto da velha chacara. Balançava-se ella lentamente e ia quasi pegando no somno, pois o calor era forte, quando ouviu uma vozinha melliflua, entre affavel e ironica:

— Boas-tardes, como vae a senhora?

Minha parenta olhou e ficou estarrecida com a apparição. Ao seu lado, empertigado, lá estava o negrinho arreliento, com um ar superior de grande troça. A interpellada, surpresa e atemorisada, numa atrapalhação sem conta, nem respondeu sequer ao delicado cumprimento, pelo que o Sacy (era elle em carne e osso!...) tornou:

— Até logo!

Ahi sim, é que a minha parenta quasi teve uma syncope. Que "elle" viesse uma vez, vá; mas prometter nova visita, com o seu "até logo!", isto era mesmo de arrepiar os cabellos aos mais valentes...

Já lá vão, porém, longos annos e, que eu saiba, o traquinas ainda não veiu. Talvez até tenha morrido de alguma indigestão de "foie-gras" no... Trianon!"

SACY ASSUSTANDO O PRETO, aquarella de Norfini

Depoimento de V. P. C.

Affirma não haver crianças desconhecedoras do Sacy, cuja tradição lhes é transmittida pelas amas e crioulinhos. Familias ha, entretanto, nas capitaes, cujos filhos são desnacionalisados desde o berço pelas amas estrangeiras. Os pequenos chupam um leite de gallega para começar; guialhes os primeiros passos uma italiana; o desenvolvimento do espirito é norteado por governantas inglezas ou allemãs cujas historias, se as contam, são cousas tendentes a desapegal-os da terra. Revolta-o esta xenomania. Quer cada roca com o seu fuso. Cita a Grecia. Cita Angiulli, recentemente posto em voga pelo sr. Adalgiso Pereira com grande magua do sr. Papaterra. E prova que para termos bons nacionalistas é mister crial-os do berço, com leite caracú e sacys.

"Nascido no interior do Estado do Rio ouço desde criança falar no Sacy-pêrêrê. Uma vez descreveram-me assim, essa coisa que não se sabe ser homem ou animal: — Peque-

no, negro como azeviche, olhos grandes que parecem soltar chispas, tal é o seu brilho e a ligeireza com que se movem; o nariz é comprido e arrebitado; a bocca parece mais uma caverna de fundo vermelho, que ao se abrir mostra duas fileiras de dentes horriveis, cortantes como navalhas; os cabellos e o bigode parecem fios de arame, tal é a sua dureza. Tem uma perna só e visto de longe, assemelha-se a um moleque, desses que ha em grande quantidade nas estradas e fazendas. Dizem mais que, o seu contacto além de asqueroso, offerece o perigo de queimar quem lhe cahir sob as garras. O meio mais efficaz para afugental-o é, segundo dizem os fluminenses, chamar tres vezes pela Virgem Maria, á qual elle tem um grande horror. Ouvi de um preto velho a seguinte historia, que me deixava transido de medo, quando nas horas mortas da noite eu parecia ouvir a voz do Sacy-pêrêrê que dizia: — "Sacy-pêrêrê, minha perna dóe como que". A historia era mais ou menos assim: — Uma noite, começou elle, dando á voz um accento macabro, tão usual nos do sertão, eu vinha da casa de um compadre, cuja mulher estava á morte; a noite era tenebrosa, uma noite de inverno sem lua; um vento frio zunia, qual um gemido abafado, fazendo oscillar as grandes arvores da margem do caminho, que mais pareciam fantasmas, estendendo para o ar seus longos braços. Era medonho o espectaculo que se desenhava a meus olhos; ao som da meia noite, ouvi longe, muito ao longe a voz do Sacy-pêrêrê, acompanhada do pio agoureiro da coruja, pousada no cemiterio proximo. A besta na qual eu vinha montado, empinando as orelhas, estancou subitamente, tomada de grande panico. Foi tal o meu medo que até perdi a voz, não podendo nem gritar, e sem ter força para sacar da garrucha, para fazer fogo naquelle maldito moleque, sahido dos quintos dos infernos (ao ouvirem semelhantes horrores todos os presentes se benzeram, e eu todo arrepiado agarrei-me ás saias de minha mãe, não obstante já ter 7 annos). Elle continuou: cada vez a voz se tornava mais clara, até que na dobra da estrada surgiram

dois olhos de fogo — era o Sacy. Diante do perigo recobrei animo e chamei tres vezes por Maria; foi agua na fervura; a peste do negro, metteu o pé sem olhar para trás, até sumir por trás do muro branco do cemiterio.

A besta então, aproveitando a occasião largou numa carreira louca até a cidade, onde cahiu morta de fadiga. Desde esse dia nunca mais passei de noite pelo cemiterio. Como já fossem horas de dormir minha mãe levou-me para casa; tive um somno accidentado e vi em sonho a historia contada pelo tio Damião.

Depoimento do sr. João B. de Andrade

O sr. João B. de Andrade consulta um velho boiadeiro, Nho Vadô Rodrigues e manda a versão do caboclo em dialecto: Traduzimol-a para mais facil leitura. O sr. Vadô não concorda com o Sacy do Poá. Não está certo. O Sacy bota fogo pelos olhos, como a mula sem cabeça bota fumaça pelas ventas. Já viu rasto do moleque: é que nem rasto de antinha nova, tem tres casquinhos. A cuinha que elle traz na cabeça é pintada de urúcú e alumia; o resto do corpo é tisio de uma vez. Ha um sacy caseiro, tentador das moças, chamado tatêrê; quasi igualzinho ao outro, é, porém, maior, e mais varado, e anda sempre petequeando uma braza que cáe pelo furo dúa mão n'outra. Anda nú, tem barbica de cabrito desmamado, beiço vermelho e traz a lingua de fóra. O tatêrê tem cara de piá, usa camisa, tem côr de -for miga e não tem espora. Em Minas ha um muito reinador que atenta os garimpeiros, vira os corumbés, esconde

a matula, é treiador com as moças e apadrinhador de casamentos. Um faiscador seu compadre disse-lhe que se chamava essa especie sacêrê. Tambem usa calça de algodão e entra n'agua sem se molhar.

Depoimento do sr. João Lobo

Um caboclo velho, Reginaldo, caçador profissional, levava uma vida nomade: 15 dias em uma fazenda, quinze dias em outra, só se occupando de caçadas e contando historias á noite. Bom homem, em extremo paciente, era estimado de todos e em toda parte bem recebido, deixando sempre saudades quando sahia. Muito gordo (hydropico) sentia em excesso os effeitos do calor, de modo que, a não ser no inverno, só viajava á noite e "a passo" porque nenhum animal seria capaz de o transportar uma legua "a trote ou marcha".

Certa vez, como de costume, o nosso Reginaldo mudou de pouso, tendo de fazer á noite umas cinco leguas, "daquellas mineiras" de espichar o beiço. A certa altura, num vargedo comprido, onde o caminho era margeado de macega, o nosso heróe viu cahir o freio da bocca do animal, ficando-lhe suspenso pela redea. O animal, manso, paciente, habituado já com a pachorra do dono, estacou. O homem desceu, examinou a cabeçada e achou tudo em ordem: nem uma tira de sola partida. Achou o caso original, olhou para um e outro lado, nada viu, repôz o freio e continuou. Pouco adiante, trin-tilin-trin, tornou a cahir o freio: novo exame, nova inspecção local, tudo em vão.

O homem montou novamente, mas agora olhando attento para todos os lados; queria vêr de onde partia a "brincadeira". A lua estava "que nem dia"; o campo era mais limpo e ninguem se poderia occultar á margem do caminho sem ser presentido. Dois passos mais e trin-tilintrin — lá se foi outra vez o freio ao chão.

O Reginaldo era corajoso, mas, confessava, dessa vez os cabellos lhe arrepiaram, e, como o heroe do poeta lusitano, que cantava pelas estradas para espantar o medo, gritou a todos os pulmões: — "isto será o Diabo?"

Uma estridente gargalhada respondeu-lhe ao lado. Olhou e viu num secular toco de peroba, que as queimas periodicas não tinham conseguido destruir, um molecote preto, de beiços vermelhos como açafrão, de cocoras, a rir perdidamente. Um signal da cruz, a exposição de um bentinho que nunca abandonou, fez o milagre: o Sacy desappareceu e o homem concluiu a viagem.

— De outro facto me lembro e este por muito tempo exerceu sobre mim influencia malefica porque se passou perto de casa e me trazia em constantes sobresaltos. Meu pae mandou certa tarde, já ao anoitecer, um empregado (camarada, como lá diziamos) á fazenda de um vizinho (cerca de duas leguas) ver uma coisa qualquer. O homem demorou-se na prosa e regressou já depois de 11 horas. Estavamos dormindo e acordamos em sobresaltos aos seus gritos. Chegou extenuado e só passados momentos poude coordenar as idéas. Ao passar a mata virgem, ponto divisorio das duas fazendas, o moleque pulou-lhe na garupa e cruzou-lhe as mãos no "imbigo". O cavallo bufou e disparou. Ao abrir a primeira porteira olhou para trás: o "capeta" estava firme e gritou: "toca depressa". Dahi veiu aos berros até á casa. E o facto é que o cavallo estava extenuado, escorrendo suor como uma bica d'agua.

— Outro empregado da casa, que dormia num giráu, em baixo do sobrado, num commodo terreo em cujo centro accendia fogo todas as noites, contava que certa noite acor-

dara, violentamente agitado por um assobio, estridente como nunca vira, que lhe entrára pelo ouvido direito e sahira pelo esquerdo. Assentou-se na cama. O braseiro estava ainda muito vivo, dando relativa claridade ao aposento. Nada viu, mas o tropel dos animaes em torno do curral denunciava qualquer coisa de anormal. Dispunha-se a levantar para vêr se algum ladrão tentava uma sortida, quando a porta se abriu e o Sacy entrou: era um moleque retinto, sympathico, de labios muito vermelhos e calças arregaçadas, e foi logo assentando-se no chão, ao pé do fogo. Pegou de uma brasa e começou a brincar com ella, atirando-a de uma para outra mão. Como se sabe, o Sacy tem a mão furada e quando a brasa acertava no furo, cahindo ao chão elle dava uma gargalhada e olhava para o seu vizinho, encolhido na cama, hirto de medo. O homem suava e não podia gritar porque a lingua estava pregada. Afinal, num esforço supremo, ergueu-se e começou a fazer o "Creio em Deus Padre" em Cruz (Credo).

O Sacy ergueu-se, fitou-o desta vez muito serio, deu um novo assobio ainda mais forte e desappareceu.

Depoimento do sr. Miguel Milano

No S. Paulo antigo havia tanto sacy como no sertão. O sr. Milano, legionario, em menino, duma famosa saparia do Piques, o documenta.

"Ha já cinco lustros, morava eu na ladeira do Piques, hoje coronel Quirino de Andrade.

Por esse tempo a rua da Consolação prolongava-se, como agora, até Pinheiros, e era pontilhada aqui e alli de velhas habitações, as quaes deixavam entre si largos tratos de terreno inculto e deshabitado, cada um tendo a sua historia de fantasmas.

Entre a Consolação e o bairro do Bexiga havia um valle profundo, sulcado pelo Anhangabahú, valle que se explanava com ligeiro declive, pouco acima do tanque do Bexiga até o "Redondo", para continuar mais ou menos accidentado pela avenida Paulista e Villa Buarque, vestido de uma vegetação que, não sendo luxuriante, apresentava-se, comtudo, cerrada e cheia de vida.

Era alli, naquelle enorme trecho, coberto hoje de casas nobres, que exercia seu predominio a "saparia" do Piques — de que eu fazia parte — e onde desenvolveram a sua ir-

requieta "actividade" infantil muitos dos mais conspicuos personagens do nosso actual mundo politico.

Então, os caipiras que desciam á cidade, para mercadejar, não iam além da venda do coronel Quirino — contigua á de meus paes — ou, quando muito, faziam ponto no largo do Piques, em pequena ponte de madeira que já não existe.

Foi numa destas tropas de caipiras, sentado ao pé delles e com elles almoçando a deliciosa farofa de carne e farinha de mandioca, que, pela primeira vez, ouvi falar do "Sacy-pêrêrê".

Segundo o testemunho de um velho caipira de barbas longas e ralas, a quem coube narrar o caso, e que jurára sobre uma cruz feita pelos dedos indicadores, de como tinha visto e quasi "amarrado, um delles com rosario, o "Sacy" não passava de um miudo negrinho — cara de macaco, muito delambido — filho do diabo, dotado de uma perna só, com cauda regular, e que desenvolvia uma velocidade superior á de um cavallo.

—O dianho do "tiziu" não corre, avôr, — contava o caipira, arregalando os pequeninos olhos; — e quando "amunta num cavallo, o pobre "bicho" sente "tar" peso que não vai nem p'ra diante, nem p'ra "trais". Despoi elle fais uma porção de trancinha no rabo do animá, fais elle corrê p'ra tuda parte, sempre amuntado em cima, e só larga o coitado despôi de derreado.

E proseguiu.

— O'i minino, vancê já não ôviu elle cantá de tardinha "sácy, sácy"? Pois é elle que anda em procura dos minino que vai caçá passarinho e escangaiá os ninho, p'ra mórde enfiá elles num buraco muito fundo e judiá delles. E quando elle encontra muié, meu fio, fais um estrago desgramado. A muié de "nhô Chico" chegou em casa della com as rôpa tudo rasgada e percisou rapá o cabello, de tanto que elle judiou della. Eu percisei, ôtro dia, cortá o rabo da minha russa.

E aqui parou o velho caipira, desviando a conversa para outro rumo.

Effectivamente, muitas vezes ouvira proximo de mim, quando no campo, os pausados sons de uma ave, como a dizer "sá-cy, sá-cy" e sempre ao cahir da tarde; mas, se bem que profundamente impressionado, quiz ouvir os companheiros mais velhos, e estes confirmaram o que dissera o caipira, adiantando mais outra passagem.

— Você não viu ainda o "rodamoinho" que o vento faz, levantando um "monte" de poeira do chão?

— Sim.

— Pois é o "sacy" que está furioso, e faz aquillo.

— . . . !

E'. Olhe, um dia que elle se zangue, você verá o "Sacy".

— Como!?

— De um modo bem simples. Quando o "rodamoinho" se fórma, a gente faz uma cruz, com um rosario benzido, no meio delle e deixa-o alli ficar. O "rodamoinho" pára, o pó desce o "Sacy" apparece, começando a dansar. O rosario o deterá alli por muitas horas, se ninguem o soccorrer; mas, á meia noite, ajudado pelo diabo — seu pae — elle consegue livrar-se e... pobre de quem o prendeu, se algum dia lhe cahir ás mãos!

Esta experiencia, feita muitas vezes, pelos mais valentes da "troça", em presença dos medrosos que se conservaram a distancia, jámais deu o resultado almejado. Mas encontrou-se sempre um quê de defeituoso no trabalho, razão por que a crença criára raizes fundas, a ponto de, muitas vezes, na caça de passarinhos, o campo se nos afigurar pequeninissimo, tal a furia com que o percorriamos, acossados pelo canto da ave mysteriosa: "sá-cy, sá-cy!"

Gaiolas, alçapões, laços, visgos, tudo lá ficava largado no meio do mato, sem que nos atrevessemos a ir em sua procura.

Naquelle tempo, pelas bandas do Piques, o Sacy era até o protector dos ninhos de passarinhos; hoje, que a lenda quasi desappareceu, a criançada perversa e má leva o seu

atrevimento ao ponto de, nas ruas da nossa metropole, matar as pobres avesinhas com "estilingues", diante dos indifferentes olhares dos nossos "policemen"!...

Passaram-se tantos annos e, ainda hoje, ao rabiscar estas linhas, o cadenciado cantar da ave que parece dizer "sa-cy, sa-cy", trouxe-me ao coração a doce reminiscencia de um passado cheio de encantos, passado que não mais voltará."

Depoimento do sr. J. Pires

Devo dizer que na minha infancia o conheci por Sacy-siriry. Fiz sobre o Sacy a concepção de que tinha a fórma humana — era um homem baixo, entroncado e forte; physionomia ameaçadora, tinha uma perna mais comprida que a outra, tendo, por isso, o corpo pendido para o lado; braços muito curtos e vigorosos. Era, na cidade onde nasci, o pavor da criançada. Quem me contou da existencia do Sacy foram pretos velhos, ex-escravos de meus avós e tios-avós, que diziam ter visto o Sacy e, muitos delles, contavam de lutas que travaram com o Sacy e sahiram victoriosos ou porque veiu alguem em seu soccorro ou porque o Sacy ouviu o latido de um cão ou o tropel de um animal. A aproximação de qualquer pessoa era o sufficiente para o Sacy desistir da luta e correr.

Ha muito tempo que resido aqui, na capital, onde, parece, ninguem crê na existencia do Sacy.

Na cidade onde nasci e passei a minha infancia, existia uma grande ponte que ligava a estação da estrada de ferro á cidade. Essa ponte era muito alta e comprida e, por baixo era um grande charco cheio de mato. Diziam que era alli, debaixo da ponte, que morava o Sacy.

Quando sahia de casa, á tarde, tinha o cuidado de voltar antes que o sol se escondesse porque emquanto o sol estava de fóra não havia perigo do Sacy apparecer e depois que o sol entrava não havia criança que, estando só, escapasse as iras do Sacy!

Lembro-me que uma vez demorei-me um pouco mais que o costume em casa do meu avô, onde ia todas as tardes e, para voltar á casa de meus paes, tinha que atravessar a ponte. Ia eu com muito medo porque já estava começando a escurecer. Quando me aproximei da ponte um pequeno me contou que o Sacy tinha atacado o accendedor de lampeões e tomado a escada, levando-a para debaixo da ponte. O homem por muita felicidade tinha conseguido escapar!

Voltei chorando, e contei ao meu avô o caso todo; como eu não quizesse pernoitar fóra da minha casa mandou, meu avô, que um seu empregado me acompanhasse, dizendo: "mate o Sacy, se o encontrar". Essa autorisação de meu avô me deu muita coragem e fez com que eu, na ponte, chamasse pelo Sacy e o desafiasse!"

SACY E AS PRETAS, aquarella de Richter

Depoimento do sr. M. L. de Oliveira Filho

O sacysante-mór, de S. Paulo depõe em prol da pretidão do moleque, posta em duvida por alguem. Jura que o diabinho sempre foi "pi-hu pitú, piúna" ou "pixuna", isto é, preto de pelle, como tambem a curupira, o capóra e em geral toda a assombração, exceptuadas a m'yára (mãe d'agua) e o M'boytátá. Acha errado escrever pêrêrê sem o "g" final, que Montoya assignala e sem o primeiro "e" agudo. Não é phonetico. Quer a etymologia p'r'ali!

A' beira do Paranapanema ouviu de "cocre", perto do moquem, o seguinte caso contado com socego pelo Antonio Fernandes, "caboclo de dentes ralados, mas duro que nem anta".

"Voltando de a pé da capellinha do campo já noite escura que nem cozinha de negro, quando ia atravessando um estirão de mato, de repente uma coisa começou a roncar atrás de mim como sororóca de quem já vae morrer. Frio de medo não tinha animo de olhar para trás, descasquei o pé na estrada; o barulho sempre atrás de mim cada vez mais perto.

Já com o folego curto "trupiquei e m'estendi; o ronco passou por riba me deixando mais frio do que "largato":

cruiz, credo, Nossa Senhora! gritei tres vezes, deitado de bocca p'ro chão.

"Garrei" no sono. Acordei com duas braças de sol, que nem pinto de suado. Estava rentinho com a tapera do Supriano, sem chapéu, vendendo farinha; tinha perdido a cinta com a faca e o "arreadô" prateado.

Olhei no chão para vêr de que lado tinha vindo, nada de rasto no trilho: ouvi tres assobios que vinham de dentro da tapéra, toda tramada de purunga; olhei para cima e vi o chapéu, a cinta com a faca e o relho "pindurado" num barrote, fui buscar e espiei para dentro; vi um Sacy curupiando no meio da casa com a lingua de fóra; assobiou tres vezes e sumiu. Tomei o rumo de casa socegado como se não fosse nada. O Sacy parece que me tinha curado do medão.

Logo que botei o pé na porta da minha casa vi cruzar na cozinha o chale azul da Nha Nica que tinha chegado naquella horinha. Parei e "garrei" a "maginá": o diacho do Sacy me preseguiu tanto, me fez dormir no mato só para me fazer chegar na horinha mesma de mi encontrar "coa" minha sahyra cubiçada.

Pensei na sororóca, no tombo, na cinta, no barrote, na tapéra, no Sacy pererecando, nos assovios: como que acordei ouvindo a nha mãe dizer: elle qué bem vancê que não é vida, tá bão mêmo para vanceis dois misturá os pellego lá pra São João.

Abençoei o Sacy dez vezes; se não fosse elle eu não tinha chegado naquella horinha em que se marcou a minha sorte. Na vespera de São João, na mesma hora do dia do Sacy, eu chegava em casa de volta da capella com a Nica minha "muié", todo envergonhado, com o pé queimando no sapatão e "alembrando" do Sacy.

Tres vezes elle me appareceu, esse "cuisaruinzinho desgranhado"; elle "atenta" primeiro para depois se rir: na tal noite, no dia que nasceu o Neco, meu filho, e quando elle casou com a Candoca do capitão. Arreliou primeiro todas tres vezes."

Depoimento do "assiduo leitor" A. P.

Descreve uma velha tia Rufina, moradora em palhoça de sapé, e da qual ouviu as primeiras historias maravilhosas. D'entre ellas as de Sacy eram recebidas pela criançada com especial encanto.

Do Sacy nos falava ella de modo que nunca saberei repetir. Dava-o como sendo um negrinho de cabeça oval e olhos vivos, que andava á noite pelo campo a judiar com os animaes. Vestia sempre camisolinha vermelha, andava aos pulos, e vivia num assobiar constante.

Durante o dia gyrava nos redomoinhos do vento, de uma maneira imperceptivel; e á noite fartava-se de brejeirices.

Entrava nos quartos pelos buracos das fechadura, escarafunchava as gavetas e por fim ia ter á cozinha. Ahi elle se deliciava á vontade com grandes baforadas de fumo, aproveitando-se dos pitos das velhas pretas. Depois de tudo isto, o incansavel crioulinho lá se ia para os campos enredar as crinas dos pobres animaes.

Depoimento do sr. Jorge Nobrega

Aborda o assumpto com muita competencia e expande-se em considerações filosoficas sobre a formação das crendices na psychica popular. E conclue:

"Passei alguns annos em uma das nossas cidades do litoraal, terra lendaria que conserva como reliquia dos tempos coloniaes certos monumentos de valor historico e resistencia invejavel.

Affeito ás viagens pelo municipio, estudei um pouco o povo que me cercou sempre generosamente: o brasileiro cultiva a hospitalidade como um dogma.

Conheci duas classes distinctas — o caipira abnegado e o cidadão obsequioso e justo. Em todas porém, predomina a hereditariedade; o homem crê invariavelmente nos ensinamentos da ascendencia e guarda-os como se fossem perolas de rarissimo valor, e a evolução das camadas mundanas, o progresso, não conseguem afastal-os da herança dogmatica.

Nesse povo laborioso e ordeiro, a crendice nos espantalhos da noite é enorme; e o Sacy que é o coração que alimenta tres arterias — o "lobishomem", o "cavallo sem cabeça" e

a "bruxa", preside condignamente o "directorio" da sua crença de medo. .

Entre os caipiras, que são de duas especies: os "praianos" e os "sertanejos" o Sacy é conhecido sob diversas fórmas. O Sacy da beira-mar, segundo os "entendidos" é um negrinho perneta que lança fogo pela bocca e usa barrete vermelho.

O sertanejo, porém, dá-lhe outra configuração: um preto baixo, gordo, com dentadura perfeita e bem alva; usa um bastão, mas não pula... Suas manifestações variam segundo o tempo, a estação, a hora ou a sensibilidade de que se acha possuido no momento da apparição.

Ha ainda quem diga que o Sacy é uma ave preta com bico vermelho, e igual ao "anuu".

Pela manhan, dizem, elle assobia agudo, mas longe; ao meio dia, acompanhando os que trabalham, elle sibila de surpresa aos ouvidos; á tardinha passeia pelas roças e pastos e distribue aos animaes, valentes surras de chicote.

A peor hora para o credulo é a meia noite. Ahi, cuidado com as rêdes de pesca, fachos e lanternas; até ás duas horas assobia "sacy-perêrê", num diapasão tão forte que até abala as casas e faz estremecer o solo.

Dahi é que vem o terror do caipira e o horror da petizada que, em brulhada nos cobertores, nem respira, ao menor barulho que ouça a altas horas da noite."

Interregno

Andava o inquerito por estas alturas quando o sacysante M. L. houve por bem voltar á imprensa com impressões concebidas nestes termos:

O Sacy

A rotação da terra gera a noite. A noite gera o medo. O medo gera o sobrenatural. Divindades e demonios têm a origem commum da tréva. Quando o sol raia a natureza despovoa-se. Cessa o sabbat. Satan afunda no Averno seguido do sequito inteiro de diabos menores. A bruxa reveste a fórma humana. O lobishomem perde a natureza dupla. Os fantasmas diluem-se em nevoa. Os duendes evaporam-se Os gnomos subterraneos mergulham no escuro das tocas. A capora deixa em paz o viajante. As mulas sem cabeça reincabeçam-se, e vão pastar mansamente. As almas penadas fecham-se nas tumbas. Os sacys param de assobiar e cansados duma noite inteira de molecagens escondem-se nos socavões das grotas, no fundo dos poços, em qualquer lura onde não penetre a luz, sua mortal inimiga. Filhos da sombra ella os arrasta comsigo mal o Sol annuncia, pela bocca da Aurora, o grande espectaculo diario em que a Luz e sua filha a Côr esplendem em fulgurante apotheose.

A tréva batida de todos os lados refoge para os antros onde moram a coruja e o morcego. E nessas nesgas de escuro apinha-se a fauna inteira dos pesadelos, tal qual as rans e peixinhos aprisionados nas poças sem esgoto quando após as grandes enchentes a agua se escoa. E como nas poças verdinhentas a trahira permanece immovel, e a ran muda, assim a legião dos diabos se apaga de tal fórma que inutilmente tentarieis surprehender unsinho sequer. O Sacy, por exemplo. Abundante á noite como o morcego, nunca se deixou pilhar de dia. Mettido nas tócas de tatú, ou nos ôcos das arvores velhas, ou alapado a baira-rio em solapões de pedra limosa com a retrança das samambainhas á entrada, o moleque de carapuça vermelha sabe como ninguem o segredo de invisibilisar-se. Não colhesse ele, todos os annos, pela noite de S. João, a mysteriosa flôr da samambaia!...

Mal, porém, o sol afrouxa no horizonte, e a morcegada faminta principia a riscar de vôos estrouvinhados o ar cada vez mais escuro da noitinha, a saparia pula dos esconderijos, assobia o silvo de guerra — sacy-pêrêrê — e cae a fundo nas molecagens costumeiras. A primeira victima é o cavallo. O Sacy corre aos pastos, laça com um cipó o animal escolhido — e nunca errou uma laçada — trança-lhe a crina para armar com ella um estribo, e dum salto eil-o montado á sua moda. O cavallo toma-se de panico, e deita a corcovear pelo campo afóra emquanto o perneta lhe finca o dente numa veia do pescoço e chupa gostosamente o sangue até enjoar. Pela manhan os pobres animaes apparecem varados, murchos dos vazios, cabeça pendida, e suados como se os afrouxasse uma caminhada de dez leguas beiçaes.

O sertanejo premune-as contra esses maleficios pendurando-lhes ao pescoço um rosario de capim ou um bentinho. E' agua na fervura. Farto, ou impossibilitado daquella equitação vampirica, o Sacy procura o homem para atanazal-o.

Se encontra na estrada algum viajante tresnoitado, ai delle! Desfere-lhe de improviso um assovio no ouvido, escarrancha-se-lhe á garupa e é uma tragedia inteira o resto

da viagem. Não raro o misero perde os sentidos e cáe á beira do barranco até dia alto. Outras vezes diverte-se o Sacy com pregar-lhe peças menores; desafivela um lóro, desmancha o freio, escorrega o pellego, derruba-lhe o chapéu e faz mil outras picuinhas de brejeiro.

O Sacy tem horror á agua. A proposito narra um depoente no inquerito do "Estadinho" este caso typico. Havia um caboclo morador numa ilha fluvial onde nunca entrara o Sacy. As aguas circumvolventes defendiam a feliz mansão. Certa vez, porém, o caboclo foi ao "continente" de canôa, como de habito, e lá se demorou até á noite. De volta notou que a canôa vinha pesadissima e foi com enormes difficuldades que conseguiu alcançar o abicadouro na margem opposta. Estava a imaginar no estranho do caso — um travessio que era canja de dia e virara osso de noite — quando, ao firmar o varejão em terra firme, viu saltar da embarcação um Sacy ás gargalhadas.

O malvado aproveitara o incidente do travessio a deshoras para localisar-se na ilha immune, e desde então nunca mais houve alli socego para os animaes nem paz entre os homens.

Nos casebres da roça ha sempre uma pequena cruz pendurada ás portas. E' o meio de livrar a vivenda do hospede não convidado. Mesmo assim elle ronda a moradia e arma peças a quem se aventura a sahir para o terreiro.

Espalha a farinha dos monjolos, remexe o ninho das poedeiras gorando os ovos, e judia das gallinhas. Se a casa não é defendida, é dentro que opera. Esconde objectos, estraga a massa do pão posta a crescer, esparrama a cinza dos fogões apagados em cata de algum pinhão ou batata esquecidos.

Se encontra ainda alguma brasa, malabarisa com ella e ri-se perdidamente quando acontece cahir a brasa pelo furo das mãos. Porque, além do mais, tem as mãos furadas, o raio do moleque...

As porteiras, como as casas, são vaccinadas contra o

Sacy. Rara é a que não traz uma cruz escavada no macarrão. Sem isto o Sacy divertir-se-ia em fazel-a ringir toda a noite ou abril-a inopinadamente diante do transeunte que a defronta, com grande escandalo e pavor deste, que adivinha logo o autor da amabilidade e a repelle com esconjuros.

Os cães apavoram-se quando percebem um Sacy no terreiro e uivam retransidos. Refere um depoente o caso de d. Evarista. Morava esta senhora numa casinha de barro, já velha e buraquenta, em logar infestado. Certa noite, ouviu a cachorrada proromper em uivos lamentosos. Assustada, pulou da cama, enfiou a saia, e tonta de somno foi á cozinha cuja porta abria para o quintal. Alli chegada estarreceu de assombro: um Sacy arreganhado erguia-se de pé na soleira da porta. E disse-lhe com diabolica pacholice: — Bôa noite, d. Evarista. A velha, perdeu a fala e desabou na terra-batida, só voltando a si pela manhan. Desde ahi nunca mais lhe sahiu das ventas um certo cheiro a enxofre...

Se fossem só apparições... Mas o Sacy inventa mil coisas para azoinar a humanidade. Furta o piruá de pipoca deixado na peneira, entorna vasilhas d'agua, enreda a linha dos novelos, desfaz os crochés, esconde os roletes de fumo.

Quando um objecto desapparece, dedal ou tesourinha, é inutil campeal-o pela casa inteira que nunca o encontrareis. Basta para isso, entretanto, que se dêm tres nós numa palha colhida num rodamoinho, e que a ponham sob o pé de uma mesa. O Sacy amarrado e imprensado visibilisará incontinenti o objecto em questão para que o libertem do supplicio. Rodamoinho... A sciencia explica este phenomeno mecanicamente pelo choque de ventos contrarios e não sei que mais. Lerias! E' o Sacy quem os arma. Dá-lhe, em dias ventosos a veneta de turbilhonar sobre si proprio como um pião. Brincadeira pura. A deslocação do ar produzida pelo gyroscopio de uma perna só é que faz o remoinho, onde a poeira, as folhas seccas, as palhinhas dansam em torno delle um corropio infrene. Ha mais coisas no céu e na terra do que sonha a tua sciencia, Ganot!

Nessas occasiões é facil apanhal-o. Um rosario de capim bem manejado laça-o infallivelmente. Tambem ha o processo da peneira: é lançal-a, emborcada, sobre o nucleo central do redomoinho. Exige-se, porém, que a peneira seja de cruzeta.

A figuração do Sacy soffre muitas variantes. Cada qual o vê a seu modo. Existem, todavia, traços communs sobre os quaes a opinião é quasi unanime; uma perna só, olhos de fogo, carapuça vermelha, ar brejeiro, andar pinoteante, cheiro a enxofre, aspecto de meninote. Uns tem-no visto de camisola de beata; outros de calção curto; a maioria o vê nú.

Quanto ao caracter ha concordancia em lhe attribuir um espirito mais inclinado á brejeirice do que á malvadez. Vem dahi o mixto de medo e sympathia que os meninos peraltas consagram ao Sacy. E' um delles, mais forte, mais travesso, mais diabolico; mas é sempre um delles o moleque endemoninhado, capaz de diabruras como as sonha a "saparia".

A curiosidade despertada pelo inquerito do "Estadinho" denota como está generalisada entre nós a crendice. Raro é o brasileiro que não traga na memoria a recordação da quadra saudosa em que "via sacys" e os tinha sempre presentes na imaginação exaltada. De modo que, convidados a falar do duendezinho, todos impregnam seus depoimentos da nota pessoal das coisas vividas na infancia. Referem-se a elle como a um conhecido velho que a vida, a edade, o discernimento, os faz perder de vista, mas não esquecer. Este inquerito pela massa preciosa de informações colhidas fornecerá elemento para um livro curiosissimo onde o Sacy seja estudado rigorosamente á luz da sciencia demonologica. Livro para o psychologo e para o povo, duplamente interessante, pois. Este encontrará nelle um reflexo da sua mentalidade, e divertir-se-á com os innumeros casos narrados; aquelle terá alli material para preciosas deducções.

Depoimento do sr. João Corisco

Este Corisco afuzilou, não diz de onde, um depoimento em regra, onde estabelece até a estatura exacta do réu.

O Sacy, como m'o pintava sempre a Joanna, a mucama que me criou, o "mardito", como ella o chamava, era um pretinho de um metro de altura, uma perna só, vestido com um calção de baeta vermelha; camisa de algodão branco aberta ao peito, e carapuça vermelha, afunilada; nariz adunco, barbinha de bóde preto, e as unhas das mãos muito compridas.

Foi assim que comecei a conhecer o "capeta", o Sacy dos tempos idos. A' medida que fui crescendo melhor fui conhecendo o Sacy damnado, conhecimento pelas narrações que delle me faziam os pretos da fazenda, os sertanejos aggregados e o "Chico Rio Grandense", velho tropeiro, domador de fama, gaúcho e ex-soldado do exercito de Osorio. Era este o heróe predilecto á minha imaginação de criança, porque era quem conhecia e contava mais historias de "assombrações" e proezas de Sacy. Elle contava que em suas longas viagens, infindas caminhadas pelos sertões, por noites altas, quando a lua — "branca como um marmôr se deitava por

cima do capão do mato" — ouvira muitas vezes o assobio provocador do Sacy, as suas risadas, e o barulho que o "manco" fazia saltando, dentro do mato, na folhagem secca. Vira tambem o Sacy empoleirado no cavallo em carreira louca pelo pasto, em noite de sexta-feira, ou trepado ao telhado da casinha do caboclo tranzido de medo, assobiando "moléquemente" e divertindo-se em quebrar as telhas. Dizia mais o "Chico" que quando as "molequêra" do Sacy, eram demais, amarrava-o, — fincando com fôrça uma estaca no chão e da qual pendia enrodilhado um rosario de capim, pronunciando ao fincal-a as palavras sacramentaes: — "Sacy-pêrêrê preso vae, preso vem; Sacy-pêrêrê, tem, tem." Mas... no dia seguinte, soltava-o, resmungando: "este péste não indireita mesmo." Contava, emfim, o velho gaúcho que certa vez, em noite escura, proximo á Faxina, viajando para S. Paulo, ao passar uma porteira, o Sacy saltou-lhe á garupa. Foi um desastre: o cavallo disparou como louco, o Chico perdeu a noção das coisas, e quando deu accôrdo de si era dia claro, e estava estirado na estrada. O cavallo tinha desapparecido, levado pelo Sacy.

Já agora, o Sacy desappareceu do sertão. A' medida que a civilisação foi invadindo o matto, elle foi se mettendo para os fundões com o sertanejo e desappareceu de subito. Mudou de vida: civilisou-se. Veiu para São Paulo..."

Veiu para S. Paulo e aqui nos conta elle em quem se transformou. Certos segredos demoniacos é bom não se tornem publicos. Fiquemos só nós, os iniciados, sabedores disso. Basta que o leitor saiba que na opinião do sr. Corisco elle reside na Paulicéa, vestido de gente, rico e gordo, operando em questões d'arte artices levadas da breca. Mas terá razão o sr. Corisco? Está s. s. bem certo de que foi o Sacy que se transformou? Não seria a mula sem cabeça?

Depoimento do sr. Octavio Augusto

Abandonou s. s. por instantes a Ceres arrozeira com quem convive, em Barranco Alto, e alongou-se em gratas reminiscencias. Apezar de Inglez s. s. é profundamente brasileiro.

O Sacy é uma graciosa e espiritual concepção, genuinamente nossa. Nasceu da natureza brasilica com a mesma espontaneidade com que surgiram, com significações diversas, o sabiá e a palmeira, a passóca e o jogo do bicho. Mas é mais significativo do que tudo isso, porque traduz admiravelmente elementos proprios, caracteristicos, do meio, e a grandeza rude da natureza.

O Sacy resulta da mentalidade fetichista e impulsiva do nosso caboclo, modificada pelo animismo e doçura do africano, e repassada da ironia geral do sertanejo, negro ou jagunço, indio ou estrangeiro de origem.

A primeira pergunta do seu inquerito refere-se á concepção de cada um sobre o Sacy, Pois bem, eu lhe direi que para mim o Sacy-pêrêrê, é sobrinho do Pedro Malazarte.

Ha um grande parentesco entre estas duas concepções brasileiras. Ambas representam a floresta, o interior, o sertão, o cerrado das nossas matas, o tumulto das vozes, o

desordenado dos ruidos, a surpresa dos aspectos, o inesperado das cores e dos sons, a inquietude, o ignoto, uma qualquer coisa de sinistro e grandioso que paira soturnamente sobre a terra immensa.

Ambas são filhas do pavor, originariamente, e ambas complicaram-se e transformaram-se em virtude de outros dados psychologicos da raça: a ironia observadora, a fantasia pittoresca, a moralidade indolente e pouco austera, tudo dominado e culminado pela noção primordial que o sertanejo tem do sertão, reservatorio de maldades e artimanhas, de caprichos sobrenaturaes e forças malevolas.

O Sacy anima e explica o sertão, como Malazarte, que o Sr. Graça Aranha quiz que Pariz comprehendesse. Isto mostra, e não é pouc,o que este prosador o não comprehendeu. Fez de Malazarte qualquer coisa de differente da floresta brasileira, quando Malazarte é a floresta personificada, ao mesmo titulo que Boreas era o vento e Pan a natureza na mythica dos gregos.

As proezas de Sacy, a sua malignidade e esperteza, o seu riso e a sua diabrura, são os actos inesperados da natureza brasileira, ironia da sua grandeza, o intrincado zombeteiro das suas selvas abruptas, a traição sardonica da sua belleza, o sarcasmo da sua fertilidade. Pedro Malazarte é mais alguma coisa do que isso, mas o amigo não inquire sobre este, o que me permitte não falar muito mal do sr. Graça Aranha, com quem sympathiso.

O amigo, no seu questionario, quer saber como e de quem recebemos na infancia a crendice do Sacy.

A lenda do Sacy anda no ar, e basta um pouco de espirito curioso para apprehendel-a na infancia. De todas as maneiras como ouvi falar do ineffavel Sacy, eis uma, da qual me lembrarei sempre nitidamente.

Era na sala de jantar immensa do casarão da fazenda. O administrador, vendo que a noite já cahira profundamente, e que chovia uma chuva fria e constante, impacientava-se com a demora do Quito. Quito era o caboclinho, de uns quin-

ze annos, que levava os recados á cidade, o leite, os queijos, as leitôas desmamadas e as pamonhas. Nesse dia fôra mais cedo, e deveria estar de volta ainda com o dia, com sol alto.

A noite e a chuva augmentavam o silencio e a solidão. De repente, ouve-se um tropél nervoso de cavallo esporeado. De sobre o dorso do animal espumejante, salta, como um veado fugido, o caboclinho, tremendo, suado, sem uma gota de sangue na pallidez do rosto moreno.

Todos o interrogam. O administrador fita-o severo e carrancudo.

Mas Quito não póde falar, tal é o susto que se lhe pinta no olhar, no rosto, na tremura convulsiva das pernas, na dansa de S. Guido dos dez dedos das mãos. Dão-lhe agua a beber, levam-no para o calor lareiro do fogão, onde as roupas encharcadas começam a fumegar como narinas de bois nas manhans de geada.

Afinal, sitiado de perguntas e metralhado pela anciedade de todos, Quito explica.

Fôra o Sacy, o Sacy-pêrêrê, o maldito bicho de uma perna só. Crepusculava. Era na volta da estrada, defronte do ipé que divide Nhô Grande do Coronel Jacutinga, mesmo em cima da estiva que cobre, sobre a estrada, o Ribeirão dos Quincas, que por signal até estava transbordando nessa tarde, como se estivesse com inveja do Parahyba. Foi ahi que, de repente, sem saber como, lhe appareceu o Sacy, rindo como um perdido, mostrando os dentes alvos e as gengivas roxas.

Lembrava-se apenas que elle era negro, negro como aquelles carvões apagados do fogão, e pequeno como um menino de dez annos. Só tinha uma perna, e esta mesmo capenga. Quando ria, sahia-lhe fogo pelas narinas, e os olhos scintillavam-lhe como aquellas brasas ainda não extinctas.

Assim que lhe appareceu, pegou-lhe das redeas do cavallo, subiu no pescoço do animal, e dando uma cambalhota escanchou-se na garupa.

A alimaria, logo que sentiu o demoninho no dorso, disparou pela encruzilhada como se estivesse assombrada.

Foi então um nunca acabar de correrias pelos campos, pelos banhados, pelos tesos, até perto da Mantiqueira. Sacy gritava como um bando de marrecos e de frangos d'agua. Mas de repente entraram sob uma mata enorme e escura. Era a moradia do Sacy.

E lançando-lhe fumaça nos olhos, o diabrete de um pulo largou o animal, e sumiu-se na floresta.

E nunca mais Quito andou sózinho longe de casa, e em tudo passou a vêr o Sacy-pêrêrê.

Agora as outras perguntas.

Sobre o papel que este diabinho silvestre representou na minha vida, nada lhe direi, senão que elle representou na minha vida o que todos os papeis representam na vida dos funccionarios publicos: — nada!

Sobre a forma actual desta crendice na zona em que resido, tenho a dizer-lhe que "plus ça change plus c'est la même chose".

Creio que com esta minha pequena contribuição nada se adiantou á historia e philosophia do Sacy, mas deu-me o ensejo de conversar um pouco sobre um assumpto diverso da paz alleman, das hesitações eternas do presidente da coisa publica, dos impostos de exportação, da restauração monarchica e dos casos estaduaes, tudo menos nacional que o Sacy, e, sobretudo, mais estupido.

Depoimento do sr. Guilherme Lund Netto

Este vem de Bello Horizonte assignado pelo neto de um grande sabio. Depõe por ouvir dizer, ou como viu dizer a varios eruditos conhecedores do assumpto.

Não pretendo contribuir com o meu testemunho pessoal para a "identificação" do famoso duende; sirvo-me do testemunho insuspeito dos mestres, que, provavelmente, o viram nas suas excursões nocturnas pelos soturnos valles do immenso Brasil.

Antes de tudo devo dizer-vos que é convicção nossa que o Sacy mineiro é filho do Sacy paulista, pois foram os intrepidos emboabas que o trouxeram nas suas caravanas para as nossas "alterosas montanhas", quando por aqui andaram á cata do seductor itajubá (pedra ou metal amarello, — ouro).

Vejamos o testemunho dos mestres e sabios que travaram conhecimento com o travesso e horripilante molequinho.

Em primeiro logar lembramo-nos de Couto de Magalhães, que na sua conhecida obra "O selvagem" (1876, I, pag. 188) diz o seguinte:

"O visconde de Beaurepaire-Rohan, escreve acerca do Sacy o seguinte: "... especie de ente fantastico, represen-

tado por um negrinho, que tendo na cabeça um barrete vermelho, frequenta á noite os brejos. Se acontece passar na vizinhança algum cavalleiro, faz-lhe o Sacy toda a sorte de diabruras, com o fim, aliás mui innocente, de se divertir á custa alheia. Puxa-lhe a cauda do cavallo, para lhe impedir a marcha; põe-se na garupa do cavalleiro, e outras travessuras pratica, até que o cavalleiro, reconhecendo-o o enxota e neste caso foge o Sacy soltando uma grande gargalhada. São inimaginaveis as proezas que se contam deste ente imaginario; e entretanto, cumpre dizel-o em homenagem á verdade, ha muita gente que lhes dá credito. Tambem lhe chamam Sacy-cererê e Sacy-jerê e este é unipede." (Diccionario de vocabulos brasileiros, pag. 127, Rio de Janeiro 1889)."

O sabio naturalista Emilio Goeldi, no seu importantissimo trabalho sobre "As aves do Brasil", 1.ª parte, pag. 163, escreve sobre a lenda do Sacy o seguinte:

"Sacy fogo, Sacy cererê e Boitatá são figuras mysticas, das quaes as duas primeiras parecem representar aves e a ultima uma cobra, e no interior, em todas as boccas são como encarnação de terror, que entretanto não se póde reconstruir dos confusos contornos. Do Sacy ouvi muitas vezes contar que por trás delle se escondia um ente demoniaco, que á noite cospe fogo de sua bocca, só tem uma perna, etc. Provavelmente, fragmentos mais ou menos modificados de antigas lendas indias."

O sr. dr. Pedro Bernardo Guimarães, lente de Historia Geral e do Brasil no Gymnasio de Itajubá e deputado estadual, filho do immortal poeta Bernardo Guimarães, no seu interessante opusculo sobre — "O que nos resta do Pindorama" — faz curiosa descripção de "Tupam", "Guaracy", "Jacy", "Perudá" ou "Rudá", "Cairé", "Catité", "Cahapora", "Jurupari", ou "Jampari", "Guiraparu", "Anhangá", "Urutau", "Mboitatá", "Curupira" e do celebre — "Sacy-cerêrê".

Sobre a lenda deste ultimo diz o dr. Pedro Guimarães, obra citada, pag. 43:

"Quem não conhece a tradição do Sacy, que a crendice do caboclo guarda e transmitte ás gerações, firmemente convencido da existencia material de sêr tão exotico?

Quantas vezes, após a fadiga do dia, eu ouvi contar, quando criança, pelas velhas escravas libertas em 88, a historia fantastica desse moleque, a coxear pelas estradas, um barrete rubro enterrado na cabeça de simio, um cachimbo apagado no canto da bocca, em esgares grotescos, á espera do viajante?

A todos que passassem, assim m'o narravam as supersticiosas pretas, carregando mais as côres no calor das descripções macabras, pedia fumo para o pito, e fogo. Ai de quem não o attendia! Deixava-o com uma só pencada estendido no solo, e agil como um macaco corria de galho em galho, de copa em copa, rumo das povoações, onde, invadindo as cozinhas, acordando os lares com o ruido das mãos de pilão que se punha a soccar freneticamente."

Depoimento de uma professora

A sra. D. Antonia Benta Alves de Lima, por causa da edade, recorre á mão gentil de uma netinha e depõe no tom pausado de quem já viu muito do mundo e sabe a vida.

"Illmo. sr. delegado ou promotor que acompanha o inquerito sobre o Sacy-pêrêrê.

Como descrever o tinhoso e perêréca Sacy, sem fazer literatura, divagações ou mostrar-lhe a psychologia? Impossivel!

Quem, como eu, arcada nos meus sessenta Janeiros e já aposentada após 30 annos de magisterio, encontrando, quasi que diariamente com bachareis em direito, medicos, deputados e até já senador, meus discipulos, a quem para boa disciplina e maior incremento ao estudo (quando não trabalhava a Santa Luzia de cinco furos) contava-lhes a historia do Sacy, sua fórma e suas obras.

Comecemos a formar o testemunho do typo nas suas diversas phases e especies:

1.º — O atraso e a falta da distribuição do ensino desde os tempos coloniaes até a constituição da Republica, em que, nesse periodo, só os ricos é que estudavam, por haver

a posse necessaria para manutenção dos mesmos na Universidade do Porto, Collegio Pio Latino em Roma e outras faculdades européas, té que chegassem as mesmas ás nossas plagas, como Pernambuco, Rio, Bahia, S. Paulo, etc., o restante da população brasileira, em numero de 70, 80 ou 90 % eram analphabetos, ignorantes e supersticiosos. Porque?

Derivados do cruzamento portuguez, africano e selvagem, como se vê da propria Historia do Brasil em que os creoulos traziam aos cavallos dos seus senhores, gamelas cheias de ouro, suppondo que aquelles comessem, por ter os freios dourados nos dentes. Narremos o facto.

Em Itú, onde sempre exerci o magisterio, desde a Escola Régia até os adventos da Republica, como poderia contar o dr. Cesario de Freitas, fallecido e ex-deputado federal e outros clinicos seus irmãos, bem como na actualidade os irmãos Lobo, dos quaes dois em evidencia nos Congresso Estadual e Federal, a descripção que eu lhes fazia do Sacy afim de obter delles melhores notas e mais assiduidade, porquanto que o Antoninho era mais do que o tinhoso, só não trazia o barretinho vermelho, de resto envolvia-se num redomoinho capaz de formar um furacão, taes as suas diabruras!

Ora, é sabida a forma terrivel com que eram tratados os escravos, e dahi o resultado das fugas para apparecerem á noite em busca de alimento, formando assim pelo medo o medo aos outros devido ás suas apparições como espectros nocturnos.

Contava-se naquella época a apparição de uma porca com 7 leitões, de um cavallo sem cabeça, tudo commandado pelo Sacy, que era, nada mais nada menos do que o escravo fujão, que á noite tudo chamava no facão.

Nas portas das velhas egrejas de Itú, dizia-se existir figuras do Sacy, todo de preto e de carapinha, e no entanto eram as beatas que para lá iam aguardar a abertura da porta dos conventos para assistirem á missa. Isto ás 3 da madrugada, em que todos dormiam.

E hoje? A essa hora o movimento é maior do que do dia.

Agora o facto da existencia do Sacy-pêrêrê, é a combinação de nomes indigenas — africano e brasileiro — com toda a sua superstição e ignorancia que produziu essa visão, esse medo e esse fantasma que nunca existiu. Haja vista a descripção das "Eneidas" de Virgilio, na qual, em um dos seus cantos se verifica o celebre gigante de um olho só que quiz devorar Achilles e seus companheiros quando abordaram na Ilha de Paros.

Que enorme Sacy seria esse?

No romance "Noite de S. João", musicado em opera e não levada a effeito, por um accidente qualquer, existe tambem a descripção do Sacy em plena festa de fazenda. Musica essa do mui illustre maestro Elias A. Lobo, já fallecido.

Quando o saudoso d. Pedro II visitou Itú, á sua presença trouxeram um velho caboclo sexagenario, mettido a poeta, falando ao soberano que tomasse muito cuidado com o Sacy, que por diversas vezes apparecera ao velho conde de Parnahyba, quando voltava de comer a herva rasgada com entrecosto na casa do Siô Maneco Russo, negociante forte e conceituado naquella cidade.

Então, o soberano, todo interessado, pediu-lhe que fizesse uns versos, o que immediatamente o caboclo respondeu:

Meo senhô — meo soberano
— Sacy subiu ao ceo
Pra fazê seo testamento
Não achando papé nem tinta
Deceo pra baixo.

Gargalhadas soaram com o estribilho do pobre velho, e este continuou:

Sacy anda no mundo
Pra fazê trampolinage
E o Siô seo Imperadô
Pra fazê politicage!

O bom soberano não se magoou, talvez nessa hora se lembrasse do d. Bibas de A. Herculano, gratificou o velho e passou-se calmamente a outra sala, onde se achava a Philomela, orchestra então existente naquella terra, da qual ainda existem musicos como o Pinto de Moraes e outros.

Tenho coisas mais interessantes sobre o Sacy e suas artimanhas, porém sobre outro estudo e outra psychologia. Porém, cabello trançado de cavallo e o mesmo sugado a verter sangue, toda a vida soube que era morcego e não Sacy, entretanto os velhos, pela sua ignorancia chamavam de Sacy. Aguardarei opportunidade para melhor descripção de coisas mais interessantes, pois sou velha, estou cansada, e quem esta escreve é minha neta."

Depoimento de uma menina

Chama-se M. Aurorita. Tem apenas 16 annos. E o seu depoimento exhala masculinidade. Desconfio della. E' uma aurora a falar da meia noite com erudição de curiango.

Não é certo como affirma um dos vossos solicitos correspondentes, que o Sacy não existe em S. Paulo.

Ha engano desse gentil epistolar que como mineiro da gemma adquiriu as primeiras impressões sobre o "negrito" de uma só perna, lá na doce mansão de algum retiro pittoresco entre as "alterosas" recamadas de "rutilos carbonos"; vestidas de uma flora secular, palpitante de viço, de seiva transudante, de esplendor; e de uma fauna variegada, polyforme, polychroma, onde até é visto noctambulamente entre tão illustre pleiade o celebre "monopede" esse engraçado Sacysinho a pular, a dansar o tango da Quinota do S. João do Sabará...

Não; a primeira impressão é tudo, sr. redactor: — quando as criancitas observam, nesse doce porém pueril periodo infantil, algo de estupefaciente chegadinho ao sobrenatural, centro de um diamante, tomando em seguida a côr primitiva daquelle metalloide — adquirindo rapidamente o

vulto de um menor de 12 annos, mas sem uma das pernas, magrito, vivo, activo, buliçoso, cavilloso, sem orelhas e trazendo um só olho em pleno frontal.

E, fazendo caretas, deitando fogo pela bocca e nomeando-se Sacy-Sacy-Sacy, aos pinotes cabrioleiros e no rythmo de um cancan macabro lá se fôra numa abalada disseminando por esse mundo em fóra a prole; pelo que, é visto — ainda em nossos dias — a praticar diabruras o malandro do Sacy perneta em todos os departamentos da federação onde haja cacholas de infantes para as tanger. Eu, para mim, sr. M. L., creio no Sacy cosmopolita, mas como uma figurinha exotica, assim como um molecote peralta cujo officio era o de, pulando em um só pé, mostrando a lingua rubra e deitando chispas pela bocca, atemorisar as crianças da minha edade, e, por isso é que ao ouvir a tardinha, da capoeira, rala os centros sensoriaes, vivazes pela extrema sensibilidade das cellulas neuronas, retêm a imagem de tal modo que a perfilham naturalisando-a no espaço, no tempo e no local fazendo-se familiarisar na orbita restricta em que se vive.

Dahi a supposição de o Sacy-serêrê só ser uma criação no vox-populi" das "alterosas".

Todavia, trago a minha pedrinha de contribuição para restituir a Cesar o que delle é: cá como lá e como talvez em todo o paiz o Sacy existe, porisso que é uma criação popular na fantasia dos differentes componentes ethnicos assimilada pela massa actual constituinte da classe rural brasileira.

Eu, carissimo redactor, quando pequenina, residente numa das mais formosas cidades do nordéste do Estado, á margem do lindo Parahyba, sempre ouvira as narrativas empolgantes descriptivas do Sacy e suas travessuras.

Cumpre porém esclarecer que um dos narradores affirmara que o Sacy-serêrê nascera em Minas (sem paternidade) pois — como Pallas sahindo armado da cabeça de Zeus — fôra garimpado estrugindo num salto violento do colmatado comoro proximo, a falinha aguda e estridente Sacy-Sacy

e arripiada, me recolhia timorata do terreiro a me aconchegar no recesso ameno do lar onde se esvaiam os temores ao contacto doce da maman carinhosa.

Mais tarde porém vim a saber que o que estridulava Sacy-Sacy não era outra coisa senão um certo passaro preto que habita as adjacencias colmatadas das habitações.

Infelizmente, essa desillusão do que outróra tanto me amedrontava só a tive quando do proprio Sacyzinho serêrê eu já não temia, pois era moça; sim, se porém os 16 Janeiro me dão esse direito.."

Depoimento de um anonymo

E' sul-mineiro, e nota as divergencias entre o Sacy paulista e o mineiro.

Affirmam os velhos africanos escravos que o diabo, em certo dia, resolveu dar uma grande festa no Inferno. E foi de tal porte o forrobodó, prodigalisou-se tanta cachaça, que nem sequer o porteiro escapou a uma grande carraspana. Ora, á sahida dos convivas, aproveitando-se desta circumstancia, muitos diabinhos escapoliram cá para a terra. Furioso, o diabo deu-lhes caça, agarrando a todos menos a um, o Sacy, que, não obstante ter uma perna só, ainda hoje zomba do filho das trevas, graças á sua astucia e agilidade inexcediveis.

As primeiras apparições do Sacy deram-se no tempo da escravatura, nas grandes fazendas, cujos proprietarios eram senhores de muitos captivos. O incorrigivel demoninho tinha grande predilecção pelos monjolos, moinhos, engenhos e frequentava, com especialidade, as cozinhas, senzalas, os sambas e batuques dos pretos. Numa grande propriedade agricola, onde passei grande parte de minha infancia, os escravos viram-no muitas vezes e chegaram a trocar com elle não poucos desaforos. Desses escravos destacarei ape-

nas dois, o pae Adão e a tia Liberata, ambos velhos, estimados, muito acatados e incapazes de invencionices.

Uma vez, conta o pae Adão, recolhia-se elle á casa, depois de um pagode que durara toda a noite. Num dado ponto da estrada, como se sentisse fatigado, parou á sombra de uma grande arvore para tomar folego. De repente um dos galhos da arvore, do qual pendia uma caixa de vespas, apesar de estar o ar completamente parado põe-se a se agitar freneticamente. Alvoroçadas, as vespas, atiram-se contra o preto velho, que se vê obrigado a fugir precipitadamente, com o casaco embrulhado na cabeça, até uma grande distancia. Foi então que sobre o coiceiro de uma porteira que lhe ficava na frente, notou um negrinho de pelle muito lustrosa, tendo uma só perna, beiços e olhos vermelhos como brasas, trazendo na cabeça uma carapuça escarlate. Naquella posição o negrinho ria a mais não poder, e ria de um risosinho muito agudo que penetrava os ouvidos do velho africano como agulhadas.

— De que é que te ris, negrinho cachorro? — perguntou o Adão, irado.

— Sacy gosta de ver marimbondo escaramuçar pae velho, respondeu o outro, suffocado de riso.

E o Sacy saltou ao chão, deu algumas cambalhotas difficeis, fez uma serie de caretas e foi-se assoviando, com escarneo.

Ora, ninguem pode negar que o Adão tivesse visto o Sacy. Este velho africano foi sempre um modelo de probidade.

Tia Liberata, (outro modelo de probidade) certo dia, voltava da fonte com um pote á cabeça, quando, ao aproximar-se da porta da cozinha, sentiu que perdera o equilibrio e depois de lutar por algum tempo, de ir para diante e vir para traz, de oscillar para a direita e para a esquerda, estendeu a fio, indo o pote fazer-se em pedaços, a grande distancia. Foi então que a preta notou no beiral da casa, desfeito em gargalhadas o mesmo negrinho, anteriormente observava por pae Adão. A Liberata viu-o perfeitamente. Era

um negrinho de pelle lustrosa, beiços vermelhos, olhos vermelhos, uma perna só e trazendo na cabeça uma carapuça da côr de uma brasa.

— Sacy gosta de ver negra velha quebrar pote — disse elle, acompanhando as palavras de uma careta em que se lhe viam os dentes de uma alvura incomparavel.

Em todas as demais apparições do Sacy, aliás, elle sempre se apresenta invariavelmente sob a fórma de um negrinho de uma perna só, beiços vermelhos, olhos vermelhos, e uma carapuça escarlate na cabeça.

Além disso, devemos accrescentar, elle foi sempre incapaz de uma perversidade de consequencias funestas. Limitou-se exclusivamente a affligir os velhos escravos e escravas; a assustar os crioulinhos; a afrontar os cavallos de estima; a desarranjar os monjolos, moinhos, engenhos, etc..

A carapuça do Sacy tem uma importancia capital. Quem lha deu foi o Eterno. Graças a ella, o terrivel traquinas torna-se invisivel aos olhos do Diabo. Assim até hoje não foi ainda apanhado.

Como se deprehende facilmente do exposto, o Sacy aqui de Minas é bem diverso do Sacy ahi de São Paulo..”

Depoimento do sr. José Vieira

E' de Casa Branca o sr. Vieira. Conta de como as crianças de lá, por muito sabidas, descrem do Sacy. São creanças "dernier cri", aperfeiçoadissimas, que concertam relogios no escuro e riem-se de cucas. Entretanto se enxergam soldado, tremem. Vejam só até onde chega a nossa militarophobia! Que trabalhão vaes ter tu, Bilac, se pelo paiz inteiro os fedelhos orçam pelos de Casa Branca!

"Será um passado que volta? Não. E' apenas uma gostosa e tenue recordação que brota nestes ultimos dias de Sacy-pêrêrê, no meu coração, já quasi sem calor. Sim, sem calor, porque quando eu tinha medo do perêrê, era ainda criança e toda criança despida como é de toda a preoccupação da vida, tem o coração pleno de peraltices e mesmo pouco liga a esta vida.

Eu na minha meninice, comecei a temer o Sacy-pêrêrê, desde uma vez que faltei ao tradicional "Terço das Ave Maria", que tambem se rezava em casa e foi assim por este modo: minha mãe, ao topar commigo na sala de jantar me perguntou:

— Onde estiveste á hora do terço?

Meio afobado respondi-lhe:

— Estava brincando de "pique" lá no largo do Rosario.

— Pois então não sabias da tua obrigação. D'oravante se não compareceres ao terço, o Sacy perêrê te levará juntamente com elle.

Com semelhante sentença não deixei de ficar muito assombrado. No dia seguinte fui á casa da tia Rita, (uma preta mina de oitenta annos), e a ella contei o que se havia passado e perguntei-lhe o que era o tal Sacy-pêrêrê e o que elle fazia. Ella se benzeu e começou:

"Cluze in cledo minha Deuse du céu; u Sacy Serumperêrê é um cuviteiru du demoniu; zêli quandu tá soltu, pinta u canecu: xega nas cuzinha, québa tudu us platu das partilleiras; vai nu fugãu distampa as panella e juga cinza dentru das cumida, quandu num québa tudu as panella; faiz um maridu brigá cá muié di zêli; i até lagá un du ôtru; Sacy presegue as quiança anti di batisa; Sacy, pita (nus pitu das negra), i dispoise enche pitu di istrumo de caçoro. Sacy rôbô uma quiança e foi botá nu matu purque zêli num xamava Malia; pur issu qui in tuda casa, até di sinhô blancu tem quiança cú nomi di Malia u Jusué; purque tendu, tá livi di Sacy Serumperêrê vin busca zêllis.

Deuse ti livi, meu zifillu, du danadu do Sacy Serumperêrê. Cluze Cluze in credu!"

E tornou a benzer-se. Assim foi o pavor que soffri nos meus tempos de criança.

Mas aqui em Casa Branca, as crianças pouco ligam ao Sacy-pêrêrê. Quando alguem lhes diz que o Sacy-pêrêrê persegue as crianças peraltas e manhosas, dizem logo: "Mamãe disse e o professor falô que isso é historia".

Não sei se é pelo facto de Casa Branca ter cento e dois annos possuir Escola Normal, Grupo e Escola Modelo, Atheneu, Instituto, escola isolada e nocturna, segundo me parece, as crianças daqui "concertam relogios no escuro".

E' mister esclarecer que ellas têm muito medo de soldado: quando estão na rua, jogando bolinhas, ou mesmo "foot-ball", se lhes apparece um soldado é aquella "bruta" correria. Agora não affirmo se ellas trocaram o Sacy-pêrêrê pelo soldado; segundo a tradição, elles se parecem no modo de se trajar..."

Addendos do sr. Manoel Lopes

Indiscutivelmente ninguem entende de demonologia indigena, nem de vida, usos e maus costumes do caruncho, como s. s. Não contente com o depoimento prestado explana-o revelando as varias especies de Sacy que conhece.

"Sacy-avisador: apparece atrás das portas, dá gargalhada, faz não com o dedo e canta

Sacy, Sacy, Sacy,
Oi ahi, Oi ahi, oi ahi! (Olhe ahi).

Sacy casamenteiro: moça que sonha em noite de sexta-feira para sabbado com Sacy, casa dentro de um anno.

Namorado que briga com a namorada e que ouve assobio de Sacy é signal que a moça está chorando de saudade.

Para Sacy não entrar pelo buraco da fechadura é preciso pôr a chave de geito que a lingueta fique bem para cima, isto é, o buraco da chave aberto no rasgo da lingueta; ahi, elle espia só, não entra.

Sacy que apparece disfarçado em tico-tico-rei: é signal de caguira.

Para prender Sacy quando está attentando na cozinha, dá-se uma machadada, olhando para o sol, no chão, e deixa-se o machado de rachar lenha fincado na terra. — Quem dá a machadada benze-se depois e volta para a cozinha sem olhar para trás. Faz-se isto quando suspiro não quer crescer, calda não pega ponto, forno não esquenta, bolo não córa, etc.

Sacy mal baptisado persegue gente a mandado e não larga do perseguido se foi mandado com sete padre-nossos.

Afilhado de mulher separada do marido vira Sacy.

Sacy tem medo de moça vestida de noiva com a corôa de flôres de laranjeira.

Em casamento de viuva Sacy faz sempre desordem.

Mau olhado não pega em quem Sacy persegue, as arrelias do Sacy são para "enfernizá" não para maltratar.

Sacy de Mato Grosso é filho de Jabirú com mulher que casa 3 vezes.

Sacy pinta-se de branco com poeira de flôr de milho.

Pinto de 5 dedos nos pés ou gente com 6 dedos em cada mão, picou ou nasceu, em dia de festa dos Sacys.

Sexta-feira Santa Sacy não "trabalha".

Animal (pinto, leitão, cabrito, cachorro, potro, etc. e criança) guacho, (sem "pae nem mãe" desde o dia que nasceu) Sacy não persegue.

Araponga é signaleira de Sacy, foi Sacy velho que virou passarinho.

Bóde ou gato preto é Sacy "desconjurado" que está preso no corpo desses bichos.

Chôro de Sacy é que nem miado de gatinho recem-nascido.

Guarapa não azéda quando Sacy faz "pi pi" no cocho.

Sacy do campo mora nos cupins.

Sacy zangado grita:

Sacy, Sacy, Sacy saperê
Minha peréba dóe como que!

SACY NA CAVALHADA, aquarella de Norfini

Depoimento do sr. Belmiro Aranha

Vem de Pitangueiras. Não está averiguado que lá haja pitangas, mas ha sacys, o que é uma compensação.

"A concepção em barro do Sacy-pêrêrê estampada pelo "Estado" está errada.

O Sacy é um pretinho retinto, beiços vermelhos, experto como o azougue, tendo como unica vestimenta uma carapuça de baeta encarnada.

Aprecia em alto grau o fumo no cachimbo, unico engodo capaz de o tornar benigno com aquelle com quem se encontra, horas mortas da noite, na estrada deserta dos sertões ou no centro das nossas florestas virgens.

O tio Cosme, preto sexagenario, mas ainda firme nos seus musculos de aço, grande caçador de queixadas, perdera-se uma vez no mais soturno de uma mata. Veiu a noite, e como não atinasse com a sahida, resolvera passal-a alli.

Bateu fogo na "binga", chegou-o a um mólho de gravetos e dahi a pouco a amoravel claridade de uma fogueira punha na mata apavorantes figuras de duendes, alongando a sombra de tio Cosme, ora de um, ora de outro lado da clareira, onde sentára sobre um pau "piuca", tendo ao lado a velha "pica-pau".

Encheu de fumo o cachimbo de barro e, indifferente aos sussurros e aos gemidos mysteriosos da mata virgem, começou a atirar aos ares azuladas nuvens de fumaça.

Attrahido pelo cheiro o Sacy veiu pula aqui, pula acolá e surgiu na clareira onde tio Cosme dormitava sentado.

— "Meu avô, me dá uma cachimbada?"

Tio Cosme, que apesar de negro velho nunca tivera medo de nada, nem mesmo de Sacy, apanhou a "pica-pau" e enfiando o cano na bocca do Sacy, disse: — "Toma fumo negrinho excommungado!..." e disparou um tiro no Sacy.

Este estalou a lingua, soprou com força uma nuvem de fumaça e de chumbo na cara do tio Cosme, dizendo:

— "Meu avô, seu fumo é muito fraco mas tem bom gosto", e o Sacy, no mesmo instante "suverteu" no ar.

Tio Cosme, quando recebeu a baforada na cara cahiu para um lado e só foi encontrado no outro dia pelos camaradas da fazenda, ainda desaccordado.

Desse dia em diante tio Cosme começou a respeitar o Sacy e nunca mais foi ao mato sem levar ao pescoço um bentinho tendo dentro um dente de alho descascado, unica coisa neste mundo com que o Sacy embirra, e da qual foge ás leguas, tossindo e espirrando.

E' muito sabido de todo mundo, e senão o é de todo mundo, pelo menos o tio Cosme e os pretos do tempo da minha meninice sabiam disso, que a samambaia floresce e que a sua flôr, mysteriosa como as coisas encantadas, só apparece, só desabrocha, á meia noite da sexta-feira santa.

E ainda ha outra circumstancia importante, até hoje escapa á perspicacia dos mais afamados botanicos e vem a ser que, em cada região, ou mesmo em cada fazenda, por maior que seja a área occupada pelo samambaial, nelle só apparece um unica flôr.

Filtro magico de todas as venturas imaginaveis, quem, á meia noite de uma sexta-feira da paixão, fôr ao samambaial e colher a sua flôr, terá todas as riquezas imaginaveis, tornar-se-á irresistivel a todas as mulheres do universo e, com

um só volver de olhos, ou com uma só piscadela, verá rendida a seus pés qualquer dama, solteira, casado ou viuva.

Mas... quem guarda a flôr da samambaia é o Sacy.

Mais de um ambicioso, por estes sertões a dentro, tem tentado a posse de tão inestimavel thesouro.

Mais de um, talvez dezenas de corações sedentos de aventuras amorosas e de riquezas, á meia noite da sexta-feira santa, emquanto todas as almas christãs meditam na paixão do doce Nazareno, tem deixado o leito extremunhadas de somno e, embaladas pela musica incomparavel das noites enluaradas do sertão, lá tem ido ao samambaial com o fito de colher, como um ladrão audacioso, a flor appetecida.

Todos elles chegaram, cautelosos, mal contendo o estuar do peito que arfa ancioso pela posse do bem almejado e tambem todos elles, com verdadeiro assombro e um frio de gelo a zurzir-lhes a espinha, ao tocarem o caule da flôr... viram-n'a desapparecer!

Fora arrebatada pelo Sacy, guarda experto e sagaz que nunca se deixou lograr, consentindo que outrem apanhasse a flôr da samambaia.

E' por isso que ninguem ainda a viu e os botanicos desconhecem a côr e a fórma de suas petalas.

O Sacy é ainda uma criatura muito calumniada, como aliás acontece a todas as criaturas.

Ha muita coisa por ahi, filha exclusiva e legitima do medo, mas que se attribue ao pobre do Sacy.

E' verdade que este, quando pilha um viandante a cavallo, sózinho na estrada erma e depois de meia noite, de um salto encarapita-se-lhe na garupa e pinta o sete.

Um fazendeiro meu conhecido, homem "crente", não na existencia de Deus e dos santos da côrte celeste, mas em coisas de natureza terrena, precisou ir á cidade numa noite escura e tenebrosa.

Foi a cavallo e levou como pagem um molecote.

Ao atravessar a mata, onde existia um Sacy, na crença geral da fazenda, o fazendeiro lembrou-se delle, mas não querendo manifestar o seu medo ao moleque, voltou-se na sella e disse-lhe:

— O' Quirino, você tem medo do Sacy?

— "Não sinhô", respondeu o pagem.

Mais adiante, crescendo o medo, o fazendeiro retornou:

— O' Quirino, si você tem medo do Sacy apeie e venha montar aqui na garupa.

— "Eu não tenho medo não sinhô".

— Olha, moleque, você tem medo do Sacy, apeie já e venha montar na minha garupa, sinão eu te metto o "reio"...

Dahi por diante o fazendeiro levou o Quirino á garupa e o seu cavallo puxado.

Elle preferiu levar ás costas um Sacy de carne e osso a um Sacy verdadeiro.

Depoimento do sr. José dos Santos

Este é caboclo chucro, mas sarado, e põe duvidas em que deste inquerito saia o pretinho bem identificado.

"To sabido das suas agonia pro mór do causo do Sacy pereréca.

E' um causo que não tava precisano de arrebanhá piniões. Ossuncê vae se afundá de tá manera que adepoz não sabe iscoiê o mió dos retrato. Quarqué caboco céio sabe dizê cumo é o Sacy que só anda pererecando pra mór de tê só uma perna. Tô eu aqui na fé do santissimo que lhe posso aprová cumo é.

Quar! se bem que lêa e relêa o seu réclame do jorná, pelo que tô veno ninguem foi capaiz de resorvê a quistan. Sacy, seu redatô, é um cobquinho mandiguêro, fazedô de cabriolêra, pretinho como elle só, quinté reluiz de noite no clarão do luá. Vô lê contá um causo no quá ossuncê vae ficá sabeno treis veiz o que vem a sê esse máfeitó. Tudo diz que viu Sacy, ma tão inganado, o que viru foi sombração de mêdo, mais nado. O causo é difice. Certa veiz, viajano de Juaguary práz banda de Amparo eu já tava em Duas Ponte. A mode que ia arrevesado co'as sombra do luá, quando escuitei baruio da banda de Amparo e vi o bixo pará e querê vortá.

Minha egoa rinchô, mau siná. Me cheguei perto, fiquei arripiado como quem tá veno o dianho de riba da gente. Em riba do cavallo tava um pretinho c'os oio aceso, pulano e segurano c'ua mão na crina e co'a otra o rabo do bobre bixo. Não tinha nada de feiura não. Era um bacori bonito inté como o rio da nha Colaca do arraiá de Duas Ponte, co'a deferenciação que tinha uma perna e um rabinho comprido, dois palmo ansim. Tava nú, c'um pedaço de baêta no pescoço. Todo elle tava cheirano sujera impagave. Eu tava ansim que tava tremendo e intão se me lembrou o santissimo e esconjurei pr'os inferno aquelle máfeitô. Elle pulô da garupa pererecô um instante e se infió pela capoera assobiano ansim a mode que dizeno sa.. ci.. sa.. ci..

De resto, seu redatô, não vale a pena simbruiá co'os parecê que tão fazeno pr'os cidadão vê. O Sacy não pode sê de barro

E muito menus de pincé
O Sacy sempre ade sê
Aquillo que deus quizé.

Arreceba uns apertão deste seu leitô que lê as veiz cuano chega imbruio feito co seu jorná."

Depoimento de um casmurro

Este senhor, que assigna C., que paga dividas mas não dá esmolas, homem pessimista mais que Shopenhauer, foi arrancado da toca pelo Sacy, e depõe:

Sou um excentrico, pessimista em extremo, muito alheio ás coisas deste chaos; semi-religioso e creio em Deus; pago as dividas, não dou esmola.

A despeito, porém, o inquerito sobre o Sacy me despertou "la curiosité". A' primeira vista, tomei por uma futilidade propria de um cerebro doentio ou desoccupado; mas como me vieram ao bestunto factos passados na minha infancia, vá lá; mal de muitos, consolo é; que o doente se console com o vizinho!...

Li. Achei interessante e razoavel o seu desejo de privar de perto com o negrinho.

Pois bem, eu lhe conto quem é esse malandro, tão arteiro que até, dizem, quando entra nos lares dos bem casados, não demora, a taboa está no meio; e para tirar a taboa é preciso rezar sete terços, um em cada sexta-feira, e fazer uma cruz em cada canto da casa; estando na quaresma,

basta um só terço na sexta-feira da paixão; alguns são tão teimosos que é preciso o padre botar benzimento.

Não sou fantasista, sr. L., e nem gosto de tecer lendas. O que lhe vou contar é a pura verdade. Nesse tempo, eu vivia no aconchego do meu patrio lar, na villa de... hoje termo de Lambary, Minas.

A casinha, bella e pequenina, se ergue sobre o dorso de um pequeno outeiro, ao norte da villa, dominando-a toda com sua vista tão invejada. — Inda lá está. A herdade forma um sitio de 24 alqueires de terreno accidentado, excepto a parte baixa, uma varzea de alguns alqueires de pastagens, plana, atapetada de uma grama de qualidade, que resiste á soalheira dos annos seccos e dá perenne sustento á criação. E' banhada, ao oriente, em toda sua extensão, pelo rio Verde, que ahi passa preguiçoso. O resto das terras era naquelle tempo occupado com a cultura dos cereaes, para o que, depois da lei aurea, meu pae, se utilisava de caboclos assalariados.

Pois bem: ás vezes, — isto eu vi com estes olhos, cavallos e vaccas formavam dois bôlos e corriam loucamente a esmo pela varzea, até que, cansados, suados, arquejantes, vinham buscar refugio no mangueiro, para dahi a pouco sahirem de novo; e corre que corre, num tropel infernal; de repente paravam, assopravam, levantavam as narinas, olho espantado ao longe, e partiam.

Isto tinha occasiões que era de dia e de noite. Não nos incommodava aquillo; entendiamos ser vadiação, desejo de brincar, de exercitar, embora não conhecessem "sport" e nem os officiaes francezes. Tendo eu desejo de possuir um cavallo de meu, houve-o do criador Antonio Olivio, um poldro de anno e meio, muito bonito e bom, descendente de "Manga Larga", pastor de truz, que valeu ao velho Andrade um milheiro de queijos — naquelle tempo! Como era um "bijou", eu o zelava como dono, temendo algum incidente que lhe viesse turbar a vida tão feliz.

Começou logo a fazer parte do bôlo e a atropelar o mundo com suas correrias.

Como já disse a v. s., meu velho pae lavrava suas "maniocas" com caboclos "de jornal".

Um delles, o Zé Marinho, caboclo refinado da Diamantina do Norte, côr de pé-de-moleque tostado, um dia assistiu á scena da tropelia, e, assustado, dizia: "Óia lá, óia o Sacy, óia o Sacy! coitado dos animá! êta negrinho damnado".

Onde está, sio Marinho? — era este o seu tratamento —, onde está?, perguntava-lhe. "Tá correndo a cavallo", respondia. Era a folia que estava accesa lá na varzea. Eu, por mais que inquirisse, por mais que olhasse, nada via. Dahi a pouco chegou o bôlo para o curral, suado, atropelado, arfante, em cujo meio o meu estimado "Brazão", nome dado ao nobre filho do "Manga Larga".

"Bota um rusario bento no pescoço do "Brazãozinho" senão o Sacy inda joga elle no rio, e vacê perde essa joia", disse o Zé Marinho. O rosario é bom sio Marinho? perguntei.. "Inda vacê prigunta! nunca mais o Sacy munta nelle", respondeu.

Ora, minha velha mãe tinha um rosario volumoso, de sete padre-nossos, herança de minha vó materna, que lh'o deu de presente de suas primeiras nupcias — pois ella foi casada segunda vez, de cujo enlace lá vim eu; se era bento, eu não sabia, era de suppôr que sim.

Não hesitei; lá fui surripial-o da velha. Commettia, é verdade, pela primeira vez, um acto de desrespeito á minha mãe e á religião dos meus avôs, mas o fazia em honra do meu proveito, que já naquelle tempo, eu o reputava acima da agua benta. Aproveitei a ausencia da velha, entrei no quarto, sunguei o colchão, e lá me fui victorioso com a reliquia, emquanto o sio Marinho já tinha no cabresto o meu joven "Brazão". Mas o rosario era pequeno, e o pescoço a proteger era grosso. Fui buscar o do velho, cujo molde de castigar filhos resava pela cartilha dos antigos portuguezes, de quem descendia: por qualquer dá cá aquella palha,

falava a casca de vacca. Affrontei-lhe a fibra com a façanha. O que é verdade é que o Brazão dentro em pouco estava de rosario ao pescoço, de onde pendia uma pombinha.. Para não ser descoberto, enxotei-o para o pasto..

Pois meu caro senhor L., quer v. s. me acredite, quer não, o Brazão dahi por diante não correu mais. E quando os outros começavam a folia, elle se separava, ia para o terreiro e ficava espectador dos outros, no que muitas vezes lhe fiz companhia.

Perguntará v. s., "porque não poz rosario no pescoço de todos os cavallos?" Tem razão; mas não os havia. Minhas manas tinham, mas tendo descoberto logo a historia, trancaram os seus.

Por muito favor obtive um: fui á missa, estava na sacristia, vestido de opa, thuribulo á mão. Quando o padre encaminhou-se para o altar, acompanhado do seu séquito, de que eu fazia parte, pretextei um esquecimento e fui buscar um respeitavel rosario que abarcava o mais grosso pescoço, igual aos das nossas devotas cá da terra, que o cura deixou em cima do balcão. Essa reliquia de sete padre-nossos com um bello crucifixo, serviu de anjo da guarda a um estimado corcel de sella do meu pae. Tambem não correu mais..

Um dia, o Zé Marinho, assistindo a um tropelia geral, que tambem era vista do terreiro pelos dois "devotos", exclamou: "Eu num disse que o Sacy num muntava mais! ranja rusario p'rus ôtro". Dahi a pouco chegou o bôlo, que buscava refugio sempre no terreiro, e reuniu com todos os devotos. Ouviu-se um assobio, fino e comprido, que se afastava, cuja direcção os animaes acompanhavam com a vista, assoprando. "Conhece damnado!, sahiu iscurraçado; co rusario ôcê num brinca; hum! tá fedeno inxofre!", exclamou o sio Marinho. E deu uma grande risada.

O que é, sio Marinho? indaguei. "Vacê num escuitô o subio? é elle, esbarrô co rusario, num gostô, sahiu vendeno azeite.

Os animaes socegaram e foram pastar tranquillos.

Meu caro sr. L. Os rosarios foram o anjo protector por quasi um mez. E' o que lhe digo.

Não é assumpto da nossa palestra, nem a v. s. interessa, mas se eu lhe contasse as peripecias que se seguiram por causa dos taes rosarios, emquanto v. s. vivesse, havia de se lembrar e fartar-se de rir á minha custa. O que sei é que, após esse tempo, estavam os bucephalos sem o relicario, o cura na posse do seu e eu ameaçado de uma sova, de excommunhão, censurado, apesar de argumentar com eloquencia, qual um advogado verboso em defesa do seu constituinte, ás barras do Tribunal, com os ensinamentos do caboclo, a virtude do rosario de espantar o Sacy, e o socego que trouxe aos animaes.

Inquiri o siô Marinho sobre a personalidade do Sacy. Disse-me: "O Sacy é um negrinho pretinho, magrinho, beiços e olhos vermelhos como pitanga, unhas compridas; tem testa de macaco, o corpo coberto de fubá, rabo de cachorro e uma perna só; veste calça de baêta vermelha e pita num pitinho de barro; p'ra cachaça é pió do que gambá; quando elle chega p'ra tentá, vacê sente logo uma catinga damnada de inxofre. A' meia noite, elle fica sentado nas incruziada esperano os viajante p'ra pedi fumo; gosta muito de botá a "guasca" nos negrinhos lá na roça."

— Não sei se v. s. sabe: no tempo do captiveiro, as escravas iam para o eito com os negros, e as que estavam criando levavam os filhos nuns berços de taquara e deixavam-nos sob o abrigo dum rancho, vindo de quando em quando amamental-os. O Sacy pilhava os negrinhos a sós, ia lá soval-os. Os negrinhos berravam, as negras diziam: O Sacy já tá judiando dos negrinho.

"P'ra gente se vê livre delle, é dá o fumo; elle enche o pito, dispois pede fogo, é dá, senão tá perdido", continuou o sio Marinho.

Mas quem fez o Sacy, sio Marinho?

"E' fio dessas negras desavergonhada, que fica grave, dispois fica co medo das sinhá, porque ás veis o fio é do proprio sinhô ou do sinhô-moço, e vai largá no mato; morre pagão e virá Sacy". "Esse negrinho é o diabo, num é gente." "Quantas veis elle num distravia caçadô no mato por móde i caçá nos domingo, a ponto de manhecê no mato; incrava a espingarda, distravia cachorro, intala cachorro dentro da toca. A's veis os cachorro vai numa "cocha" bonita, de repente some, é o Sacy que elles tava correndo." "Vacê querendo pegá um Sacy, quando vê um rudimunho, joga um rusario bento de sete padre-nosso, feito de conta da Virge, que tá siguro." "Querendo agradá elle é dá fumo e pinga, intão é um cumpanherão."

*
* *

Eu, de mim para mim, meu caro sr. L., a dar credito á escriptura ingenua dos padres, o Sacy não passa daquelles anjos maus, que, depois de feitos bons pelo Senhor Deus, se rebelaram contra o seu criador, pelo que foram enviados para as caldeiras do Pedro Botelho. Lá vivem esses diabinhos presos como estudante de seminario; quando escapam é fazendo diabruras.

Na minha terra chamam-no Sacy-Saterê."

Depoimento do proprio Sacy

Vem da Varzea do Carmo, e reza assim:

Bom dia. Aqui, nos arredores da Paulicéa, por onde ando "paráparando" desde que fui expulso da cidade pelas historias da carochinha e dos anões cervejeiros da nebulosa Germania, soube que o "Estadinho" "havera" publicado meu retrato e ia fazer minha biographia.

Quiz ver o engrossamento. Passei a mão nuns vintens chãnchãns que vinha juntando no buraco de um pau podre desde o tempo que d. Pedro virou onça no Ipiranga e comprei a sua fôlha.

Gostei um pouco do que ella dizia no primeiro numero, mas inquisilei com o retrato. Não está nada parecido, até parece mais com o Manuel Lopes que commigo. Li depois os outros "Estadinhos", que falavam da minha pessoa e mais "damnado" fiquei porque era só xingação contra mim. Chamam-me negro, "uniperne", malvado, feioso... Contaram minhas estrepolias por Minas e Rio de Janeiro e da minha existencia em S. Paulo, nem tico! Entertanto, vivi sempre e com muita consideração na Paulicéa.

Pois, se eu ainda me lembro, e com saudades, das boas amizades que ahi cultivei lá pelas alturas da penultima dezena do seculo passado?! Bello tempo!

Quanta prosa boa dei ao meu illustre amigo Emilio Pestana, no escriptorio commercial da rua do Rosario, quantas vezes fui "aquentar" fogo na casa do velho redactor da "Provincia" alli por trás da antiga cadeia a ouvir a cozinheira contar as minhas artimanhas á criançada, quantas... O P. P. sabe disso; pergunte-lhe se é ou não verdade.

Mas, voltemos ás coisas que de mim disseram. Não sou negro nem cabra: filho legitimo de cabocla, caboclo tenho me conservado em S. Paulo e por isso e não por ser "coisa ruim" é que ainda não fui "pro céu", pois a verdade é que

"Caboclo não vae pro céu
"Inda que seja rezadô,
"Caboclo tem cabello duro
"Cutuca nosso senhô.

Sou "bi-perne" e piso com os calcanhares para a frente de modo que as minhas pegadas indicam direcção inversa á seguida por mim: menos de um mal é isso um bem porque a humanidade eternamente desviada commigo do bom caminho tem ensejo de mudar de direcção seguindo os traços das minhas plantas.

Tambem em S. Paulo não sou "Sacy-pêrêrê": chamo-me "Sacy-sapêrê" e consoante minhas malandragens o povo alcunha-me "Sacy-trique" e "Sacy-Moféra".

Depoimento em prosa e verso

O sr. Symphoroso Americo dá uma versão conhecida no Estado do Rio e remata com um muito interessante soneto.

"Segundo me contou uma preta velha e leal amiga de todos os meus, o Sacy, um negrinho retinto, de um metro de altura, porém velho, de uma perna só, de cara verrugosa e vivendo ao relento, era filho do diabo. Sendo muito mau, foi expulso do inferno e condemnado a viver na terra, a "assombrar todo o mundo", conforme expressão da boa e saudosa Lêlê.

Em minha meninice, parte passada na fazenda de meu avô paterno, e parte numa pequena cidade do Estado do Rio, o Sacy exercia uma influencia extraordinaria, não só no espirito da criançada, como tambem no de muito negro velho e no de muito caboclo credulo.

Contavam-se delle coisas assombrosas.

Era ladrão de profissão e perverso por natureza.

Roubava o café das tulhas, bebia a cachaça das pipas, cavalgava o animal á noite inteira e emmaranhava-lhe a crina, dansava no arrosal, emfim, causava mil prejuizos e fazia outras tantas diabruras.

Tudo quanto apparecia de mal feito era obra do Sacy.

E, a despeito de meu pae — que não embarcava nessa canôa — me fazer sentir a falsidade de tal crendice que enchia de pavor o meu espirito infantil, a figura macabra do Sacy mais se accentuava em mim, em face das historias fantasticas que as pretas da fazenda me contavam.

Quando, em tempo das queimadas, ouvia ao cahir da noite, assobiar nas cercanias — "Sa-cy!" — cheio de medo, corria para casa, julgando-me sempre seguido pelo negrinho feiticeiro que, aos saltos e ás cambalhotas, me perseguia na carreira.

Interessantes são as historias que ouvi a seu respeito.

Contava-se que todas as sextas-feiras, á meia noite, o Sacy ia ao baile, debaixo da figueira; e então, arrancava as pennas dos gallos e gallinhas para se enfeitar.

Era por demais perigoso, passar alguem, em tal noite, por perto de uma figueira: lá estava o raio do Sacy, de carapuça vermelha e todo enfeitado, a dansar e a cantar.

E quem ousasse surprehender o Sacy nos seus folguedos, perderia a fala e ficaria bobo.

O Zé-Fernandes, um caboclo barbado e já avançado em annos, contou-me que, tendo necessidade de passar em noite de sexta-feira por um caminho onde havia uma figueira, topára com a Sacy. E este, vendo-o, de um salto encarapitara-se-lhe nas costas e obrigara-o a disparar como se fôra um cavallo.

E o seu medo foi tanto e tão grande, que elle, Zé-Fernandes, cahiu sem sentidos num buraco á beira da estrada.

Só voltou a si ao romper do dia, e se nada soffreu além do susto, foi graças ao bentinho de N. Senhora.

"E, até hoje, dizia elle, estou a sentir em roda do pescoço o braço gelado do negrinho e a escutar nos meus ouvidos os guinchos do demonio."

E, para que se não duvidasse do facto, o Zé-Fernandes jurava, invocando quasi todos os santos.

Uma manhan, aguardava eu a chegada dos animaes. Queria montar no meu pequira, um doradilho de longas crinas.

Ao vel-o chegar, corri para pegal-o. Mas, o José, que cuidava dos animaes, fez-me sentir que o pequira não podia ser montado, estava muito cansado. Pois elle e o Bragado viajaram a noite toda: foram levar o Sacy numa festa, lá no morro da samambaia.

E para melhor me convencer mostrava-me a crina emmaranhada, onde o Sacy se estribára, e o vestigio da sangria. Segundo me contou o José, o Sacy depois de voltar das suas viagens, sangra o cavallo para não ficar "aguado". Nesse dia o pequira descansou.

Quando vim para S. Paulo, isto ha vinte annos, já a figura do Sacy havia se dissipado quasi por completo de meu espirito, graças aos esforços e ás constante explicações de meu pae.

Não sei se em minha terra ainda se contam historias a respeito do Sacy. Talvez não. O tempo... o tempo...

O inquerito sobre o Sacy levou-me a remexer a papelada e desencovar um soneto, escripto ha uns dez annos, e que resume a minha concepção.

Se entender que elle merece agasalho em seu conceituado jornal, meus agradecimentos:

Quando o vento remexe do terreiro
A poeira que nos ares rodopia,
De rosto empipocado, mas brejeiro,
O Sacy dá cambotas e assobia.

Apesar de perneta, o feiticeiro
Vive só a fazer estrepolia:
Sóva o pingo, desgalha o cafeeiro
E faz por toda parte uma arrelia.

Não tem morada certa: é vagabundo
Expulso dos infernos veiu ao mundo,
Por ser demais perverso e malcriado.

E na terra onde vive por castigo,
Contando em cada canto um inimigo,
Vae pagando de todos — o "peccado".

Depoimento de Caçapava

Fala o sr. J. D. Machado Cezar e narra uma lenda muito curiosa.

Um sympathico casal de ceguinhos, amparando-se mutuamente pelas ruas, e sempre bem acolhido pela caridade publica, contava a historia terrivel do Sacy: um moço muito apreciado na capella do Senhor Bom Jesus enamorára-se de uma moça bonita e, dentro em pouco, corridos os pregões, com ella se casára. Foram viver como aggregados numas terras da redondeza que promettiam ao homem trabalhador fartas mésses, bem o sabiam.

Terminada a sua casinha de pau a pique, coberta de sapé, começariam a plantação.

Não muito distante da morada foi escolhido o terreno promissor para a roça. Grandes arvores frondosas impediam que o mato meúdo nascesse. Era só cortar a cipoeira que envolvia o tronco e deitar por terra o pau d'alho e outros.

Ella, com as panellas a um canto da roça, preparava o almoço, emquanto o marido tão seu, tão querido, com a foice e o machado, punha mãos á obra. Ao pôr do sol voltavam ditosos; o terreno estava quasi preparado.

No dia seguinte, ao romper da aurora, casada de fresquinho, feliz, carregando as panellas num balaio e segurando

o vestido, fazia roçar na guanchuma orvalhada, as canellas bem torneadas. O caipira, satisfeito, com o machado, cortaria em tóros o madeirame e o encostaria, á guiza de cerca, nos extremos da roça.

Mas, ó cruel decepção! Ao chegar, viam attonitos, agitar-se como dantes, ao sopro da fresca brisa os ramos das enormes arvores; e nem um cavaco no chão.

Alli havia alguma coisa, ponderou, pensativa, a cabocla gorducha.

Repetiram o trabalho: á tarde os cavacos novamente espalhados e as arvores por terra os reanimam.

Novas decepções, porém, os aguardavam na terra enfeitiçada. Pela segunda e terceira vez, as arvores se levantam.

Era demais! O caboclo perdeu a paciencia; quebraria o maldito machado de encontro a uma grande pedra a seus pés. Ao partir a pedra uma scena tetrica deixa o pobre casal com os olhos esbugalhados, sem se poder mover.. O Sacy saltára com um arzinho sarcastico, pulando, pulando.

P'ra tudo Deus dá remedio, porém.

A Generosa morava p'ra lá da aguada; a preta velha esclareceria tudo. E, sem demora, quando falaram, a preta respondeu que o Sacy morava lá e que a sombra das arvores lhes era necessaria.

Havia, entretanto, um recurso para que as arvores, ao ser novamente derribadas, não mais se levantassem. Encontrariam numa destas, na copada da mais alta, pela madrugada — disse a preta — uma cabacinha, dentro da qual estava o feitiço do Sacy. Emquanto a mulher preparasse um varal de rodilhas de cipó, o marido subiria á arvore. O Sacy perseguiria os ladrões do seu encanto, mas não era nada. A mulher iria jogando pelo caminho as rodilhas de cipó e o Sacy, furioso, as desembaraçaria aos poucos, pois, esse cipó enrodilhado era para elle uma quizilia do inferno. Assim, o casal se avantajava de modo a poder enterrar a peçonha, a longa distancia, e o Sacy tinha que desapparecer.

Dito e feito. E a preta mandingueira recebeu a paga do seu conselho — uma leitoinha gorda.

Tudo corria bem para o casal.

Tempos depois, porém, ao passarem pelo local, onde haviam enterrado a cabacinha peçonhenta, a mulherzinha insiste até conseguir que o marido a desenterrasse e a abrisse para verem o que tinha dentro. Foi um Deus nos acuda. Não se sabe como podia ter alli tanto marimbondo venenoso! O casal ficou com o corpo estraçalhado e por fim os olhos foram furados.

O Sacy que fez daquelle casal ditoso dois infelizes mendicantes, era um moleque muito preto e esquisito de feições, com riso de negrinho de senzala, capenga de uma perna e com uma carapuça vermelha."

Depoimento do sr. Fabricio Junior

Todos os brasileiros, nascidos e criados longe da cortezia chan dum "garçon" avido de gorgetas, dum Trianon qualquer, conhece algo do Sacy-pêrêrê ou sapêrê...

Quantos sustos não tem elle passado ao menino travesso e ao caboclo mais affeito ás matas virgens, ao sol tropical? Um pio á noite, na quebrada do espigão deserto, nada mais é do que um appello do terrivel sacysinho; uma perobeira que estala na mata virgem e boa, o ronco mais forte dum animal qualquer, o marulhar mais alto das aguas do ribeirão, tudo denuncia, fala ao brasileiro "genuino" do sapêrê, que se não cansa de atormentar, de fazer partidas aos incautos corajosos.

Tudo o sapêrê...

Meio metro de altura, a barba como a de um bode, negro como um urubú, uma perna unica apoiando o pé caprino, olhos grandes e vermelhos, bocca aberta sempre num sorriso sarcastico e mau, uma carapuça vermelha á cabeça grande e disforme, em formato duma melancia comprida, dentes alvos e ponteagudos, como soem usar os nortistas, voz doce, harmoniosa, para mais facilmente seduzir a victima, "pito" sempre acceso ao canto dos labios. Torna-se invisivel quando lhe convem, entra em qualquer buraco ou fresta

sem a mais pequena difficuldade, não tem morada certa, tanto que se viesse á capital, se se quizesse sujeitar ao trabalho e não fizesse barro á entrada do belvedere, o que duvido, teria de se sujeitar ao furor dos nossos "Sherloks reissados".

Quando eu era menino nada absolutamente me fazia passar proximo a uma moita d'assa-peixe, era alli que o Sacy ia assar os passarinhos que furtava de nossos laços e arapucas e os peixes de nossas cevas.

Transformava-se num passarinho de cabeça vermelha e corpo preto, do tamanho dum melro e quando avistava alguem gritava, quebrando o silencio das capoeiras e assustando as rezes que no bebedouro descansam.

— "Sa... cy... sa... pê... rê?!"; esse passaro raras vezes era visto.

Sentia o Sacy prazer em dormir nas porteiras ou pontes, tanto que é para os nossos caboclos grandes ousadia passar pelos sitios onde ha porteiras ou pontes, affrontando o talzinho.

Contava-me um caboclo de Ituverava ter topado com o Sacy numa noite aluarada de Dezembro, muito "seu dono", todo refestelado, trepado na porteira por onde ia passar. Ao vel-o o animal, um poldro nervoso, refugou, e o caboclo quiz retroceder, sem poder; então o Sacy disse-lhe adocicando muito a voz, como se fôra uma namorada:

— Seu Chico, você sô passará aqui se me der fogo e fumo bom e levar-me á garupa até lá adiante, sem parar; porém, perto do rancho que alli tem...

O rancho era uma coberta onde existia uma cruz assignalando a morte de algum infeliz e que almas caridosas ergueram para lembrar ao viandante que tudo no mundo é passageiro e que por aquelle que alli morreu rezasse um "padre-nosso". O seu Chico estarrecido fez o signal da cruz, o Sacy fugiu gritando:

— Você ha de ver... negro ruim...

O caboclo passou a porteira; annos depois, tendo que passar por um sitio mal assombrado, "A agua parada", teve a infelicidade de se encontrar novamente com o Sapêrê... Ahi soffreu horrivelmente, apanhou bons cascudos, sob risadas gostosas e gritos contentes:

— Não disse?! Faça mais aquillo? Faça? Tome, negro ruim... Tome...

O Chico desde essa vez tornou-se um grande poltrão, e ia sempre collocar nos moirões de uma porteira fumo e phosphoros para o Sacy. Em tudo sentia cheiro de alho...

Uma preta que nos serviu de ama dizia-me que o Sacy adorava um pedaço de toucinho bem cozido. Quando eu sentia um pesadello, sempre attribuia ao sapêrê, pois, eu o via, rindo, pulando na bocca de meu estomago a fazer-me cocegas nas ventas, atirando baforadas de fumo e sarro do "pito" de barro.

Ha na minha terra uma casa onde antigamente funccionára uma loja maçonica; nós os meninos e as velhas beatas juravamos convictos que aos sabbados e sextas-feiras um bando de Sacys, mulas sem cabeça, lobis-homens em companhia dos maçons iam alli cear e dansar. Ceavam carnes de crianças; os pratos eram craneos ainda cheios de vermes, os garfos mãozinhas da anjinhos resequidas já, o vinho para o brinde era sangue das mulheres e dos filhos dos maçons. Quem preparava a ceia era a Maria Clara, velha papuda e mandingueira. Presidiam o festim um enorme bode preto e um Sacy-sapêrê, que sempre acabava tentando seus confrades maçons e seus parentes.

O Sacy parece amar a musica, pois, não ha muito soube que um "tal desses" levou cerca de mez tocando graphophone e jogando estrume de animaes na casa de um fazendeiro de Ituverava.

No mesmo logar appareceu ha muitos annos um menino que subia em paredes sem o menor apoio. Tinha, diziam todos, o Sacy no corpo.

Eis o que me recordo por ora do Sacy; irei indagar mais e mandar-lhe-ei, si fôr util, mais alguma coisa.

Creio prestar um serviço, auxiliando a encher uma columna do "Estadinho" para ser lida na esplanada do "Trianon" entre um gole de "thé", uma pitada de cocaina, uma curvadela reverente e grotesca de "garçon" e um tango."

Depoimento de um anonymo

E' de Itatinga. Diz que lá, entre o povo, ninguem discute a existencia do Sacy, nem os livres pensadores, que os ha. Nega-se a Deus, ao Sacy não. Excellente povo! Conta o caso do sr. Samuel que...

E' o empregado mais velho da fazenda e tem o nome de Nhô Samé.

Dei ordem para ser queimada uma roçada muito grande, tendo reunido 50 a 60 homens para o serviço.

O Nhô Samé, como pratico e mais velho de todos elles, ficou com uma turma vigiando uma beirada de café, para a qual soprava algum vento. Os demais homens espalharam-se pelos aceiros da roçada. A principio a queima correu bem e o fogo promettia não fazer damnos, apesar do vento que soprava para as bandas do Nhô Samé.

Passou, entretanto, o fogo, os aceiros, queimou cerca de 1.000 pés de café novo e um grande cannavial. Immediatamente fui chamado para examinar os prejuizos. Logo que cheguei, encontrei homens cahidos, outros trabalhando e Nhô Samé, muito indignado com o Sacy. Indaguei de que modo foi lançado o fogo na roçada, tendo obtido a resposta

de que o fogo "foi posto na regra", mas os culpados eram os Sacys. Tratei de perguntar o que era um Sacy e então o velho Samé, de cócoros sobre um pau, narrou as passagens havidas durante a queima e que seguem:

"Logo que o fiscal riscou o primeiro phosphoro, eu vi que havia Sacy na roçada, porque começou a assobiar, gritar, cantar e chorar. Impressionado, disse logo aos companheiros: o Sacy vae espalhar fogo pelos cafesaes, matas e cannavial.

O fogo foi "parelho"; o Sacy apertado, no meio da fumaça, voou, sahiu do meio da roçada e passou por cima da nossa cabeça e foi cahir do lado do Seu Barros, tendo jogado fogo por tudo."

Perguntei que forma tinha o Sacy e então o Nhô Samé descreveu-o como é sabido. E' crença do nosso caipira que não se deve lançar fogo numa roçada, em dia santificado ou domingo, porque os Sacys se reunem e dão prejuizos. Vadiação, porque não querem trabalhar aos domingos, em caso de precisão.

Depoimento do sr. Bicudo

Polycarpo Bicudo conta o que ouviu aos pretos da sua terra.

"Soubemos da existencia do Sacy-sererê, ou pêrêrê, por ouvil-a de um preto velho, ex-escravo da nossa familia. Elle asseverou-nos haver encontrado em uma sexta-feira, com o Sacy, e mais ou menos expressou-se assim:

"Um dia sinhá mandou-me apanhar vassoura de alecrim no pastinho de fóra — pegado ao pasto grande, em nosso fazenda, existia um pequeno, denominado pastinho — e fui abeirando a estrada velha quando ouvi assobiarem: Sacy-sererê... Sacy- sererê, em som cavernoso e compassado; eu que sabia da existencia do "tinhoso" por ouvir contar a minha mãe, não liguei, a principio, grande importancia aos assobios persistentes, pois sabia que muitos moleques costumavam assobiar em arremedo ao "endemoniado"; entretanto, a certa altura comecei a verificar uma grande quantidade de "pintos de Cuzarruim" a esvoaçarem pelos arbustos e relva, em todas as direcções — "pinto de Cuzarruim" é denominado certo insecto bem maior que os "pernilongos" estegomyas, de côr negra como o carvão de pedra — então os meus cabellos arrepiaram-se. Era evidente que qual-

quer coisa de anormal existia por alli; quiz voltar mas a coragem faltou-me, tinha medo de olhar para trás. Um vento morno soprou havendo uma nuvem de poeira avermelhada passado por mim, formando "rodamuinhos". Olhei além e vi, distinctamente, a poucos passos, um cabritinho de côr pardacenta a fazer cabriolas, erguendo as patas dianteiras e como que chifrando a poeira. Criei um pouco de "coragê" e disse: "ué! cabrito por aqui!!"

Vae senão quando vi que não era cabrito, tinha uma perna só e cara de bugio magricella e, tremulo, fui "fastando"... fui "fastando", para fugir, mas á medida que eu fugia o "tinhôso" vinha saltando de meu lado. Vi então, com grande espanto, que aquelle ser estranho coçava sem cessar a barriguinha secca, fazendo mil tregeitos. Tinha um barrete côr de "pupra" na cabeça e "estralava" os dedos dos pés nos corcóvos que dava para um e outro lado. Quando criei outra "coraginha" fiz depressa o "pelo signá" e gritei sem voz: "Quem Deus Pade!! Ave Mariia!! Figa!! Credo! Rabudo" e um cheirinho de enxofre bateu alli, desapparecendo a temerosa figura entre uma densa nuvem de "pintos de Cuzarruim". Não sei como cheguei em casa, "sem bassora" bem se vê.

Sómente sei que "sinhá" me fez "chá" de losna e mandou "queimá parma benta" no terreiro, dizendo-me: "não conte pr'a ninguem senão..."

— Eramos então criança e como os nossos paes não acreditavam em coisas sobrenaturaes devido ao facto, segundo allegavam, de não pertencerem á religião catholica romana, nós tambem não acreditavamos na existencia do Sacy.

Alguns annos correram e quando moço, fomos emprehender uma caçada de inhambú-guassú, em uma mata distante. Fomos a sós. O dia estava quente, a mata num profundo silencio como se não existisse vivente algum por alli. Seriam 3 horas da tarde, e como os inhambús não respondessem ao piado, sentamos para descansar sobre uma grande arvore cahida ao sólo. Aquelle silencio profundo deixava-nos com

os nervos irritados e, quando menos esperavamos, ouvimos repetidas vezes o assobio relatado pelo preto: sacy-serêrê. Apesar de não acreditarmos na existencia do tal Sacy um friozinho correu-nos pela espinha, correu...

Acreditamos que existe um passaro que pia dessa fórma.

— Certa vez estivemos em uma cidade do interior em uma "tocata" serenata, e quando com mais um companheiro que acreditava piamente na existencia do Sacy, regressavamos para a casa, ás 2 horas, de um quintal que marginava a rua, cheio de laranjeiras, o mesmo piado: sacy-serêrê... partio, rouco... havendo seguido os nossos passos por dentro dos quintaes até a nossa casa, distante do logar quatro quarteirões. O nosso companheiro ficou horrorisado apesar de pretendermos demovel-o dessa pressão nervosa. Afinal, quando em nosso quarto nos preparavamos para o repouso, na rua, bem em frente á janella do nosso quarto, o mesmo piado tetrico fez-se ouvir de novo.

Apesar disso não acreditamos na existencia do Sacy, mas que existe um passaro ou coisa semelhante que acompanha os individuos á noite a assobiar: sacy-perêrê, nas cidades do interior, existe mesmo. Por varias vezes tivemos occasião de observar esse phenomeno.

Nota importante:

O preto, referido, assegurou-nos que o Sacy corre a cavallo e que não deixa repousar os animaes, em certas sextas-feiras, como por exemplo a maior. Tambem sabia, por ter encontrado, certa vez, em uma "barroca", um "pito" de barro", que o Sacy fuma, mas não do fumo que usamos. Elle usa seccar ao sol o elemento molle da gallinha para aproveital-o, em logar do fumo commum. Dizia, elle, haver visto em um pasto, de "caraguatás" diversos "terreirinhos" preparados pelos Sacys para a secca do "perfumoso fumo", onde havia em grande quantidade o elemento, como se alli pernoitassem gallinaceos."

SACY, NO RODAMOINHO, aquarella de H. della Latta

Depoimento de Baependy

"Filho das alterosas" manda de Minas historias da peraltagens do Sacy dentro das casas.

"Preto, sahido das regiões infernaes, sub-producto degenerado da raça dos demonios, invisivel, malfazejo por indole, destino e dever impostos ás entidades lá de baixo, o Sacy em minha terra, é o autor de todos os males, desgostos e transtornos de menor vulto na vida das criaturas humanas. Falta-lhe uma perna, ás vezes e outras vezes só a metade e, por isso, caminha aos saltos, sem auxilio de apparelho algum. Nenhum obstaculo o detem; anda por toda a parte; traz á cabeça um gorro vermelho, symbolico e se desfaz em gargalhadas, quando contempla o effeito de suas malfeitorias e essas gargalhadas, ás vezes, são percebidas pelos sentidos da victima que se aproxima do logar para desfazer o maleficio. Em minha terra quem mais padece do Sacy são as cozinheiras, as pretas sobre todas. As senhoras donas de casa que se presam exigem que as panellas sejam bem limpas, os pratos bem lavados, a comida sem corpo estranho algum. A cozinheira, diligente, ciosa do bom nome de perfeita em sua arte. logo pela manhan se entrega aos seus la-

bores e, alli pelas 9 horas, já as panellas estão mettidas nos buracos do fogão, a cozerem os alimentos, com todos os temperos e condimentos necessarios para tornal-os agradaveis ao paladar de seus patrões. Dez horas!

— "Joanna! grita a patrôa. Põe o almoço." E lá vem ella, a cozinheira com os pratos fumegantes para a mesa. Toma logar o patrão, homem de meia edade, um tanto dispeptico. A' vista da cozinheira que pelos pratos relanceou os olhos, nenhum corpo estranho se apresentou. Entretanto os patrões encontraram: na verdura, um pequeno caramujo, nojento, meloso; no arroz, uma mosca; no feijão, uma barata e na cangica, o picuman; em contraste este com a côr da cangica, sendo aquelle um corpo estranho preto que só um cego deixaria passar! E a cozinheira não viu!! Esta entra em desespero ante os patrões já exasperados, com o appetite estragado em presença de tantas porcarias! A cozinheira volta logo o pensamento para o Sacy diabolico que talvez alli esteja num canto da cozinha, invisivel, em gargalhadas!"

Depoimento do sr. Vieira Lessa

Estabelece a equação do Sacy em funcção da equidistancia entre os fócos infecciosos e as pessoas cultas mas crédulas. Attenção!

"A historia do Sacy, da qual nos pedis elucidações, é infindavel e cheia de infinitas modalidades em suas concepções.

Muitas das quaes comportando, como mui judiciosamente bem dizeis, base para estudo psychologico do povo..

A sua origem, porém, remonta aos primordios da terra de Santa Cruz e é fundamentada na crença mystica subsistente na camada inculta, esse sedimento racial, formado pelo concurso dos differentes elementos ethnicos para aqui aportados e em communhão com os autochtones.

Todavia, mesmo entre pessoas equidistanciadas desse meio — talvez pelo contagio — ha as que levam muito ao sério o duende ao ponto de (por illusão de optica) verem-no, umas, apalparem-no, outras; e, mesmo sentirem alguns, sob sua diabolica influencia, a impregnação sobre a pituitaria de H2S: acido sulphydrico ou o tal cheiro de enxofre.. Entretanto, os relatos que tenho ouvido sobre o Sacy da bocca ora do caboclo, ora do africano e ainda do coriboca, todos

guardam mais ou menos a mesma originalidade, a mesma ingenuidade e na generalidade o estylo fantasioso. De todos elles, porém, occorre-me relatar o que me foi narrado pela ex-escrava Isaura, na minha infancia. Habitava outróra em Pindamonhangaba, em tempos que lá se vão, uma certa matrona, senhora respeitavel e possuidora de avultados cabedaes, entre estes alguns escravos. Esta dama, excessivamente religiosa, tinha por habito invariavel rezar todas as noites, o seu terço antes de se entregar a Morpheu.

Era esta uma devoção cumprida systematicamente acocorada e com os pés ambos recolhidos dentro da rêde.

A rêde, como é sabido, é um objecto integrante do mobilario dos solares do nosso interior; é nella que se sentam os mais velhos; uma visita familiar, mas a quem se estima; e, finalmente, a dona da casa.

Pois, alli sobre a rêde existente ao canto da sala de jantar d. Candida, mergulhada no seu bojo numa postura á chineza, com os pés mettidos no seu interior, de pernas cruzadas e tendo o indefectivel rosario de contas pendentes das diaphanas e descarnadas mãos, assim posta, começava ás 8 horas nocturnas o seu interminavel rezar de terço. Mas seja porque fosse velha ou porque a monotonia da reza tivesse o effeito de um narcotico, o certo é que d. Candida, adormecia em meio desse exercicio espiritual sem ultimar contagem dos tentos do seu rosario.

E, então, para livrar-se desse peccado mortal a boa da velhinha cada vez que acordava, sobresaltada, recomeçava, de novo, o seu terço. Assim ficava até horas mortas da noite tentando concluir a oração sempre recomeçada e jámais terminada porém sacrificando a sua paciente escrava Isaura que a pé firme, por de trás da rêde, emquanto a ama se detinha num mixto de reza e somno, friccionava-lhe a cabeça, praticando o chamado "cafuné" tão apreciado naquelles tempos e religiosamente appetecido por d. Candida.

Certa vez, porém, esta dama, não teria dedilhado meia duzia de contas do seu rosario e já cabeceava de somno, e

enrolando no fundo da garganta as ultimas phrases, pendeu o busto desprendendo o resfolegar denunciador de um profundo somno dos justos se não a modorna beatifica.

Mas o seu somno era comtudo agitado lá em sua profundeza porque d. Candida via nesse momento, em seu espirito, um Sacyzinho barrigudinho, muito pretinho, de pelle reluzente, olhos vivos com a iris pigmentada de preto e a esclerotica branca como a casca do ovo de cujas orbitas sahiam chispas luminosas, dentes alvos sobre gengivas rubras através de labios grossos e vermelhos, trajava jaleco encarnado e á cabeça um gorro da mesma côr, e, não obstante ter duas pernas uma era atrophiada, andava aos saltos fazendo piruetas, porém em um só pé, palmipede. E, no auge do pavor d. Candida, via o Sacyzinho, que tinha o tamanho de um moleque, aproximar-se rindo-se, com a linguita de fóra, a caretear e lhe puxar ora as vestes ora o rosario; afflicta, estava para arrebentar de susto e já suava em bicas quando recebendo um piparote no nariz entrou de reagir somnambulescamente entre gestos e palavras entrecostadas:— Isaura! Isaura!... Olhe o Sacy... toque elle Isaura!... toque! toque!

Neste comenos fôra despertada por uma solenne bofetada que a debruçára sobre a rêde!

D. Candida, horrorisada, não vendo ao seu lado a escrava, aos gritos pavorosos abalou toda a casa. Todos acudiram... e a humilde Isaura, prestes, contou que tambem vira o Sacy que por signal tinha uma barbinha de bóde, e que correu atrás della até a cozinha e lhe segredou que batera em sinhara para que não dormisse mais na reza.

Entrementes, um dos presentes obtemperou: Com o grito de sinhá, por despertar mais gente da casa, o Sacy-perêrê fugira, (elle é medroso e não gosta de conflicto) o que — valha a suggestão — foi visto por d. Candida tambem, pulando por uma janella proxima, deitando fumaça de enxofre; e, logo após todos ainda ouviram distinctamente, lá fóra, uma risada forte assim como gargalhada, que foi dando

pelo terreiro a fóra o terrivel perneta, e em seguida, o ladrar da canzoada acuando em sua perseguição; e, por fim, lá no espigão proximo, além do pasto, ouviu-se o assobiar do patusco do pêrêrêzinho.

No entanto, ao ouvir a criada e as confirmações, a velha matrona, recolhida, persignou-se toda tremula; e, dahi em diante, nunca mais dormia quando rezava o terço, o que fazia de um só folego, para regalo de Isaura, que resmungando dizia á Palmira, outra serva: — "quai Sacy o que... o Sacy foi esta mão que ta qui (mostrando a mão direita) o diabo da véia não deixa a gente drumi."

Depoimento do sr. A. C.

"O velho Juca Rego, homem sério e incapaz de pregar uma mentira, era antigo morador de S. José do Prahytinga.

Proprietario de uma pequena chacara a uns tresentos metros distante da villa, ahi passava o tempo necessario para fazer a colheita de cereaes.

No vasto terreiro, circumdado por uma cerca de paus-a-pique, com entrada por uma porteira tosca, erguiam-se duas pequenas casas cobertas de sapé, distantes uma da outra uns cincoenta metros. A primeira, onde Juca Rego fazia sua residencia temporaria, erguia-se na parte mais alta do terreiro, e a segunda ficava na extremidade do mesmo, em frente á porteira.

Residia nesta ultima o filho mais velho de Juca Rego, casado, e uma sua irman solteira.

Essa modesta residencia foi a escolhida pelo Sacy para fazer as suas diabruras. A' noite, logo que a familia se acommodava, as espigas de milho amontoadas em um canto da sala eram arremessadas em todas as direcções do interior da casa. Pela manhan, quando a dona da casa vinha ao fogão, encontrava tudo em grande desordem: O toucinho, a carne defumada, os atilhos de milho de pipocas que esta-

vam pendurados em um varal em cima do fogão, as panellas de barro e outros utensilios da cozinha, eram revolvidos juntamente com as cinzas do fogão!

A porta da entrada e as duas janellas ao lado foram riscadas com grandes traços de carvão. Correu em toda a villa a noticia de tão estranho acontecimento, e os seus habitantes em peso corriam á chacara de Juca Rego, para vêr as diabruras praticadas pelo Sacy.

Em companhia do saudoso padre Bento Claro, tambem fui ao quartel general do Sacy, que nesse tempo tinha sido abandonado pelos seus moradores.

Nada vimos, a não ser os riscos de carvão sobre a porta e janellas... Alguns dias depois de nossa visita, a casa do filho de Juca Rego era reduzida a escombros por um incendio.

E o Sacy, depois dessa façanha, desappareceu para sempre.

.....

Em uma roda de amigos, cada um contava uma historia sobre coisas sobrenaturaes. O Antonio Polycarpo, assim contou a sua:

"Sabem vocês que moro no bairro do Pico-Agudo, a duas leguas distante da villa, e que antes de chegar em minha residencia, é necessario atravessar um grande morro, coberto de mata virgem.

Na noite de... ao voltar da estação de Guararema, cheguei á villa ás nove horas. Depois de uma viagem de cinco leguas a cavallo, era justo dar descanso á minha cavalgadura, e só ás dez horas continuei a viagem para o meu sitio. A noite estava muito escura.

Quando comecei a subir o morro, o escuro era tal, que eu não via nem sequer a cavalgadura em que ia montando. Subitamente sinto qualquer coisa segurar-me pela cinta. Crescera-m-se-me os cabellos, e ao voltar-me instintivamente para trás, vejo sobre minha garupa um negrinho de beiços muito

vermelhos e risonho, que, com uma das mãos segurava-me pela cintura e com a outra empunhava um pedaço de pau piuca (pau podre) aceso!

O meu pavor foi indiscriptivel! Deixei-me ir pelo andar paciente do animal que me conduzia.

Ao chegar ao cimo do morro, ouvi ao longe o cantar de um gallo. Olhei para trás e não mais vi o Sacy, que desappareceu como por encanto."

Depoimento do sr. A. Reinke

Não ha brasileiro que não conheça, de tradição, este estranho personagem. Durante a infancia, a nossa convivencia com os criados e para aquelles que nasceram e cresceram no interior, o convivio com as amas, com os velhos pretos ex-escravos e com os caboclos, fizeram com que se nos arraigasse no espirito, ainda em desenvolvimento, nessa edade, a idéa da existencia de fantasmas e duendes, de demonios e capetas, de Sacys e assombrações. Depois crescemos, formamos o espirito, nos civilisamos e ainda nos restam de tudo isto vagas e saudosas lembranças.

Os que vivem no interior mais na intimidade dessa classe de espirito inculto, ficam fanatisados pelas crendices e superstições e ha mesmo alguem que jura pela existencia de "coisas do outro mundo." Esses seres abstractos que lhes povoam o espirito são innumeros e recebem nomes diversos conforme a região e conforme o povo que os adopta, mas na essencia são todos semelhantes e todos capazes das mesmas façanhas.

Quem estas linhas escreve, nasceu e cresceu no interior, em convivio com os caboclos e com toda essa casta de gente, em cujo espirito está fortemente arraigada essa crença.

E' nos saraus festeiros, nos sambas, nos cateretês, em torno das fogueiras em noites de festa onde se reunem os caipiras e os "camaradas", que se ouvem os contos, historias e façanhas, em que cada um se esmera em contar o que viu, ouviu ou que praticou. Dizem com toda a convicção, falam firmes e, ai daquelle que se mostrar incredulo! E todos attentos e boquiabertos ouvem admirados as façanhas dos mais temerarios.

Um conta que, de "uma feita" viera, da cidade p'ra fazenda em noite de sexta-feira santa e quando dobrou a encruzilhada da serrinha, bem ao pé da cruz que existe á beira da estrada, viu uma "mula sem cabeça" que corria, aos pinotes soltando fogo pelos olhos!

Confessa que, "pela primeira vez na vida", teve medo, tremia, o chapeu dansava-lhe no alto da cabelleira eriçada, mas fez o "pelo signal" com a canhóta, rezou o Crédo tres vezes, de trás p'ra diante" e a tal "mula" sumiu-se no meio da roça.

Um preto forte e espadaúdo narra que, um dia, elle e a mulher, estando de viagem, foram obrigados a pernoitar numa casa antiga, velho engenho de canna onde não havia quem não tivesse visto uma "assombração" grande, vestida de branco e com enorme chapeu na cabeça.

Deitaram-se pela meia noite, eis que apparece o tal fantasma que, por mais de duas horas, levou a tocar marimbau nos beiços. Debalde gritaram e só pela manhan se viram livres da visita importuna.

Um caboclo velho, barbado e tido na zona como incapaz de mentir, conta que, quando moço, era caçador apaixonado. Sahiu um dia para a diversão e não tendo reparado que esse dia era santo, soltou os cachorros no mato. Depois de muito esperar, ouviu o latido do melhor cachorro da matilha e logo após uma quantidade enorme de porcos do mato que, grunhindo, passavam junto delle; esperou o ultimo e qual não foi o seu espanto quando viu, montado no ultimo porco, um homem alto, coberto de pellos, só tendo nua uma roda, em torno do umbigo!

"Era o "Canhambóra", disse elle, e voltei num carreirão p'ra casa e até hoje nunca mais cacei."

Um outro conta que a irman era casada com um "lobis-homem". Pois todos o conheciam durante o dia, vestido e parecendo um verdadeiro homem. A' noite, sem que a mulher o visse, transformava-se num enorme porco, calçado de botinas e lá se ia para a rua a fazer diabruras: comia o sabão que encontrava nos lavadouros de roupas, lambia os tachos de gordura e avançava cego naquelle que tivesse a infelicidade de o encontrar, não por ser mau, porém por ter interesse em fazer com que outros se transformassem em lobis-homens. Pois é crença entre os caipiras, que toda a pessoa que fizer sangue em um lobis-homem transforma-se, se fôr homem, num "lobis-homem" e se fôr mulher numa "bruxa". Pois bem, uma dada noite a irman do caboclo, surprehendeu o marido em plena mutação, dando voltas e batendo o queixo; foi o bastante para elle abandonal-a e fugir e até hoje não se sabe para onde foi.

O filho do fazendeiro dizia que o demonio apparecera-lhe em casa sob a forma de um preto nú, com chifres e enorme cauda e fizera disparar uma espingarda que estava pendurada á parede.

A crendice popular, narrando com convicção estes factos, faz com que aquelles que os ouvem, crianças ou mesmo adultos de espirito atrasado, se convençam da existencia dessas criaturas fantasticas imaginadas por elles.

Todos representam o Sacy sob varias formas com que se apresenta para tentar e aborrecer a humanidade.

Dizem, no interior, que o Sacy ou "Capêta", apparece, quasi sempre, sob a forma de um pretinho magro, esguio, ás vezes nú, ás vezes vestido de vermelho, sobre uma perna só. Traz na cabeça um gorro comprido afunilado.

A arcada dentaria saliente e munida de dentes alvos e aguçados. Rosto fino, comprido e encovado. Physionomia alegre, prazenteira e soltando continuamente um riso sibilado e fino, semelhando á passagem do vento entre as fo-

lhas das arvores: si...i...i...i...i... si...i...i...i...i... si...i...i...i...i... E' endiabrado e se compraz em desfazer tudo o que encontra A' noite embaraça a cauda e a crina dos animaes, bóle no ninho das gallinhas; faz cahir os tições dos fogões enchendo a cozinha de cinza, fagulhas e fumaça; cospe nas panellas quando a cozinheira é preta. Faz o vento assobiar nas portas e janellas. Quando as pretas dão á luz, o Sacy passa horas inteiras junto do petiz a ensinar-lhe caraminholas e macaquices. Nos campos deixa as porteiras abertas; faz nascerem chôchas as espigas de arroz; vae aos monjolos e os faz parar, ás vezes empinados e deixam queimar a farinha. Aproveita os dias de vento para atirar terra nos olhos humanos. E o povo supersticioso emprega contra essas mil diabruras, uma porção de remedios e meios para evital-as. Traz comsigo bentinhos, figas, rezas, orações, rosarios, cruzes, agua benta, etc.... Diz um caboclo que o Sacy se havio mudado para a sua casa e para o vêr fóra, foi preciso lavar a porta da casa com agua benta. Quando perdem as coisas. dão 3 nós numa palha de milho verde e deitam-na em baixo do pilão; a receita é infallivel. Quando o Sacy apparece na cozinha, acozinheira dá as costas para o fogão e atira ao fogo 3 punhados de sal.

Para não fazer gorar os ovos das gallinhas e evitar a acção malefica do Sacy, costumam fazer, em cada ovo, uma cruz de carvão. E dizem elles que, quando o Sacy está satisfeito das diabruras praticadas, reune os companheiros e todos de mãos dadas, rindo-se e dansando sobre uma perna só, saem aos turbilhões, levantando palhas, ciscos e pó do chão, formando os redomoinhos e que só tres dias depois é que apparecem novamente. Eis as noções que tive do Sacy, durante a primeira phase da minha vida e de que ainda hoje me lembro com saudades.

Depoimento do sr. Renato Barros, de Casa Branca

Na região em que vivo, desbravada por mineiros, corre a lenda do Sacy, tal como é concebida em Minas. E' sempre o negrinho vagabundo, que, á noite, de boina vermelha, perambula por estradas e montes, visita as velhas "fazendas", correndo com a sua unica perna, assobiando, dando gargalhadas... E de quanta coisa não é capaz o Sacy!... Ora entra nas habitações, fuma pelos cachimbos que encontra, desarranja machinas, ora leva mancheias de ouro aos seus alliados.

De um ancião, tropeiro de outr'óra, dos que transmontaram a "Paranapiacaba", caminho de Santos, trilhando a vetusta estrada do Vergueiro, hoje remoçada, de um ancião, dizia, ouvi que nunca deixava de, á tardinha, ir ao moinho de sua propriedade acertar a mó, para que durante a noite fôsse moendo fino fubá. Acontecia-lhe sempre, pela manhan seguinte, encontrar desengonçado o engenho, a moer quiréra grossa.

Já desanimado e decidido a abandonar o moinho sem prestimo, queixava-se com amargor a um seu compadre e vizinho, homem de pról e de bom conselho em assumptos taes.

— Não é nada, cumpadre, é só vancê botar uma cruiz por riba do muinho, que o negrinho não vorta.

E accrescentou sentencioso:

— Isso é arte do Sacy, num é outra coisa.

De feito, seguido o conselho, jamais desandára o moinho.

E' fama, por aqui, entre gente da roça, que a machina de café de certo fazendeiro — um jovem sportsman, que ás vezes pilota a sua "Fiat" pelo "corso" da Avenida — fôra incendiada por... um Sacy!

Acredita-se tambem que, quando as folhas seccas bailam tangidas pelo vento, descrevendo espiraes, se se jogar um rosario bento ao remoinho ter-se-á laçado o Sacy, que é quem, invisivel, agita as folhas no ar.

Quanto á minha opinião pessoal, tenho para mim que o Sacy não é outra coisa senão um dos muitos mythos indigenas, desvirtuado pelo preto e assimilado pelo branco.

A forma original, hoje evanescente, do Sacy, consoante o mytho tupy, era a de uma pequena ave.

O Sacy actual, o moleque peralta, é a forma africana do genio indigena. Do leudario tupy, o que mais se assemelha ao Sacy, tal como nos legaram as abusões das nossas amoraveis mucamas, é o corupira.

Graça Aranha, em Chanaan, conta-nos pela bocca do Jóca, que é o corupira, (que o festejado homem de letras escreve "corrupira", quando é certo que em tupy não existe o "r" forte) genio máu em tudo semelhante ao popular Sacy.

Não devo findar estas linhas sem que te apresente os meus parabens pela acção patriotica que os teus artigos vêm exercendo, seguindo as pegadas dos Mello Moraes e Arinos. Sem duvida despertarão o gosto do nosso povo pelo formoso leudario nacional, caudal riquissima qual filão ignorado, onde os nossos verdadeiros artistas devem beber a inspiração, como em uma fonte sagrada.

E' necessario que espiritos como o teu procurem desviar os olhares dos nossos "super-civilisados" de beira-mar das exoticas "arvores de Natal" e quejandas, para o que é nosso, para o que sentimos e comprehendemos, porque está na consciencia de nossa raça, para não continuarmos a representar o papel degradante de nação desnacionalisada."

SACY DESTELHANDO CASA, aquarella de Norfini

Depoimento em verso

Vem de Pouso Alegre e assigna-os o nome do sr. Joaquim Queiroz Filho.

SACY

Era uma vez um menino
Que tinha o triste destino
De trabalhar para o mal.
Quebrava a louça por troça,
Botava fogo na roça
Escancarava o curral.

Como o Pedro Malasarte
Era visto em toda a parte,
Mas pulando c'um pé só:
Uma quéda na cisterna
Foi que lhe quebrou a perna,
Segundo disse a vovó.

Cahiu tambem na fogueira
Que elle accendeu na capoeira
Numa noite de São João.
E, mesmo branco que fosse,
Dessa maneira tornou-se
Pretinho como carvão.

Na poeirada dos caminhos
Levantava remoinhos
Que faziam suffocar,
E, nesse divertimento,
Apparecia um momento,
Para sumir-se no ar.

Achando pouco esses damnos
Levava a gente aos enganos
Pois que sabia mentir.
Com tamanha habilidade,
Fazia tanta maldade,
Que nem ha mãos a medir.

Em qualquer das conjunturas,
Invisivel nas diabruras,
Como o proprio Belzebú,
Quando alguem o procurava,
Elle, de longe, cantava:
— "Sacy... sêrêrê... nhangú..."

Mas veiu, um dia, o castigo
Desse damnado inimigo
Com infernal phrenesi:
Para o socego da gente,
Elle virou de repente
No passarinho Sacy...

Hoje, tão triste e singelo,
Num desespero amarello
Como a florada do ipê,
Nas fumaradas de Agosto,
Gême com fundo desgosto:
— "Sacy... Sacy-sêrêrê!..."

Depoimento do sr. H. Salles

"Numa antiga fazenda deste Estado fôra conservado um negro velho a quem o 13 de Maio não tivera a propriedade de lançar ao acaso, como a tantos outros que immediatamente abandonaram as tristezas das senzalas pela satisfação da liberdade plena, eternamente sonhada.

Chamava-se Adão.

A cabelleira curta e encarapinhada já se mesclava de não raros fios brancos, prova evidente na raça negra, de uma edade já muito avançada. O seu andar cadenciado e tropego fazia suppôr que durante largo tempo, escravo de algum senhor carrasco, tivesse arrastado uma pesada corrente que lhe deixára o habito de cambaiar.

Mau grado repetidas advertencias para que poupasse o resto de suas forças, que descansasse mais, o velho preto, por costume ou distração, trabalhava de sol a sol, sem treguas, pouco se lhe importando as torturas da canicula e os inconvenientes da chuva.

Bom contador de historias, logo á noitinha ficava cercado por um rancho de crianças — e entre ellas eu — que ouviam com grande attenção o desfiar pausado de suas palavras arrastadas e confusas.

De todas as suas historias aquella que mais me interessava e que sempre lhe pedia m'a contasse "outra vez", era a do Sacy-perêrê.

Quando, emfim, accedendo aos meus rogos elle se dispunha a repetil-a, o seu rosto retinto e luzidio tomava uma tal expressão de horror, que me causava medo.

Na sua algaravia especial o antigo escravo começava invariavelmente por este teôr:

— Muita gente não acredita na existencia do Sacy. Mas eu que já me vi atrapalhado com esse malvado do inferno, creio nelle tanto como no Pery. (Pery era um cão da fazenda).

Uma vez em que eu vinha de dar um recado para um sinhô moço da Bôa Vista, o caminho estava escuro como carvão, nem se podendo vêr onde a gente calcanhava o chão.

A' sahida de uma picada, já bem perto da fazenda, de repente pisei numa coisa mole e quente que me queimou a sola do pé. Pensando que fosse algum bicho cabelludo, desses que têm fogo nas costas, dei um pulo para o lado na intenção de logo em seguida largar a correr. Mas quando me aprumei não pude fugir. Um grito horroroso e longo, de arripiar cabello pichaim, me "entroncou" as pernas.

Não sei como foi, accendeu-se em torno um clarão como eu nunca tinha visto, e eu pude notar, bem na minha frente, um macaquinho meio pardo, meio vermelho, com um palmo de cara grossa e felpuda, rindo-se como cachorro louco e dansando desesperadamente com um pé só.

Nunca na minha vida tive tanto medo como nessa occasião.

Antes que eu pudesse fazer qualquer movimento o damnado pulou para cima de mim e começou a arrancar-me os cabellos com furia e sem dô. De certo me detiria deixado pellado como leitão se nesse mesmo instante não passasse por alli perto um cavallo de crina comprida.

O macaquinho quando percebeu o animal, soltando outro grito mais forte e mais feio do que o primeiro, pulou-lhe para

o lombo. O cavallo assustou-se, relinchou, deu uns corcovos e sahiu galopando pela estrada afóra.

O clarão logo se extinguiu e eu não pude vêr mais nada.

Quando amanheceu fui campear o cavallo para saber o que lhe tinha feito o diabo do bicho.

O desgraçado estava frouxo, com arranhaduras no pescoço e na anca, e os fios da cauda e da crina entrançados desde cima até em baixo.

Só então me lembrei que o tal macaquinho devia ser o Sacy-perêrê, pois em toda a parte diziam que o seu maior prazer consistia em correr a cavallo encrespando-lhe as crinas...

Depoimento do sr. Juca do Pary

Dei gostosas gargalhadas hontem, ao ouvir as narrativas feitas por personagens videntes, pois todas viram "de verdade" o Sacy, chegando uma dellas a traver luta com o diabolico negrinho monolho-perneta.

Uma das personagens assim começou:

— O sr. não acredita no Sacy?

— Não descreio, pois costumo respeitar a crença alheia, mas acho que o que se diz sobre o Sacy, não passa de uma lenda ou de uma visão causada pelo medo.

— Pois olhe, eu tambem não acreditava, mas posso lhe garantir que existe; eu já o vi e com elle travei luta, embora sahisse vencido.

— E o sr. já o viu em carne e osso?

— Ora, já; vou lhe contar:

Uma vez, era quasi noite, eu ia indo para casa, pela estrada antiga do Pary, beirando o rio Tamanduatehy em demanda do bairro do Canindé, onde morava, quando ao chegar mais ou menos alli por perto dos armazens da Ingleza, pulou na minha frente um pretinho perneta, com um gorro vermelho na cabeça. Cercou-me, pediu fogo e fumo, pulando, fazendo caretas e assobiando.

Achei atrevimento nelle e neguei-lhe o pedido. Pois não lhe conto nada, o damnado não me deixou mais; ia sempre pulando na minha frente, fazendo caretas, assobiando e manejando um porretinho.

Eu não reparava que elle procurava me puxar mais para a beira do rio, com certeza para me fazer cahir na agua.

Enraivecido, principiei a dar-lhe com um cacete que tambem levava e que por signal era um bom pau de mamoninha, meu inseparavel companheiro no transito da estrada.

Dava, porém, em vão, porque não consegui acertar-lhe uma só cacetada.

Comtudo, persegui o pretinho que continuava a me puxar cada vez mais para a beira do rio.

De repente, como que por encanto, elle desappareceu, deixando-me além de "bocó", muito cansado.

Quando dei accordo de mim, já me achava pertinho de casa e quasi quasi a escorregar para dentro da agua. Contei á mulher todo o acontecido. Ella logo me disse: isso não foi senão o Sacy que fez arte; não é você a primeira pessoa que o encontrou na estrada. Quando elle apparecer, faça logo uma cruz com a mão, que elle vae-se embora.

Outra narrativa ouvi de minha criadinha, uma moça filha de antigos escravos:

— Na fazenda onde eu morava, muitas vezes vi o Sacy-pêrêrê; era um pretinho perneta, de um olho só no meio da testa e usava uma carapuça vermelha.

Quando o vento fazia rodamoinho na areia do terreiro, era signal certo de que o Sacy se achava no meio; era só jogar um rosario no rodamoinho e o Sacy desapparecia.

Uma tarde, eu estava assentada com papae e mamãe, á porta de casa, na colonia, quando um cavallo chamado "Pelintra" passou corcoveando e em disparada. Papae disse logo: isto é arte do Sacy que está atormentando o "Pelintra"; vocês vão ver como amanhan elle está com a crina toda trançada.

De facto, na manhan do dia seguinte, o "Pelintra" pastava na frente da casa e se achava com a crina toda em tranças tão bem feitas que era impossivel desatarem-se os nós.

— Não disse, exclamou meu pae, que Sacy viajou de noite no cavallo? Para se desmanchar estas tranças, é preciso se fazer uma cruz de toucinho salgado e amarral-a numa das pontas.

Assim fizemos e as tranças se desmancharam.

Depoimento do sr. J. Pereira da Silva

Este lança uma nova modalidade quanto ao sobrenome do Sacy. Quer que elle seja Sadêrê.

"Dentre as muitas pessoas que têm feito observações sobre o Sacy, chamando-o de saperê, creio que o verdadeiro nome desse exquisito duende deve ser: "Sacy-saderê", segundo ouvi contar por meus avós (quando nos reuniamos á noite, em volta da lareira, assando milho verde), que tiveram occasião de observal-o a deshoras, fazendo diabruras com diversos animaes. E, de mais a mais, a pronuncia de "saderê" corresponde melhor á euphonia.

O saudoso poeta Ezequiel Freire, em umas quadras que escrevera sobre o Sacy, pinta-o como "trajando quimão de baetilha escura, carapuça em funil, hirta e vermelha; leva na dextra as redeas da tabúa e a ponta do cigarros atrás da orelha."

Agora, se elle fuma, é que não posso affirmar se é verdade ou era tambem imaginação do poeta.

Não só baseado nas affirmações dos meus antepassados, como tambem nas de varios caboclos tropeiros, visto como já habitei pelos reconditos dos nossos sertões, lembro-me

que elles nos contavam travessuras do Sacy-saderê, quando passavam para alli em demanda de Mato Grosso.

Disseram-nos elles que, em certa noite de luar argenteo, os animaes de sella corriam de lá para cá, relinchando.

O capataz, que acordára com o barulho desusado, mandou incontinenti um camarada de nome Bonifacio verificar se se tratava de ladrões, o que era commum naquellas cercanias. Bonifacio, atravessando uma "tiguéra" que existia naquellas immediações, observou um vulto sobrenatural; voltou novamente á barraca, todo espantado, quasi sem fala, e nos relatou que vira um pretinho de gorro vermelho á cabeça, beiçudo, assobiando e fazendo mimicas, montado em um alazão e vergastando-o com uma varinha.

O capataz, que não acreditava em duendes e muito menos em contos da carocha, ficára curioso e não tardou em ir verificar o tal pretinho. Chegado ao local, tivera ensejo de observar o mesmo phenomeno. Os seus cabellos ficaram eriçados e, dahi a pouco, voltava á procura dos companheiros de viagem.

Até que por fim foram todos armados de carabina, facão "lapeano" á cintura e, ao darem com o tal moleque, este dera um grito estridente, sumindo pelo capoeirão a dentro, cujos écos foram se perder pelas grotas escuras e chapadões soturnos daquellas paragens bravias.

Os que ficaram com receio do Sacy faziam preces e o signal da cruz, exorcisando-o e mandando-o ás areias gordas

Tambem é crença geral dos caipiras que o Sacy-saderê sáe ás sextas-feiras santas, ás horas mortas, atravessa as encruzilhadas e espanta os viandantes noctivagos, chegando até a saltar na garupa dos animaes.

Depoimento de um "Bandeirante"

Relata "factos veridicos" passados com pessoas da sua familia, não longe da Paulicéa.

Era pelas férias do fim do anno. Seguindo uso costumeiro, dirigimo-nos para o sitio de pessoas de nossas relações, não longe de São Paulo, em Campo Grande. Tomamos, pois um trem na Central e, sem novidades, chegamos á referida estação, onde um carro de bois, nos esperava.

Seguimos para o sitio, distante algumas leguas da estação. Entretanto o dia morria e, quando nos apercebemos, estavamos junto a uma porteira e á bocca da noite. A nossa hospedeira recommenda, então ao carreiro que passe com mais velocidade aquella zona. "Porque?", perguntamos. "E' porque o Sacy gosta de fazer das suas por aqui", respondeu-nos ella.

Nem bem eram ditas essas palavras e os bois começaram uma correria louca pelo campo. Soltavam horrorosos mugidos emquanto as crianças faziam um berreiro infernal, no carro, originado, já se vê, pelo terror. Subito ouvimos estridentes, metallicas risadinhas, acompanhadas de ensurdecedores assobios que vinham fazer um infindo éco nos nossos

ouvidos. De repente o nosso carreiro grita-nos: — Olhem o Sacy!... Olhem o Sacy!..."

Voltamo-nos para a direcção apontada pelo carreiro e vimos um vultinho preto, pretissimo, com uma só perna, labios e olhos vermelhos e com um barretinho da mesma côr, na cabeça. Era o Sacy. Estridentes e repetidos assobios sibilavam nos nossos ouvidos. Entretanto o Sacy não parava. o leito da estrada subia aos lombos dos bois; de 2 a 3 palmos de altura elevava-se a 2, 3 metros, paDra voltar de novo a infima altura. E isso nos acompanhou até á porta do sitio.

Agóra, outro caso:

Um fazendeiro das redondezas de São Paulo começou a notar a morte de muitos cavallos que amanheciam com a crina tão bem trançada que só á faca se podia endireital-a.

A isto, juntava-se o facto dos arreios amanhecerem espalhados no terreiro.

— São artes do Sacy, diziam-lhe. O negrinho vae primeiramente buscar os arreios, monta os animaes, trança-lhes a crina, e alguns, com as correrias obrigadas pelo Sacy, morrem."

A isto vinham juntar-se surdos rumores ouvidos pelo fazendeiro. Este, não vacillou mais e, um noite não dormiu, esperando pelo Sacy. Estando na fazenda, acompanhei o meu hospedeiro na vigilia. A's 2 horas da madrugada percebemos os rumores. Armou-se, então, o fazendeiro com um bom rebenque e, seguido por mim, foi ao logar onde se guardavam os arreios. A porta estava entreaberta. O fazendeiro, fazendo signal para que eu o esperasse, entra no quarto pé ante pé. Não podendo resistir á tentação, avanço tambem e vejo o negrinho de carapuça, acocorado em um canto, pegando os arreios. Assim que elle nos viu levantou-se e, saltando, foi se collocar em um dos angulos do quarto. Entretanto, o fazendeiro procurava uma boa occasião para dar um relhada no maroto. Quando o meu hospedeiro se preparou e arriou o braço para descarregar a merecida

relhada no Sacy, este dá um estridente assobio e passa como um vento por entre as pernas do irado fazendeiro que, de susto, cáe sem sentidos, emquanto se ouviam ao longe, as ironicas risadas do "dianho do negrinho".

Ainda outro caso:

Este aconteceu com um homem já fallecido e ao qual a sociedade paulista muito deve. Em uma sexta-feira santa, o referido senhor que, nesse tempo era estudante, foi convidado por um seu amigo para caçarem, de parceria, lá pelos lados da Consolação, onde havia muita caça. Lá chegando, cada um tomou seu lado, combinando reunirem-se em determinado logar, ao ouvirem o som dos apitos que ambos levavam. O estudante, então, como não tinha vontade de caçar, por ser sexta-feira santa, procurou um logar aprazivel, onde se dispoz a desenhar.

A' tardinha, o nosso homem levanta-se para ir ao encontro do amigo. Assim, porém, que assobia, vê um vultinho preto correndo adiante delle.

Julgando vêr o seu amigo, tambem o estudante começa a correr e a chamal-o. O vulto, porém, nada responde, continuando a correr, seguido de perto pelo estudante que, apesar de ser bem servido de pernas, não logra alcançal-o. E assim, os dois se afastam do logar, descem e sóbem morrinhos, fazem curvas perigosas, saltam vallados, até que o negrinho pára, assobia, volta-se para trás e faz uma careta tão horrivel que o estudante cáe sem sentidos, percebendo o seu engano. Horas depois é encontrado pelo companheiro de caçada que, como louco, o estava procurando.

SACY NO RODAMOINHO, aquarella de Norfini

Depoimento do sr. Carlos d'Eça

Depois de varias considerações que o levam a optar pela forma sêrêrê, onomatopeia do canto da tal avesinha que a lenda aponta como o proprio Sacy disfarçado, entra nos dominios das reminiscencias.

Lembro-me bem daquelles tempos, sem embargo dos trinta e muitos annos decorridos.

Depois de orar junto de minha mãe, ás "Ave Maria", nos mezes de inverno, em que a noite desce mais cedo, corria eu para o "varandão", ancioso por ouvir as historias maravilhosas do "principe encantado", da "Mourama", da "Bella e a Fera", do "Aladino" e outras e muitas outras que minha alma de criança sorvia avidamente.

Foi assim que se incutiu na imaginação e nella tomou vulto a figura sinistro-jocosa do Sacy-cererê, negrinho peralta, esperto e maligno, todo vestido de ganga encarnada, na cabeça uma carapuça ponteaguda da mesma côr, os olhinhos brancos e activos a luzirem, irrequietos e maliciosos no nankim tapado da cara redonda; labios rubros e grossos, entre-abertos, deixando vêr a dentadura muito alva e de serra, como se fosse limada.. Na treva profunda da noite alta lá vae elle, aos saltos na sua unica perna, pelos pastos e vallados em demanda de um cavallo. Aproxima-se-lhe, trança-lhe na crina uma laçada á guisa de estribo e monta-

lhe o pescaço. Eil-o a galopar desenfreadamente, á tôa, sem rumo, até que o prenunciou da madrugada fal-o abandonar o animal e esconder-se no seu antro ignorado, por caminhos invios, procurando evitar o encontro perigoso do lobishomem, de quem elle treme.

Nessa manhan, ao ser recolhida a tropa no mangueiro, nota o "patrão" que um cavallo vem suado e "fino", a crina emmaranhada e coberta de carrapicho.

Não procura indagar da causa; para elle não tem que vêr, foi o Sacy, o negrinho excommungado, de uma perna só. Mas, deixa estar, elle lhe pagará! Irá pedir a tia Balbina, emprestado, o seu rosario de 15 "padre-nosso" e, á meia-noite, na despensa da cozinha fará uma fogueira e quando esta se fôr apagando apparece, com certeza, o Sacy para ateal-a. Então elle, de longe, atira-lhe o rosario ao pescoço e o Sacy "soverte" para nunca mais, deixando o rosario.

A tia Balbina não tem medo de Sacy! Chama-o até: — "Sacy cerêrê!" E elle responde: "Accende o pito, siá Balbina" — e vem, pula-pulando, a tremer, com medo do rosario de 15 "padre-nosso". Que pavor tinham os ingenuos, nesses ledos tempos, da tia Balbina, velha mineira que vivia retirada e só, numa tapéra, lá para a banda das "Taipas"! Que papel representou tal crendice na minha vida? Nenhum. Reminiscencias dulcissimas... Saudades perennes do "meu tempo" e da minha terra donde sahi ha 26 annos e onde nunca mais pude voltar.

O "struggle for life" fez apagar-se-me na memoria a figura do Sacy agora revivida.

Qual a fórma actual da crendice na zona em que resido?

O pessoal da zona é "escovado". A crendice, mesmo nos mais antigos, está quasi extincta. Existe ainda um ou outro caboclo velho que "agarante" ter visto e "escuitado" o Sacy. Esses, porém, são rarissimos.

Para a quasi totalidade o Sacy já não passa de "conversa fiada" e "embromação". A pintoresca lenda desapparece

escorraçada pelo elemento estrangeiro que a ella e ás suas congeneres se não adapta, pelo menos aqui.

Quanto aos "casos passados ou ouvidos" que eu sei a respeito do Sacy, são elles tantos e tão conhecidos que me arreceio de repetil-os. Contarei apenas um, que, por ser inedito e se ter verificado aqui, neste municipio, talvez mereça a pena ser narrado.

Foi ahi por meiados do ultimo quartel do seculo passado. Um fazendeiro, querendo aproveitar as noites de luar, pela sua fresquidão e amenidade, ordenou ao carreiro que jungisse os bois, á noite, pois desejava transportar, no carro, uma partida de café em côco para ser beneficiado na machina de um amigo que morava distante. A's dez horas sahia o carro carregado.

Cerca de meia noite começou a entrar na estrada da mata, assim chamada devido ao espesso arvoredo que a ladeia.

Ao penetrar o carro no bosque ia o fazendeiro sentado sobre os saccos de café, distrahido, a chupar canna. O carreiro, de pé no cabeçalho, incitava os bois, mais por habito que por necessidade.

O carro rechinava dolente, despertando os écos no coração da mata. De subito parou. Os bois, a uma, despedaçando cangas, arrastando tiradeiras e partindo chifradeiras, abalaram, aos arrancos, tombando o carro e espalhando a saccaria.

O fazendeiro foi arremessado á distancia, meio desaccordado. O carreiro, esse, envolvido no alluvião de peças partidas, teve uma coxa luxada e só voltou a si horas depois.

Qual a causa do estouro?

Um Sacy trocista que, sahindo da mata, metteu-se por entre os bois, para atravessar a estrada. O carreiro teve tempo de vel-o mas não de evital-o.

Creio que esse antigo sertanejo ainda vive. Se assim fôr é certo que se benzerá todas as vezes que vir um redomoinho de vento, invenção e divertimento do Sacy cerêrê."

Depoimento do sr. Fernando Guimarães, de Pau Arcado

Contava o Nho Chico Emboava de Sto. Amaro:

— "Lá no bairro do Pau Arcado, aonde nóis morava, eu i meu mano Juca, havia um Sacy — o pretinho de uma perna só que não dexava a gente sucegá.

Uma feita, a famia tinha ido pra cidade i nois ficamo, pra mórde uma caçada de pacca, que nóis tinha combinado fazê de madrugada, ante de crareá o dia.

Nóis se apromptamo e fumo se deitá mais cêdo pra não perdê a hora.

Na varanda de jantá tinha uma rêde de argodão. Os dois quarto pegado aonde nóis se acommodava tinha porta pra varanda. Nóis logo que se deitemo apagamo o candiero. Ficô tudo na escuridão.

De repente, eu não tinha ainda pegado no somno i eu ouvi — nhéque... nhéque... nhéque...

Ué! tem gente se abalançando na rêde! — Juca, Juca, vancê intão não qué dormi? Não se alembra que nóis precisamo se alevantá ás 3, pelo meno?

Meu mano Juca não me arrespondeu. Me alevaitei. A porta do meu quarto estava aberta. Risquei um fórfo e oiei... Nada! Tava tudo parado. Não tinha ninguem na rêde.

Eu não me assusto cum quarqué coisa i pensei logo que tava sonhano. Fui me deitá ôtra vêis i nim bem apaguei a lues, a rêde a continuô — nhéque... nhêque... nhéque... i com mais força.

O' dianho! Levantei-se devargazinho i fui de ponta de pé, i quando cheguei na porta, risquei o fórfo! Crues! Tava tudo quiéto!

Fiquei zangado. Arranquei a rêde do lugá i juguei enriba da mesa de jantá.

Fui se deitá ôtra vêis, mais meio arranhado côa brincadera. Mais não tive tempo pra me cobri e já principiô um baruio inferná côas argola da rêde — tréque... tréque... tréque...

Meu cabello arrepiô, mais como nunca corri de cuca, assentei de vê o que era aquillo.

Acendi ôtra veis o candiero e fui acordá o mano Juca, que dormia como um porco:

— Vancê está hoje de arrelia?! Não dexa a gente dormi. Oie que nóis temo que matá a pacca, hoje, sem farta.

— Vancê é que tá sonhano, nho Chico.

Apercebi intão que o mano tava memo dormindo i lhe contei o causo da rêde.

Meu mano disse que talveis fosse o compadre Leoné que dórme pegado, no rancho, que tava caçoano de nóis.

— Quá o quê, disse eu.

A noite tava carma, apena assoprava um ventinho fresco. A lua tava crara e o céo semeado de istrella. Abri a porta que dá no terreno; o candiero apagô de tudo e o pretinho de uma perna só, sahiu dando uma risada vermeia de fogo, despejando um chêro de inxofre pelo terrêro á fora...

Depoimento do sr. M. A. Sant'Anna

Regulava eu pelos meus 12 annos. Criado numa cidade litoranea do nosso Estado, era testemunha inconsciente das historias contadas pelas "tias-velhas" que na sua pachorrenta vocação procuravam incutir no espirito da meninada credula e medrosa a existencia quasi palpavel desses bizarros habitantes dos logares mal-assombrados.

Umas vezes eram as mulas sem cabeça que corriam ao longo das praias, ao luar, deitando fogo pela bocca; outras os lobishomens que corriam desnorteados pela noite erma ao alarido infernal da matilha que os perseguia; outras, os fantasmas medonhamente esgueirados que a passos lentos e aspecto impassivel faziam a sua funerea passeata pela cidade até se perderem de vista pelos rochedos ou pelos morros afastados.

Lembro-me de um rapazola que, em casa, tivera ordem de ir a uma outra praia distante da cidade uns 8 kilometros, desempenhar-se de um serviço. Para esse mistér necessitava atravessar um caminho estreito sobejamente ensombrado de arvores que, á noite, ao açoite da lufada, gemiam vagarosamente, infundindo terror a quem dellas se aproximava.

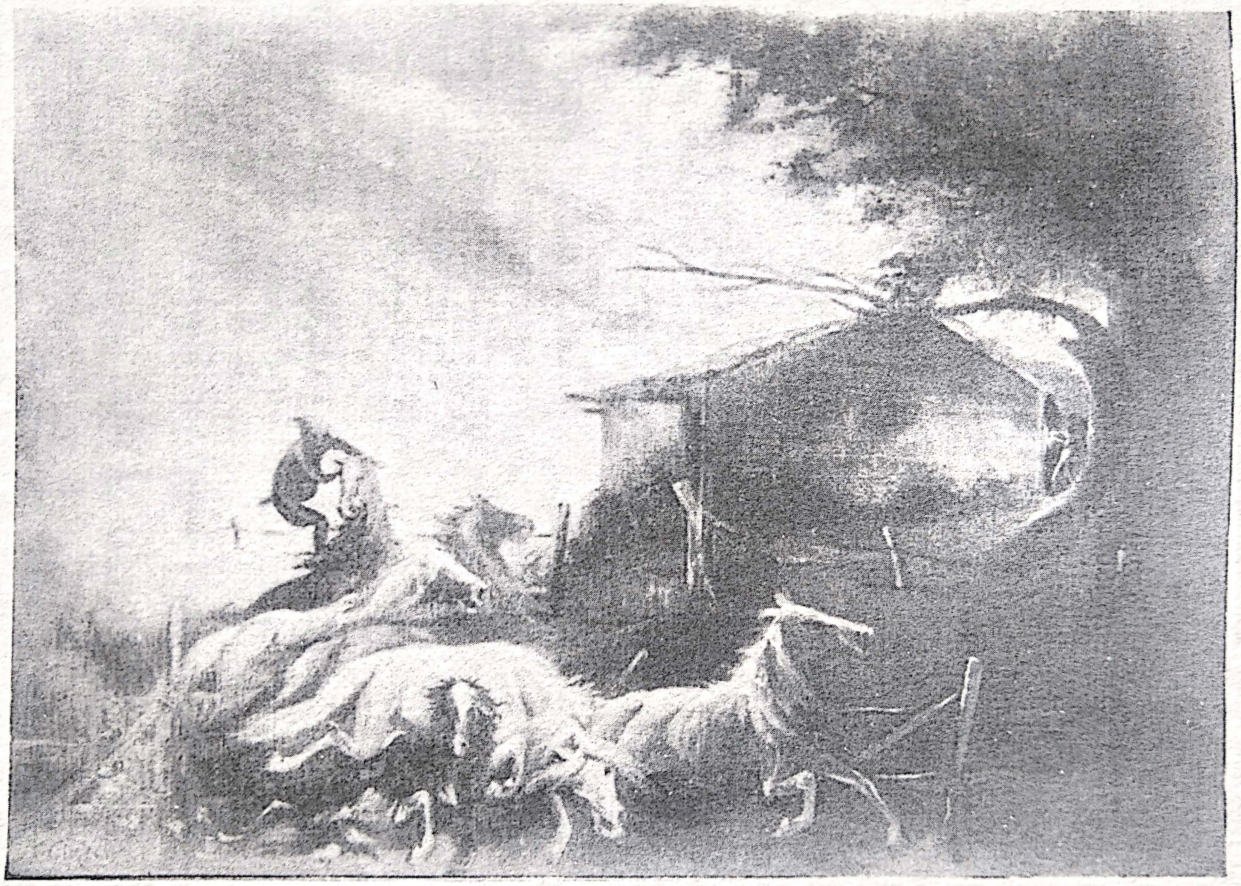
Entre essas arvores existia a lendaria figueira que, segundo a crendice dos praianos, tem a virtude de attrahir as almas penadas e de ser o "rendez-vous" dos espiritos das trevas.

E o nosso rapaz, vendo cahir a noite, relutou heroicamente em fazer esse caminho, asseverando judiciosamente apparecer a essas horas na tal figueira um "corpo secco" que muitas vezes fôra visto baloiçar-se macabramente a um galho.

Sobre o "Sacy", propriamente, as versões são innumeras. E' conhecido naquellas bandas por "Sacy-paterê". A's ave-marias faz-se ouvir pelas matas verberando no silencio da noite o grito que o caracterisa. Assume a fórma de um passaro preto, dansando numa perna só com uma agilidade diabolica. Persegue tambem os animaes no campo e monta-os, servindo-se da cauda como redeas.

Quando os pescadores, para não perderem a madrugada vão pernoitar nos ranchos á beira da praia, a certa e determinada hora são surprehendidos pelo Sacy arvorado em chefe malfeitor.

Esses homens costumam deitar-se nas proprias canôas e, quando senão quando, são despertados pelos safanões da embarcação, olham em redor e vêem um bando de sacysinhos todos pretos e de carapuças vermelhas a empurrar a canôa no meio de assobios e gargalhadas estridentes. Só se erguem estremunhados, fazem o signal da cruz e apostropham um "creindospadre" tonitroante. Ouve-se um estouro e o bando se dilue no espesso da fumarada de enxofre."



SACY NA CAVALHADA, quadro a oleo de R. Cipicchia
(premiado em concurso)

Depoimento do sr. Luiz Fleury, de Sorocaba

"Com horripilações de puro medo, ouvia, tamanhinho, as convictas narrações ingenuas feitas pela velha preta Catharina, aggregada de casa, das não menos ingenuas diabruras do Sacy.

Pintava-m'o como sendo um negrinho de ventre rubro, á cabeça um barrete da mesma tinta, as mãos perfuradas e a deslocar-se rapido, aos pulos, sobre sua perna unica.

Noctivago. Apparecia pelas matas, campos, estradas ermas, solitario ou em bando numeroso, assobiando: "Sacy... pê... rê... êrê..."

E hoje fico-me a scismar na extraordinaria onomatopéa que é o nome do duendezinho. Que realidade imitará, se aquelle assobio é tão irreal como o Sacy? Explica-se, talvez, o caso, por uma influencia analogica do citado phenomeno de linguagem.

— Que o Sacy gostava muito de andar em "montaria" — affirmava a Catharina.

Quando topava um cavallo no pasto, laçava-o com o cipó, trançava-lhe as crinas á laia de estribos e redeas, encarapitava-se-lhe no pescoço, atirando o pobre animal em desabaladas carreiras, até o exhaurir e aguar. Ao outro dia era um "Deus-nos-acuda" para desentrançar as crinas, que,

vezes não raras, fazia-se necessario cortal-as, na impossibilidade de desatar os nós, arrochados "á sustancia" e de feitio tal que ninguem lhe conhecia o mysterio.

— Quando a gente quer uma coisa difficil, nhônhôsinho, e só amarrar o Sacy num rosario de capim.

— Não te solto dahi, cabritinho, emquanto não me fizer isto!

Eh! O Sacy fazia mesmo! Ora se...

Assim praticavam as costureiras. Porque, coitadas, o moleque punha um especial e immenso prazer em apoquental-as! Escondia-lhes os dedaes, as agulhas, as tesouras, embaraçava-lhes a linha...

De todo inutil atal-o á mais forte corda, ou agrilhoal-o com as cadeias de mais grossos élos: rebentava, espatifava tudo como a alfenim e fugia...

Ao revés, em sendo preso num rosario, ou numa palha apanhada em redomoinho, com tres nós e orações apropriadas, preso ficava até que se resolvesse a gente a dar-lhe de novo a liberdade.

E Catharina ria-se aos guinchos, entretanto que eu vagamente pensava em amarrar o Sacy, obrigando-o a satisfazer os meus utopicos desejos infantis: duplo sonho de vencer com o impossivel o impossivel...

Mas os sete annos acceitam tudo — como o papel. Não digo bem; fazem mais: carregam, sob o imperio da autosuggestão.

Não me enchia as medidas á imaginativa a descripção feita pela negra velha; era-me insufficiente á volupia do terror aquelle Sacy sem traços exaggeradamente pavorosos, terrificantes: e eu completava-o, por conta e risco da minha inconsciencia — tão grande que eu cria depois arrepiadamente no que inventava para essa obra irreal de requintes, quiçá de psychismo transtornado pela outivas continuadas de historias, tecidas exclusivamente de excitantes ás "phobias".

Criei-me o meu Sacy. Podiam-m'o figurar como quizessem: eu visionava renitentemente o filho do meu prisma interior: carinha retinta, engelhada como a de mono em rictus numa exposição de arreganho, toda a multidão amarella dos grandes dentes ponteagudos; orelhas enormes, á semelhança das de morcego; corpinho obeso de glutão, forrado por uma espessura negra de pellos: e a perna unica — oh! que sabor nesta singularidade impossivel de rejeitar! — a perna unica era fina, de azeviche, terminada em garras de corvo! E os olhos? Grandes, redondos, esbugalhados, abrindo duas vivas chagas de phosphorescencia sanguinea na escuridão! Quanto á barriga vermelha — não sei surprehender o porque subtil — era-me inadmissivel.

Outras poucas concepções, adquiridas mais tarde, tentaram superpor-se á que eu formava do estranho mytho — estranho principalmente se attentarmos no facto de ter sido elle um producto da psychologia dos selvicolas, que nunca poderiam ter visto nada de uma perna só. Nada, a não serem certas aves — lembra-me agora isto — ribeirinhas notadamente, quando na posição peculiar de repouso paradoxal — attenta a maior difficuldade do equilibrio — sobre uma só das patas.

Como da alludida tentativa de superposição resultasse uma tal confusão amorpha de imagens, que impossivel me fôra precisar a incoherencna composita dos contornos, passei a suspeitar houvesse varias especies de sacys, ou, pelo menos, que o duendezinho fosse um emulo de Protheu...

O certo é que á minha eu preteria todas quantas concepções me diziam. Instincto de paternidade!

Catharina contava, repisava sempre as mesmas historias: crianças pelo Sacy attrahidas com lindos engodos e promessas lindas, para o mato, onde as abandonava perdidas; pessoas do tempo "de d'antes", que amarravam o moleque para lhe exigir riquezas, ou que, para o mesmo fim, lhe arrebatavam de surpresa a carapuça vermelha — cuja posse constituia para o endemoninhado negrinho, condição "sine

qua non" de seu poder sobrenatural; sacys que se laçavam com rosario, ou se apanhavam com peneiras em redomoinhos; tudo coisas muito sabidas.

Lá vão duas historias:

"Certa vez um cavalleiro, viajando altas horas, foi assaltado por um Sacy, que se lhe escanchou na garupa e se poz a azoinal-o com a púa estridente do assobio. O homem, conhecedor do ponto vulneravel do Sacy, soffre-lhe pacientemente todas as diabruras, na expectativa de um momento favoravel para lhe illudir a dexteridade extrema e subtrair-lhe o barretinho. E' o que se dá, afinal.

E logo o Sacy, numa humildade tão miseravel como a humildade humana, a supplicar, supplicar com lagrimas — restituisse-lhe a séde do seu poder diabolico, que em paga daria o que lhe fosse pedido...

— Dinheiro! Uma pilha de ouro! — brada prompta a avidez do viajante.

Já um montão de moedas despede faiscações fulvas no meio da estrada, magnificamente luarisada!

O viajante salta do cavallo na ancia de ouro que o dementa e quer como que abarcar aquella profusão inconcebivel de moedas amarellas que rolam, fogem, tinindo, retinindo soberbamente...

Perdido esforço em que tressua e todo treme e vibra, numa febre. Subito, todo aquelle immenso thesouro faiscante se lhe sumira á vista, num atomo de segundo, como sorvido por um fundo abysmo hiante, logo fechado!

Mãos crispadas, olhos saltados numa exophthalmia de ira, o homem volta-se de repellão, como disposto a jogar-se sobre o Sacy e reduzil-o a postas, ao patife!

Mas este, já de gôrro á cabeça, pulando, pulando, com o pollegar sobre a ponta do nariz e a mãosinha negra espalmada num gesto pulha de escarneo, acabava de evaporar-se, com um "fiiiiáu" de perfurar os tympanos...

E' que o homem se esquecera de benzer o ouro!"

Esta agora, de um atheu, cujos labios tanto conheciam as blasphemias horripilantes, quanto ignoravam as orações.

Vindo a recolher-se a deshoras por uma noite esplendida de verão, em que andára a passear a sua insomnia á grata frescura do sereno, um Sacy atravessava-se-lhe diante, salta-lhe aos hombros, põe-se-lhe a trançar apertadamente a cabelleira que usava grande. Tratava aquelle corpo que a tão bruta alma escondia, como a um bruto, um animal.

Baldadamente lutava o misero, sentindo o couro cabelludo repuxado em milhões de pontos que lh'o crivavam de milhões de dôres agudas, num desordenado desespero, por sacudir de si o sêr demoniaco, que, certo, promptas as tranças, havia de o impellir pelas ruas afóra, numa hippogryphica disparada de morte...

Percorriam-lhe mesmo os nervos das pernas, a despeito de todo o esforço concentrado e contrario da vontade, uns pruidos impacientes, taes como os que devem sentir os cavalos de corridas que esperam o signal de partir...

Em apuros taes, que alma de bronze não vergaria genuflexa?

Por sem duvida que mais vale ser beato do que azémola!

E, sob o testemunho dos infinitos olhos nictantes dos céus — o atheu baqueou de joelhos e... forjou uma oração!

Milagre! O Sacy desappareceu desprendendo um forte cheiro de enxofre e os milhões de dôres curaram-se.

E ao seguinte dia os primeiros raios do sol vieram beijar a fronte contrita do ex-atheu, que ainda trespassado de orvalho, forjava, forjava e forjava mil e uma orações...

Na esperança de colher coisas interessantes, tratei de ouvir algumas pessoas. Foi uma decepção, quasi, como se verá.

— Aqui vim especialmente para que me conte o que souber a respeito do Sacy.

— O que? Do Sacy?!

E a velha a rir-se, na surpresa de tão estranho motivo de ser procurada.

Sempre ouvia falar no Sacy; mas não se lembrava muito: sua memoria enfraquecida pela edade...

— Diz-que é um negrinho de uma perna só, dador de dinheiro p'ra gente...

Mas é 'perciso" rezar. Não sei qual é a reza.

Esteve um pouco a pensar.

— A gente antiga dizia que não era bom ter cisco no canto, em casa. O Sacy gosta muito de cisco.

Uma vez estavam umas pessoas conversando na cozinha. "Ansim", no canto estava um monte de lixo. Eram alli umas horinhas da bocca da noite. Pois não é que de repente o lixo "garrô" remexer, remexer, "ansim"? Elles olharam. E viram um Sacy sahir pulando do meio, co'o barretinho vermelho na mão e ir-se embora...

Diz que é um negrinho sêcco, feeeio!

— Mecê acredita no Sacy? — perguntei.

— Eu? Acredito! Diz que é o "Coisaruim", pois como não hei-de acreditar?

Nha Dicta Rolinha (o nome é supposto) diz-que já viu... Ella deve saber muitas historias.

— E mecê?

Encolheu os hombros:

— Eu já não me lembro... ché!

De cabeça baixa, parecia revolver recordações.

—De uma feita — começou — havia um padre muito religioso, que morava numa chacara. O Sacy p'ra "atromentar" o padre, montou nos hombros delle...

— Com uma perna só?

— Ué! porque não? Elle "avôa"! Pois se é o Diabo! Pinta a manta c'uma perna só, que fará se tivesse duas... Credo!

Mas como eu ia contando, o padre agarrou no rosario, dava co'elle duma banda, num hombro, o Sacy pulava p'r'o outro... O padre dizia... Ora como é mesmo que elle dizia? Ah! Dizia:

Sacy-pêrêrê
Que no... tem mê!

E abafou um riso de vergonha no chale.

— Isso "atromentô" o padre, mas "despois" sahiu. "Ansim" me contavam.

Mecê disse que o Sacy dá dinheiro...

Dava. Entrava em casa, pinchava o barretinho: quem o apanhasse, dava-lhe o Sacy uma porção de dinheiro.

Nha Rolinha assim me descreveu o Sacy:

"Negrinho de um metro de altura, mais ou menos, com uma perna só e pé em fórma de casco de carneiro. Traz na cabeça um gorro avermelhado. Anda aos pulos, tendo o cuidado de encobrir o rasto. A cada metro de distancia dá um assobio fortissimo. E' impossivel dar-lhe caça, a não ser com um rosario bento e virgem".

Mostrei-lhe o Sacy do Maneco.

— Esse que é o Sacy? — perguntou-me. Está muito gordo. Elle é sequinho, entra pelas frestas das janellas, pelo buraco das fechaduras...

Disse-me já ter ouvido assobiar um Sacy, aqui na cidade, ás oito e pouco da noite.

Contou que um seu defunto compadre, morador no Itinga, tinha visto um Sacy, certa noite, entrar na cozinha de sua casa, attrahido por um pote de cangica, preparada para um "muchirão". O compadre estava deitado, em quarto contiguo á cozinha, e ficára estarrecido, balbuciando orações.

O Sacy, pulando, pulando, chegou até ao pé do pote, trepou acima, mergulhou-se na cangica. E toca a fartar-se.

— Comeu, comeu, comeu e quando ficou enjoado vomitou de novo tudo no pote!

O compadre disséra que se tivesse na occasião uma peneira e um rosario virgem, tapava o pote com aquella, deitava por cima o rosario e prompto, apanhava o "bichinho"...

— Que é Sacy, nha Rolinha?

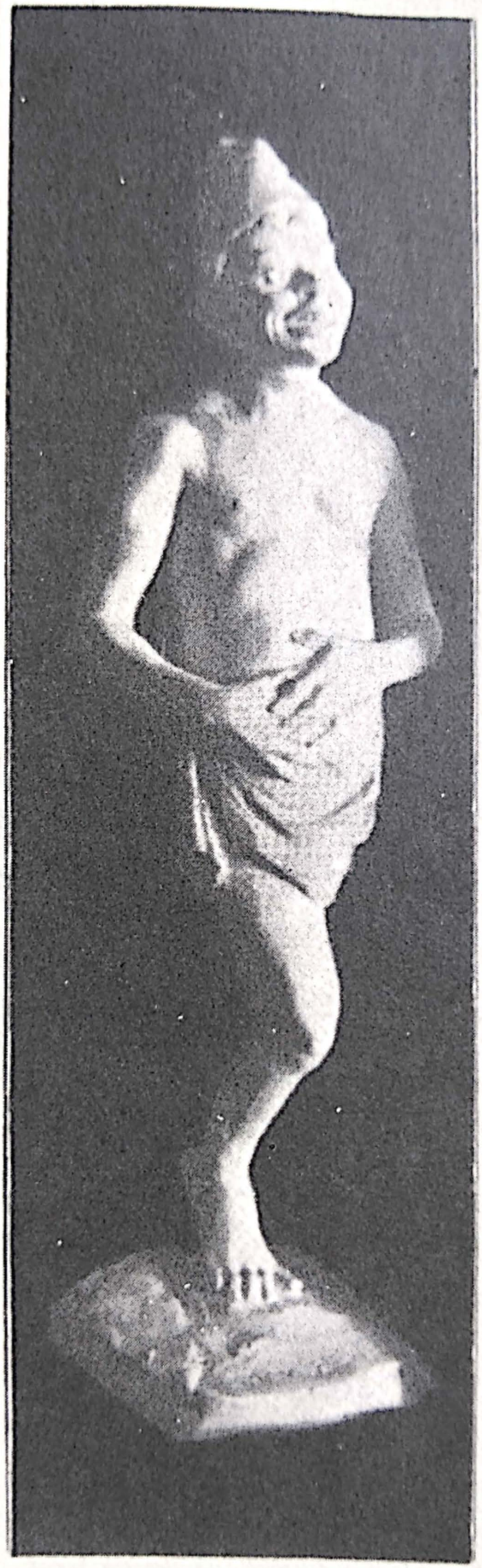
— E' o "Coisaruim" baptisado.

— Como?

— E' essa gente baptisada mas que vira Diabo, por ser malvada.

Ainda contou outras lérias costumeiras: o Sacy a petecar brasas a gorar ovos, a trançar as crinas aos cavallos, de que suga o sangue... Esgotados os escaninhos da memoria, calou-se... sem que me houvesse dito nada interessante.

Por algum tempo acreditei na existencia do Sacy; mas, á maneira que me ia crescendo em vigor a intelligencia e a faculdade da critica permittindo separar o joio das noções fantasticas, do trigo das reaes, foi-se-me elle afundando numa queda de desprestigio... Ainda viveu algum tempo dentro da minha psychologia, absurdamente tolerado, já que alli o amparavam opiniões por mim então havidas como idoneas, de pessoas que asseguravam tel-o visto. Dessa posição falsa, porém, não demorou muito que o Sacy rolasse para a cova do esquecimento, o que se deu muito antes de qualquer estudo sobre suggestões e contagios de mentiras, que me explicassem o valor daquelles "testemunhos de vista".



SACY-PERÊRÊ, estatueta em gesso por João Frick

Depoimento de Melchior

Quando criança, vivia em uma fazenda do interior do Estado, e tinha-se por costume, nas noites de inverno, fazer-se uma fogueira no centro da cozinha, onde se passava parte das noites, em alegre palestra em companhia dos vizinhos mais proximos. E, então, ouviam-se casos de arrepiar os cabellos.

Foi alli, pois, que tive a occasião de ouvir contar que o Sacy é um amante fervoroso do fumo.

Nas vizinhanças da fazenda, existia um casal de pretos, antigos escravos, que contavam que tinham por habito deixar o cachimbo de barro, á noite, sobre o fogão para fumarem no dia seguinte depois do café. Mas acontecia que em vez de encontrarem o cachimbo cheio de fumo como haviam deixado, encontravam o fumo substituido por estrume de cavallo. E, assim passou-se muito tempo sem que pudessem desvendar o mysterio. Até que uma noite o tio Joaquim resolveu vigiar o cachimbo, escondido num canto da cozinha. Mas aconteceu que elle dormiu, despertando com um pequeno barulho no fogão. Então, viu, com grande espanto, que estava um pretinho, completamente nú, assentado sobre a taipa do fogão, com o cachimbo na bocca, fumando muito socegadamente. Foi tanto o medo que se apoderou do tio Joaquim, que per-

deu a razão por algumas horas. Desde então, o tio Joaquim, nunca mais deixou ficar o cachimbo sobre o fogão e pregou uma cruz de cedro atrás da porta, para que o visitante nocturno não tornasse mais.

Contavam, tambem, que tendo morrido um vizinho, foi preciso mandar um portador á cidade, afim de comprar o necessario para passarem a noite guardando o defunto. E na volta, o portador sentiu que o animal diminuia a marcha, chegando mesmo a parar, e de vez em quando sentia alguma coisa lhe tocar nas costas mas não se incommodava. Porém, ao chegar a uma porteira de varas, era necessario apear para abril-a. Nessa occasião, viu saltar da garupa, para cima da porteira, um pretinho de uma perna só e de olhos e bocca muito vermelhos. E o cavallo, apesar de cansado, deu uma passarinhada, estendendo-o por terra. Quando teve accôrdo de si, era já quasi dia e ainda faltava uma legua para chegar em casa.

Tudo isso por causa do Sacy-perêrê."

Depoimento de "Cesar"

Na figura que o "Estadinho" estampou ha dias não consegui reconhecer o Sacy da minha infancia. Acredito que haja um typo de Sacy em cada parte.

Aquelle, porém, de que me contavam historias de arripiar os cabellos, quando eu era pequeno, nada tinha de commum com a figura inexpressiva a que me refiro.

Eis aqui, em breves traços, o Sacy, segundo a minha zona: Era um molecóte do tamanho de um menino de 12 annos, muito preto, de cabellos pinchaim, olhos vivos, — pequeninos e vermelhos; era esguio, tinha uma perna só e apesar disso, em materia de esperteza, passava a perna no proprio serelepe.

Como Democrito, nunca chorou. Vivia rindo, troçando de tudo e de todos, na sua tanguinha e carapuça de baeta encarnada.

Passava as noites a tirar mel dos favos, que enchia de... babosa para enganar a macacada; subsistituia por ovos de corvo os ovos das gallinhas chócas; amarrava bezerros com embira e virava bezerro para mammar; arranjava visgo com que pregava peça aos passarinhos; furtava fumo das negras velhas, desviava a agua dos monjolos; emfim, pintava a saracura.

O seu divertimento predilecto, porém, era disparar cavallos. Ia ao pasto, laçava o melhor animal, collocava-lhe um cabresto, fazia um estribo na crina, e zás! encarapitava-se no collo do "bruto". Começava então a correria da cavalhada espavorida, atropelo que durava até a madrugada.

E ao recolher-se a animalada era uma lastima! Vinha toda estropiada, suando em bicas e desconfiada que nem cotia.

— Ah! Sacys dos diabos, bradava o camarada! Olhem em que estado o dianho deixou a animalada! Facilmente se descobria entre os cavallos o escolhido pelo Sacy para a sua cavalgada nocturna.

Bastava examinar-lhe a crima: estava toda trançada. Quando se viajava á noite, principalmente nas sextas-feiras, o animal fatalmente passarinhava nas encruzilhadas. Segundo se dizia era um beliscão do Sacy!...

Contava-se que em Araraquara os Sacys perseguiam tanto os animaes que para livral-os das artes do endemoninhado pretinho era preciso collocar-lhe bentinhos no pescoço.

O maior castigo que se podia infligir a um Sacy era dar-lhe uma surra de rosario. O rosario tinha o estranho poder de fazel-o sahir desembestado, campo a fóra, deitando fogo pelos olhos e pela bocca.

Mas para caçal-o depois é que era o diabo! Quasi impossivel! Só com o auxilio da sorte e de um rosario de capim.

O João, um escravo de meu pae, conheceu um caboclo em Itú, que era na sua pittoresca linguagem, mais esperto que um saguy e mais ligeiro de pernas do que um veado. Esse caboclo, affirmava o João com a mais solida das convicções, conseguiu laçar um Sacy. E narrava por esta fórma a extraordinaria façanha: Estava elle certa noite aquentando fogo á soleira da porta, quando lobrigou atrás de uma figueira um Sacy que o espreitava. Fingindo que nada percebera, entrou em casa, metteu no bolso um rosario de capim e voltou para a soleira da porta onde ficou por largo tempo, a cabeça na attitude de quem cochilava. Suppondo-o adormecido,

o Sacy aproximou-se, pé ante pé, e começou a tirar grandes baforadas do seu pito. Em dado momento, o caboclo num movimento rapido como um corrisco atirou-lhe o rosario de capim e zás! segurou o "bicho". O moleque esperneou, berrou como um desesperado, mas em vão: estava no laço! Em seguida, senhor da situação, o caipira tirou-lhe a carapuça encarnada, que ficou p'ra "garantia", e disse-lhe num tom zombeteiro: — Sacy, só te darei a tua carapuça se você enchê a minha tuia de café, atopetá o meu paió de mio e me trouxé 20 kilos de ouro em pó.

E o Sacy em menos de uma hora, encheu-lhe a tulha do melhor café, abarrotou-lhe o paiól de espigas de palmo e meio e ainda por cima deu-lhe 20 kilos de ouro em pó...

E rematando a sua historia tão pittoresca, tão cheia de côr local, o João accrescentava profundamente convencido: "Dizem que foi assim que os Galvão fizeram fortuna". Seria? Quem sabe, João! "Ha mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa van philosophia".

Depoimento em verso, do dr. Ulysses de Souza e Silva

SACY-PERERÊ

Horas das Ave Maria
E, dizem que a velha estrada,
Muda, deserta, sombria
E' muito mal assombrada.

Apenas a voz do rio
Turba o silencio nocturno —
— Com seu longinquo e sombrio
Cantochão de agua, — soturno.

Pelas grótas, de ermo em ermo,
Lá vão as aguas, lá vão...
Sob esse silencio enfermo, —
Nesse triste cantochão...

Velhas arvores paradas —
Como que estão modorrando —
— Nos barrancos das estradas
Ou como que meditando.

E tôsca cruzinha preta,
Surge, ás vezes, dos barrancos,
Por onde o luar projecta
Estranhos fantasmas brancos...

E peja-se toda a terra
Do aroma dos vegetaes —
— Sob o pallio, que descerra,
O luar, — de seus crystaes.

Longe, no meio dum campo,
Um velho rancho isolado —
Ergue para o céu escampo
Um lume, triste e maguado.

E, da cerca do terreiro, —
Um velho gallo annuncia,
Com seu canto alviçareiro,
Aos ermos, o fim do dia.

A's vezes, de longe em longe,
Passa um soluço no ar;
E' o urutau, — velho monge
Do ermo, — rezando ao luar.

Lá, por longe, a voz do vento
Ulula pelas taquaras
E solta um gemido lento
Passando pelas coivaras.

Não ha ninguem que se afoite
Por essa deserta estrada —
Em horas altas da noite
De medo d'alma penada.

E passam almas vestidas
De branco e vão se casar
Nas silenciosas ermidas —
Feitas do branco luar...

Que estranho assobio é esse
Que as sombras da noite corta?
E o caminhante estremece
Nos ermos da noite morta...

De folhas seccas, — em frente
Um monticulo farfalha, —
Surge um vulto, de repente
Daquelle monte de palha...

Sexta-feira da paixão!...
Corre o corpo um calafrio...
E estruge, na solidão, —
Aquelle estranho assobio...

Olhos de brasa, pretinho,
De carapuça vermelha, —
Uma só perna, um negrinho
Saltita — na estrada velha.

E vivo, esperto, na estrada,
Assobia, guincha, pula,
Solta a estranha gargalhada
Que dóe até na medulla...

Puxe, depressa, o "bentinho". —
Caminheiro, — pois não vê
Que esse maldito negrinho
E' o Sacy-perêrê?

Tire o cachimbo da bocca,
Pelos ermos, — não se afoite,
Deixe a pretenção tão louca
Que o faz andar nesta noite.

A noite é santa. Os velhinhos
Ensinam que não se sáia, —
Que o Sacy, — pelos caminhos,
Guarda a flôr da samambaia.

* * *

Ao clarão da lua cheia,
Quanta vez, na velha estrada
Para alguem de minha aldeia,
Passei por alma penada.

E. minha alma, á luz da lua,
Resvalava pelo espaço —
Doida por se unir á tua —
Num leve e mystico abraço.

E, minha alma, que vivia
A sonhar em ser feliz, —
Em seu sonho sempre via,
Um lindo par "de Sacys".

Eram nada mais, nem menos,
Que esses teus olhos, Maria,
Espertos, vivos, pequenos,
Doces Sacys da alegria.

E, minha alma, anciosa e louca,
Pelos ermos a sonhar, —
Era a flor da tua bocca
Que ella andava a procurar.

Depoimento do sr. J. S.

"Era meia-noite mais ou menos. No monjolo da fazenda, estavamos, eu, dois irmãos meus, fazendo companhia a uma velha empregada, que, por motivo de accumulo de serviço, estava áquella hora a "coar" farinha. De assumpto em assumpto passou-se a falar no Sacy. A velha, cheia de crença falava, com ardor, nas proezas do negrinho.

Nós nos mostravamos incredulos a respeito do que a velha dizia (apezar de estarmos com um "medão" delle).

O monjolo batia compassadamente no "pilão", rompendo o silencio da noite. Tudo estava calmo e a escuridão da noite, fóra, só poderia inspirar medo.

"Vocês não acreditam, mas hão de vêr ainda", dizia-nos a velha meio despeitada.

Não lhe conto mais nada, sr. Sacy-Perêrê.

Nesse instante, o monjolo deixou de bater no pilão, começou a oscillar no ar e, por fim, ficou quasi immovel.

Não foi preciso mais nada. "Abrimos o arco" (a velha tambem não se deixou ficar) e pouco depois chegamos em casa, offegantes, contando havermos "visto o Sacy".

A causa do facto, porém, era muito simples: por um motivo qualquer, diminuiu a agua e começando ella a bater no meio do "cocho" observou-se o phenomeno, que se attribuiu ao Sacy.

A outra historia ouvi contar, ainda, na fazenda.

Era noite de inverno. Na cozinha, fez-se fogo no chão, para como se costumava dizer "aquentar o fogo".

Nós, a criançada, fomos já trazendo os "banquinhos" para a beira do fogo, sentamo-nos á roda delle, para ouvir a Joaquina, cozinheiro, contar historias.

Eis a historia que ella nos contou:

A' beira do caminho, numa casinha de barro, vivia um velho negro. A' noite, antes de se deitar, o pobre velho, fazia a "pitada" para o dia seguinte e punha o cachimbo em cima do fogão.

Ora, o Sacy, muito sem ceremonia, aproveitava-se de um buraco que havia na parede para vir saborear a pitada, preparada pelo velho.

Indignado com o atrevimento do Sacy o velho lembrou-se de prégar-lhe uma peça.

Uma noite encheu o cachimbo de polvora, poz por cima uma camada de fumo (para o Sacy não desconfiar) e collocou-o no logar costumado.

Em seguida escondeu-se, muito bem, para presenciar o logro do Sacy.

Altas horas da noite entrava este, muito sorrateiramente, pelo buraco.

Julgando não ser espreitado pegou no cachimbo, poz-lhe uma brasa e começou a fumar tranquillamente, machinando, talvez, alguma nova diabrura.

Porém, subito, a polvora se inflamma, o Sacy leva um susto formidavel e esfregando o rosto, que ficara queimado, tratou de "azular" quanto antes.

O velho ria-se a mais não poder do geito do Sacy.

E a Joaquina terminou dizendo que nunca mais elle voltou para "filar" a pitada do velho negro."

Depoimento do sr. L. P. S.

"Conversando hontem em casa de um meu amigo, sobre a questão do Sacy-pêrêrê, que tanto interesse tem provocado e como eu lhe contasse alguns factos ouvidos na minha infancia e que me ficaram gravados na memoria, interpellou-me elle porque não concorria com o pouco que sabia para a elucidação do caso de mythologia brasileira lembrado pelo sr. M. L. E', portanto, para satisfazer o desejo do meu illustre amigo que venho á sua presença.

A lenda do Sacy-sererê (foi assim que a conheci), não é tão velha como querem dizer, pois eu, apesar de ter vivido apenas um quarto de seculo, ainda alcancei o tempo em que o Sacy era o terror da criançada e mesmo de muita gente grande. Havia na fazenda onde fui criado, quasi nas divisas de Minas, um preto velho chamado "Nhô Urbano", um perfeito conhecedor das lendas brasileiras. Contava-me elle historias do "arco da velha" occorridas na redondeza, com pessoas suas conhecidas e com elle mesmo, historias terrificantes de fantasmas e assombrações e com tal convicção as narrava que duvida alguma sobre a realidade dellas ficava-me no espirito infantil.

O heroe predilecto das suas façanhas era o Sacy, que elle pintava da seguinte forma: um pretinho retinto, de olhos

accesos como brazas, nariz arrebitado, de uma perna só e um pé redondo como uma bolacha. Filho do diabo, andava pelo mundo a tentar os meninos. Tinha uma paixão extraordinaria de andar a cavallo e era por isso que, a altas horas da noite, andavam os cavallos de correria pelo pasto e amanheciam com as crinas trançadas. Muitas occasiões tive de verificar de visu a verdade da affirmação do preto velho, quando, ao amanhecer de uma noite de correrias ia examinar a crina dos cavallos. Este mysterio, que mais tarde contaram ser arte de morcego e não de Sacy, faziam-me crêr na real existencia do descendente de Satanaz.

De uma feita, ficando eu só no velho casarão da fazenda, pois toda a minha familia tinha ido a uma festa do "arraiá", impressionado como andava com as historias ouvidas, não tive animo de dormir sem companhia no meu quarto. Appellei para a coragem do "Nhô Urbano" que, muito satisfeito por ter uma occasião de prestar-me um serviço, veiu deitar-se ao pé da minha cama, sobre uma esteira. Para entreter-me contava elle as suas costumadas historias de Sacys. De repente um vulto negro passou entre nós e a lamparina apagou-se como por um encanto. Um calafrio de medo percorreu-me a espinha, os cabellos eriçaram-se-me na cabeça e fiquei immovel na cama, com o coração aos saltos. Passados alguns minutos de terrivel silencio ouvi a voz sumida do "Nhô Urbaoo" que me perguntava:

—"Nhô moço, cadê o forfi?"

—Não sei, procure você, respondi-lhe eu.

E o pobre preto, fazendo das tripas coração, depois de muito esforço conseguiu levantar-se e accender a lamparina. A physionomia do velho estava transformada pelo medo e posso garantir-lhe, sr. redactor, que estava "pallido".

—"Isto não pode deixá de sê trabaio do Sacy", garantiume "Nhô Urbano;" "é perciso esconjurá elle sinão nois está perdido".

E ambos ajoelhados rezamos contritamente um "Credo", 7 "padre-nossos" e 7 "Ave Marias". O certo é que o talsinho não mais nos incommodou.

Não lhe posso garantir, sr. redactor, se existiu ou não o Sacysêrê, pois nunca tive que tratar com tão extravagante personagem, porém, posso affirmar pela bocca do "Nhô Urbano" (que Deus tenha sempre na sua santa companhia) que o Sacy é uma entidade real, realissima. O preto contava com tanta firmeza e convicção tel-o por muitas vezes visto que não nos seria licito duvidar das suas palavras".

SACY SATISFEITO

Depoimento em prosa do sr. Ulysses de Souza e Silva

Venho de estar entre a galharda flôr da minha gente; trago tambem este pequenino contingente ácerca do Sacy-perêrê — o estupendo bohemio das florestas que, cansado de errar pelos ermos, a fazer molecagens, — vem para a cidade — para distrahir as attenções ameaçadas de terror — nestes tempos de guerra.

Imagine-se um exercito de sacys!

Lá por Minas, onde estive em goso de férias, — vi o inquerito, que em tão boa hora v. s. abriu, e, — como tencionava tambem trazer-lhe algumas linhas, andei de casa em casa, da boa caboclada de minha terra, — interrogando-os sobre o Sacy.

Seria longo contar todas as historias que ouvi. Farei um resumo. A velha Mariana, a preta Balbina, o Joaquim Custodio, o João Corrêa, o Venancio, o Manuel Creoulinho e tantos outros, contar-lhe-iam magnificas historias do dianho do Sacy.

Ai! que saudades!

Lá estava a velha casa de meus antepassados, na fazenda Grande, — que eu, mal contendo a ancia de rever, — velho cofre de tantas illusões, — revia agora, — com os olhos marejados...

E tudo me falava ás reminiscencias!...

As velhas arvores, onde eu, feliz, outrora, traquinava como o Sacy, — evocavam, na saudade do passado, — as ultimas folhas que cahiram...

Ai! que saudade!...

E eu, de palpebras cerradas, — deixava que as lembranças me viessem, serenas, — tremulando a flôr da alma, — como a flor do lotus, ao luar, na superficie azul da agua morta do velho açude...

Lá estava o velho laranjal, onde, como dizia a velha Balbina, o "peste" do Sacy fez tantas maluquices, no tempo de "sinhô véio". E, como outrora, quando, ao pé da lareira, na vasta cozinha do velho casarão, — ouvia das escravas as historias de assombrações, com os cabellos arrepiados, — pedi á boa velhinha que me contasse de novo a historia do Sacy.

Cabeça alvejando, como uma pasta de algodão cardado, — tremula, — olhos baços, — mascando o cabo do velho pitinho de barro, — olhos de uma placidez de agua profunda, — ella, a bôa velhinha, contou-me:

"Sinhôzinho: Sinhô véio tava duente. Istalêro tá cheio de purvio. Ingenho tava moendo.

Negro trabaiava inté gallo miudá treis vêis.

Vae, Sinhô véo mandô negra buscá herva cidrêra no laranjá, prumóde fazê chá prá Sinhô véio. Negra foi.

Era na bôcca da noite, sinhôzinho.

Negra chamô Cuti, — pulô cêrca, rudiô paió, — subiu laranjá.

Quando negra foi panhá herva cidrêra prá Sinhô véio, — Sacy tava lá, — incurujado ni tôco preto, pitando seu pito delle.

Quando negra deu cos óio nelle, — o péste do negrinho deu um pulu e uma gargaiada e pediu fogo prá cendê seu pito delle.

Negra não teve nem tempo de pujá rusario e o bentinho...

Sacy deu uma burduada na negra e negra cahiu.

Sinhô véio viu que negra tava demorando, — mandô Simião catá ella e Simão trouxe negra quaji morta, sinhôzinho!...

Foi alli mêmo, sinhôzinho."

E a pobre sexagenaria, estendendo o braço tremulo, — apontava-me o velho laranjal.

E todos que eu interrogava tinham uma historia a contar.

O Sacy punha "sujêra" nas panellas; o Sacy parava o engenho; o Sacy derrubava os "barreleiros"; o Sacy alvoroçava a cachorrada; o Sacy "pintava o diabo" com os animaes...

Eram casaes que se separavam por artes do Sacy, — telhas que cahiam da casa; monjolos que se desarmavam á meia-noite; queijos que cahiam das prateleiras; comidas que queimavam na panella; porcada que ficava louca nos "mangueirões"; viajantes que levavam "sóvas" nos caminhos ermos, etc.

Tudo artes do Sacy.

Para terminar, — mais esta historia, contada pelo Joaquim Custodio, — antigo capataz de meu avô:

"De uma feita, — quando levavam boiada para a Côrte, — pousaram no rancho do "Manduca", nas margens do Rio do Peixe, em um logar, onde o Sacy fazia o dianho.

Perto, havia uma casinha de sapé, onde morava uma velhinha que possuia um elegante "papo de cordel" — com uma "bolóta" na ponta. O Sacy não a deixava em paz.

Um dia, — o Sacy foi visital-a, como sempre. A velhinha tinha toucinho a fritar em uma panella.

Pois o "péste do Sacy" — quando a velha se inclinou, para tirar o "torresmo", — deu-lhe um "papilote" — no papo que ella trazia enrolado no pescoço, — o papo cahiu na gordura quente e a velha sáe como louca a urrar, pelo terreiro e o dianho, ás gargalhadas e aos assovios, em cima da casa!... Mas, — dessa vez, — a "maldade" do Sacy foi benefica...

Desde esse dia, — o papo da velha entrou a murchar, a murchar e o resultado foi ella ficar sem papo.

Contam tambem que, em Santo Antonio do Machado, — o Sacy entrou na casa da Maria Rosa e, vendo-a triste, — fez-lhe esta quadrinha:

Como vae, sia dona Rosa!
Porque está tão "jururu'"?
Parece gallinha choca, —
Quando briga com perú.

O Sacy-perêrê, — ou Sacy-cerêrê, ou ainda Sacy-saperê, Sacy-sia-"Thereza", — como o conhecem em minha terra, — apresenta-se sob o aspecto de um molequinho retinto, — muito vivaz, — maldoso, capacete vermelho na cabeça, olhos côr de brasa, — uma perna só, capenga, — sempre a pitar num pitinho preto.

Ai de quem lhe negar fogo ou fumo para o pito!...

Gosta muito dos samambaiaes escuros e das casas velhas. Tem medo dos rosarios que lhe queimam as mãos.

E' facil pegal-o com uma peneira das que têm cruz ou com os rosarios, atirando-os nos remoinhos de vento.

E' assim que eu idealisava o Sacy, em criança, e de quem tinha tanto medo.

Hoje, eu creio que o Sacy se transformou em "certos olhinhos buliçosos" que andam, em certos palminhos de caras — nesta bella terra dos Andradas, a fazer o dianho com o coração da gente.

Mas, graças a Deus eu trouxe commigo o velho rosario da Balbina.

Ninguem me chegue, "que eu queimo mesmo!"

São estas as notas que eu lhe trouxe de minha terra, — São José dos Botelhos, — Sul de Minas".

Depoimento do sr. João Silva

Eu tive occasião de conhecer o Sacy-pêrêrê uma vez. Foi em 1897 ou 98. Meu pae, lavrador em Silveiras, pequena cidade do Norte, quasi nas divisas do Estado do Rio tinha diversos aggregados (assim se chamavam, lá, os trabalhadores que moravam nas fazendas), que, ao escurecer se reuniam no terreiro grande e deleitavam a criançada contando historias do lobishomem e do Sacy. Eu nunca faltava a essas reuniões, e ouvia sempre, com a maxima attenção, essas historias contadas na rustica simplicidade de trabalhadores da roça. De maneira que, conhecendo o Sacy através das historias contadas pelos aggregados de meu pae, desejava conhecel-o e travar conhecimento pessoal com elle — esse negrinho irrequieto, peralta e alegre — conforme rezavam as historias que eu ouvia. Meu pae gostava immensamente de caçadas, e, uma occasião, tendo resolvido fazer uma caçada de veados nos Campos da Bocaina, distante de Silveiras umas quatro ou cinco leguas resolveu convidar para companheiro um compadre, tambem lavrador e adepto desse "sport", o qual morava duas leguas distante do nosso sitio. Eu fui o portador do convite. Sahi de casa de manhan, cheguei ao sito do compadre de meu pae que morava dos lados do Corrego Fundo, ainda cedo, transmitti-lhe o convite

que foi acceito, e fiquei para almoçar. Depois do almoço, quasi ao meio dia, montei a cavallo (era um cavallo baio que meu pae tinha, esperto e passarinheiro e que, por diletantismo, meu pae fazia correr na "raia" do João Lemos) e toquei de regresso a casa.

A estrada era deserta, cheia de mato, de curvas e encruzilhadas, mas em um certo pedaço, sahindo-se de uma curva entrava-se numa recta descampada de mais de dois kilometros de extensão. Foi ahi que encontrei o nosso heróe! Devia ser meio dia. O sol estava a pino e o céu de um azul translucido; o mato em derredor da estrada e a mata virgem que se distendia ao longe, de ambos os lados, pareciam descansar numa modorra suave! Sahindo da curva e penetrando na recta da estrada, o cavallo logo levantou as orelhas e quiz retroceder; dei-lhe uma chicotada e olhei para a frente. Foi então que distingui na outra extremidade da recta caminhando de encontro a mim, um pretinho gordo, irrequieto, cabeça vermelha, trazendo um pau na mão direita. Lembrei-me logo do Sacy. A proporção que mais nos aproximavamos, melhor fui distinguindo-lhe as formas: era um typo verdadeiro de moleque!

Negro como azeviche, gordinho, conservando na mão o pau, ria-se gostosamente mostrando uma dentadura admiravel; o cabello encarapinhado, não era vermelho como a principio me pareceu, mas côr de ouro. Quando nos encontramos á beira de um corrego que cortava a estrada, o moleque firmou-se no pau e soltando uma risada prolongada, saltou por cima de mim e do cavallo, gritando: "Sacy-Sacy". Nessa occasião como que despertando de um sonho mau estremeci-me todo, e olhando para trás e não vendo ninguem, fustiguei o cavallo e em poucos minutos estava em casa... Ahi narrei o occorrido a minha mãe que, entre incredula e receiosa, me aconselhou a não mais ouvir as historias dos camaradas.

Outro facto que se deu commigo tambem de incontestavel veracidade, foi o seguinte:

Em 1900, tendo morrido meu pae, liquidamos tudo em Silveiras e viemos para S. Paulo.

Aqui moravamos na rua da Abolição e eu já estava bem taludo. Uma noite em que não pude conciliar o somno, altas horas, senti passos no meu quarto; olhei e vi um vulto, em forma de um urso negro, pelludo, caminhar em direcção ao meu leito. Tive muito mêdo, quiz chamar por minha mãe que é sempre quem se chama nos momentos de afflicção e não pude. O urso chegou-se até o meu leito, deitou se commigo e disse: "Não tenhas mêdo; sou o Sacy, mas agora em forma de urso", e ahi ficou. Este facto reproduziu-se por mais de um mez sem interrupção. Por fim eu já estava familiarisado com aquella companhia diabolica mas realmente inoffensiva.

Uma noite o meu companheiro (urso e diabo ao mesmo tempo) chegou mais cedo e eu tambem adormeci mais cedo ao contacto daquelle pelo negro e macio; quando accordei estava só.

Na noite seguinte não veio e nunca mais me appareceu. Nunca mais me appareceu, mas eu receio que elle se tivesse encarnado, no meu corpo... Bonito se eu fiqui com o diabo no corpo!..."

O SACY E O CAIPIRA, aquarella de Richter

Depoimento de Zé Caipora

Zé Caipora sacode o pó das velhas reminiscencias e fala do Sacy concebido pelo povo do nordéste brasileiro:

"Não é demais, estender o inquerito interessantissimo sobre o Sacy, ao norte. Passei os doces annos da minha infancia no sertão do Ceará, minha terra. Lá, ouvi as lendas populares, correntes no Brasil, mas a lembrança das suas narrativas já estão quasi dissipadas na minha memoria. Vão tambem 15 annos e o tempo é um grande destruidor...

Só agora, volto a interessar-me pelo assumpto tão felizmente agitado pelo "Estadinho"! E, tirando o pó da memoria, posso dizer algo do Sacy-pêrêrê, tal como é concebido e divulgado no nordéste brasileiro.

Em principio: não se lhe dá absolutamente este nome, mas o de Caipora, se bem que seja tambem representado por um ngrinho ou caboclinho "perérêca" (corrupção de perêrê?).

Do Caipora, nunca ouvi dizer que tenha uma perna só, como é o seu caracteristico por aqui; usa, como o Sacy a carapuça encarnada e as suas travessuras, no gallinheiro, no engenho, no curral, na cozinha, não trazem menos atribulados os sertanejos do norte, do que os do sul. Lá como aqui, é pa-

rente do diabo. Ha certas variantes e caracteristicos que completam a figura pittoresca do Sacy.

O Sacy é um peralta; o Caipora é um pouco mais do que isto: faz mais diabruras do que traquinadas.

O traço da personalidade moral (??) que melhor o define é ser um grande fumador e um cachaceiro inveterado, principalmente o primeiro: "Fuma como um Caipora" é um ditado corrente.

Costuma postar-se nas encruzilhadas e nos caminhos, cavalgando sempre um enorme caetetú, esperando a passagem de algum arreeiro (tropeiro), para pedir-lhe fumo. Se isto lhe é negado, mesmo que o pobre homem não o traga, o Caipora não perdôa; chicoteia-o até deixal-o moido... E a sua montada, o porco selvagem, é mais veloz do que veado e, como o Caipora, torna-se invisivel quando é mister. Ah! quantas vezes o Caipora surra uma criatura sem ser visto, portanto sem o risco de apanhar tambem!

Os caçadores, então, têm um temor supersticioso do Caipora; — e nenhum Nemrod se aventura a uma excursão sem ter a prudencia de levar bom fumo e uma pinga para o heróe das capoeiras. Não é ingrato, — eis uma virtude do Caipora. Satisfeito o seu "ultimatum", elle, que é o rei das caças, assobia e o silvo agudissimo é a chamadas das victimas; o caçador feliz escolhe quantas e quaes quer. Ai, porém, das suas vinganças! O caçador, além da tunda, nada conseguirá caçar, se fôr imprudente e não pagar o tributo aos seus vicios.

Nas regiões onde predomina população de origem indigena, prefere-se represental-o trazendo na cabeça uma "urupemba" em vez da carapuça; mas onde predomina a mestiçagem africana, como na Bahia, é a carapuça vermelha. No sertão bahiano, onde a superstição é mais grosseira, o Caipora é mais fantastico: "tem uma banda só" mas faz diabruras por cem. Disse-me um antigo escravo: "Deus Nosso Senhor não quer que Caipora appareça completo, porque se

da metade ninguem pode dar cabo, se fosse completo acabaria o mundo." (Se o Criador fizesse o mesmo com os nossos politicos..."

Todas as narrativas que ouvi, foram contadas por pessoas "populares" e crentes: algumas testemunhas oculares, outras victimas, outras favorecidas. Nunca me preoccupei em guardal-as na memoria. Tambem suppunha eu que, quinze annos depois, iria tomar interesse por um inquerito do "Estadinho"?

Depoimento de um "Anonymo"

A maior parte da minha infancia passei-a na fazenda de meu pae, para além de Pirajú.

Foi ahi que desde a mais tenra edade soube da lenda do Sacy.

Mas, qual o brasileiro que não recebe com o leite materno as superstições e lendas, tão abundantes no Brasil?

Poucos, bem poucos, são os que, no aprender o "signal da cruz", não sejam instruidos das diabruras do Sacy, das devastações dos Lobishomens e da má fama do Caipora...

Emquanto não tive o uso pleno da razão, eu acreditava piamente em quantos casos absurdos ouvia contar.

Os amigos da casa, ou vizinhos, os roceiros, os camaradas, todos tinham o seu "caso" para contar.

Fulano jurava que certa noite ouvira um assobio ao ouvido; Sicrano, que um vulto anão escarranchara-se-lhe á garupa da sua besta que desandou num galope furioso até que desappareceu á vista da primeira luz.

Entre outras vou narrar as seguintes:

Chico Manuel era um caboclo espaduado; contavam-se proezas e aventuras da sua vida agitada de capanga e valentão. Certa vez, estando em um "sitio" contaram-lhe que o Sacy apparecera nas redondezas e espantava os viajantes, que ás horas caladas da noite ousassem atravessar um valle sombrio e de aspecto sinistro.

Chico Manuel não cria em apparições; por isso, ao vêr os semblantes do roceiro e dos seus filhos empallidecidos pelo pavor, soltou uma sonora gargalhada.

— Pois eu vou "vê" o Sacy... disse por fim.

O roceiro procurou dissuadil-o desse proposito.

Em vão. Confiado na boa pontaria de uma garrucha de dois canos, naquella mesma noite partiu Chico Manuel em direcção do logar temido.

— O "desgranhado" que pulá na estrada come chumbo!...

Em breve, o cavallo do ousado caboclo mergulhava as patas no riacho do valle, emquanto o valentão furava as trévas com as vistas agudas.

De subito, o cavallo relinchou e recusou-se a avançar. O caboclo, um tanto surpreso, metteu-lhe as esporas; o cavallo, porém, continuava pregado no mesmo sitio, relinchando.

E, (coisa pasmosa!) uma força desconhecida começou a arrastar o animal pela cauda, para dentro do mato!...

Chico Manuel tomado de um terror supersticioso, voltou-se na sella e viu o vulto de um negrinho, que arrastando-o por entre os cipós e espinhos, ria... ria...

O caboclo façanhudo, que mais de uma vez fizera frente a meia duzia de homenss, perdeu todo o valor; e esquecendo a garrucha na cinta, bradou ao tempo que se persignava:

— Credo!...

O negrinho desappareceu, soltando um assobio prolongado e o animal, vendo-se solto, ganhou a estrada num galope doido, levando sobre si o cavalleiro quasi desmaiado.

Eu não garanto a authenticidade deste e do conto que segue, mas os que m'os narraram disseram ser veridicos.

Em certo collegio do interior (onde, não sei) haviam ficado durante uma feria tres rapazes, a espera que os paes os viessem buscar, emquanto que os demais haviam já partido.

O vasto dormitorio, então completamente deshabitado, tornara-se silencioso e mais lugubre ainda.

Estes tres estudantes, justamente impressionados, foram dormir para um quarto pequeno e menos sinistro.

Como que para sentir-se menos isolados concordaram em dormir juntos.

Ora, certa noite, sentiram que alguma "coisa" puxava a coberta pelos pés.

Esta "coisa" devia ter muita força, porque os tres, num esforço commum para puxar a coberta, foram vergados ao meio.

— Como cheira a negro, bradou um delles, aspirando o fartum peculiar aos negros.

Como resposta, ouviram nos pés da cama uma gargalhada e ao mesmo tempo lobrigaram lá o Sacy...

Quando se fez luz elle havia desapparecido.

*** O facto que vou agora relatar deu-se com uma senhora de uma familia paulista, cujo nome eu occulto por decôro. Denominal-a-ei sra. X.

Era numa cidade do interior. A sra. X fôra fazer companhia a certa dama que havia adoecido repentinamente.

Ora, como seu marido estava em viagem e os serviçaes dormiam fóra, viram-se portanto, sós, em casa.

A altas horas da noite, obrigada a preparar um chá, dirigiu-se para a cozinha.

Esta parte da casa achava-se em concertos; porisso, uma das paredes estava reduzida a "esqueleto", isto é, com as ripas á mostra, através das quaes se divisava o quintal.

Chegada á cozinha, a sra. X notou que não havia lenha no fogão.

Não ousando sahir ao quintal, tomada de vago pavor da solidão, murmurou:

— Quão grata ficaria, se alguem me trouxesse lenha!...

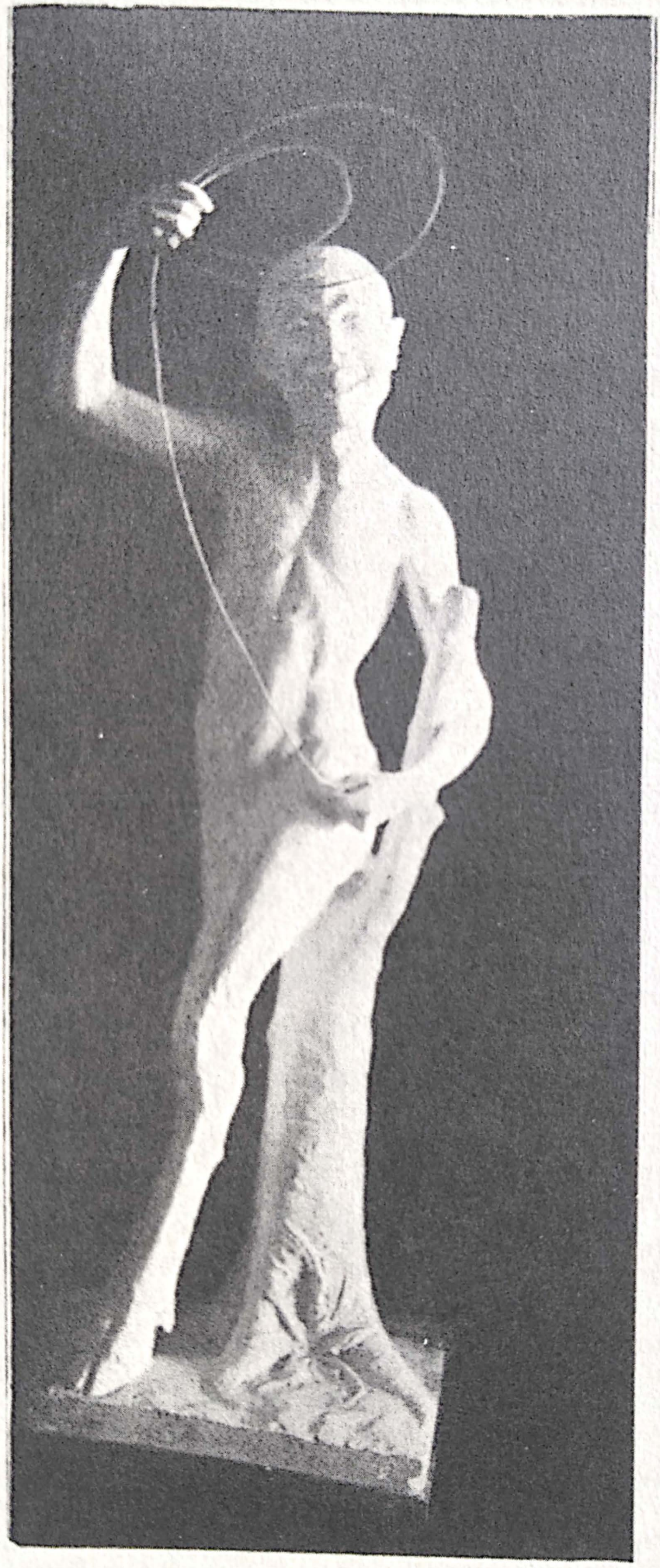
Mal terminára esta phrase, a sra. X ouviu passos no quintal e seus olhos espantados divisaram por entre as ripas uma scena assombrosa...

Illuminado pela vaga claridade das estrellas, um negrinho manco, aproximava-se da porta, aos saltos, arrastando um pedço de madeira...

Aterrorisada, a sra. X precipitou-se para o aposento da companheira, junto da qual cahiu desmaiada, murmurando:

— O Sacy!...

E ella está até hoje convencida de ter visto o Sacy, o que sómente se póde explicar por auto-suggestão.



SACY LAÇADOR, estatueta
de M. Vellez

Depoimento do sr. V. Orozimbo dos Santos

Cerca de 6 ou 7 leguas de Faxina, entre esta cidade e Itaberá estava, ha mais ou menos 30 annos atrás, collocado o sitio da "Toca Feia", então de propriedade do sr. Chico de Paula.

Era um homem de estatura e corpo regular, moreno, com uma barbinha solitaria no queixo, bom conservador, sério, e mostrando certa illustração. Era casado com uma filha do sr. Manuel de Souza Guimarães, professor aposentado naquella cidade e muito conhecido.

No tempo em que se deram os factos que constituem este artigo, residia elle na "Toca Feia", em companhia da mulher, nha Tita, de tres ou quatro crianças e de um camarada, preto.

Difficuldades varias impediram Chico de Paula de fazer as roças necessarias para a sua permanencia no sitio. Resolveu, portanto, conforme uso entre os moradores do mato, fazer um "mutirão", tendo, para isso, feito alguns gastos indispensaveis, como ter comprado um cargueiro de pinga, morto um capado, etc., etc., afim de bem hospedar os que lhe viessem dar a "demão".

Na vespera do dia esperado para a "mutirão", á tardinha, um rumor surdo écoando pelo céu afóra, prenunciou

chuva grossa. Em seguida, nuvens negras e pejadas accumularam-se no horizonte.

Chico de Paula, sahindo á porta do terreiro, perscrutou o céu betuminoso e teve a sensação de que era impossivel que o dia seguinte amanhecesse bom.

Chamou, então, a mulher e disse-lhe:

— Nha Tita, veja que caipora. Nós fizemos tanto gasto e não podemos aproveitar. A chuva vem ahi. Ora, já que Deus não nos quer ajudar, antes o diabo ajudasse.

Era o desabafo de quem via, em pouco, perdidos tantos esforços. No entanto taes palavras, como o magico "Abre-te, Sesamo", fizeram um milagre: o céu desannuviou-se e as estrellas constellaram o firmamento...

Alta noite, quando na "Toca Feia" todos se achavam accommodados, Chico de Paula ouviu, como que em sonho, o som mavioso de uma flauta que, aos poucos, se aproximava da casa.

Prestou, admirado, attenção áquelle som estranho e, convencido de que não sonhava, acordou a mulher e participou-lhe o que ouvia.

O espanto do casal era grande, porquanto no rumo em que vinham os accórdes não havia caminho algum, parecendo surgir do seio da mata.

De subito cessou a musica maravilhosa e ouviram, em seguida, a porcada grunhir no terreiro, vindo, assustada, encostar-se á casa. Do meio della partiu um assobio estranho e um gargalhar desafinado.

O preto ouvira o grunhir dos porcos e a risada, falando, zangado:

— Quem é esse filho da... que está rindo ahi?

Começára o fadario de Chico de Paula.

Desde hai, todos os dias, infallivelmente, ao escurecer, entrava na casa um estranho ente, só sahindo quando o dia começava a romper.

Era um boneco pequeno, de cerca de dois palmos de altura, mal se lhe distinguindo as feições, mas saltando em uma perna só, irrequieto, turbulento, mexedor, assobiando de continuo, um assobio impossivel e desafinado, acompanhado esquesita risada. Era o Sacy.

De começo todos em casa se incommodaram com o estranho visitante: eram continuas noites mal dormidas, pois o Sacy se comprazia em assustal-os sempre.

A's vezes, deitados, ouviam o baque do armario, espatifando as louças; outras, era uma gallinha com pintos que voava do ninho, atirada á distancia; outras era a tulha de feijão que se esparramava, e assim por diante, sendo tudo isso acompanhado pela risadinha encafifante.

Chico de Paula levantava-se e encontrava tudo no mesmo lugar. Seria illusão? Seria uma persistente obsessão?

Não era: lá estava o bicho a saltar na sua unica perna e a azoinar-lhe os ouvidos com o seu:

— Fiaaau... ih! ih! ih!

Voltava ao quarto, deitava-se. Lá vinha o Sacy a mudar uma criança, a derrubar-lhe em cima objectos pesados, sem o maguar, a cobril-o, no verão, com o proprio cobertor, sentindo um peso suffocante...

A fama do sapêrê espalhava-se pela redondeza. Muitos acreditavam; outros duvidavam.

Entre estes estava o Tião, que se comprometteu a ir pousar em casa de Chico de Paula, para tirar o "caborge" do "maligno".

E foi. Fizeram-lhe a cama ao pé do fogo. Ao deitar-se, examinou se a faca sahia bem da bainha, collocou-a em baixo do travesseiro e esperou.

Não esperou muito. A risadinha estridula ecoou. Chico de Paula gritou do quarto:

— Lá vem elle.

Tião sentou-se na cama, pegou na faca e não poude tiral-a da bainha. No meio do fogo o fatidico assobio guinchou e

as brasas, como que tocadas por força estranha, espalharam-se pelo chão, obrigando-o a sahir da cama.

Acreditou, então, e, no dia seguinte, "escamou-se", dispensando, gostosamente, a "boa" companhia.

Orações, rezas, benzimentos, foram feitos para espantal-o. Cruzes foram fincadas ao redor da casa e, ao pé dellas, collocadas caneta, tinteiro e papel, pretendendo, com isso, que as "almas" exprimissem o seu desejo.

Tudo em vão.

Um dia Chico de Paula resolveu acabar com "aquillo". Pegou um grosso porrete e esperou.

O Sacy apresentou-se como de costume. Chico de Paula não esperou: começou a esbordoar a sombra, que saltava desesperadamente.

Nessa luta levaram quasi a noite toda. Pouco antes de amanhecer o Sacy seguiu para a porta, sempre sovado pelo outro: atravessou-a, passou ao terreiro, tomou a estrada, embrenhou-se pelo mato, sempre seguido, sempre esbordoado.

Os primeiros alvores do dia diluiram a sombra. Chico de Paula, esbaforido, voltou para casa.

Foi a ultima vez que o sapêrê o incommodou.

Estava quebrado o encanto, mas foram precisos cinco longos annos para terminar um fadario extenso, resultado de umas palavras inoffensivas, pronunciadas num momento de desabafo".

Depoimento do sr. Hugo Ribeiro

Fala do sacy como é elle em Iguape, onde, do porto da Ribeira a Iporanga, com escala pelo "Arrelá" e "Guaprunduva", só se diz Sacy-çaperê.

Piraquara de Iguape não é capaz de sahir ao "baiá" do rancho, á noite, e dizer: que noite escura — porque o Sacy sapêrê responde: mais escura estará tua alma no inferno.

Durante o dia, o Sacy "vira" em passaro e anda pelo mato, assobiando, não o assobio que lhe é peculiar na escuridão da noite, mas o assobio do "Sem-fim", que é invisivel. E é invisivel porque o sem-fim outro não é senão o tico-tico, ao qual o timido investigador não "liga"...

Certa vez a "folia" do Divino portou em casa de um caboclo das proximidades da Barra do Etá; depois de cantar o "verso" de saudação, o "alferes" pediu a esmola; o caboclo deu o que tinha — alguns atilhos de milho, que foram transportados para a canôa collectora; quando a "folia" e acompanhamento se aproximavam da canôa, viram que as espigas saltavam, por si, uma a uma ao rio!

Cheios de horror, avistaram no meio do capim de boi a figurinha do Sacy?

Era ao cahir da noite, hora em que o coaxar monotono e tetrico das rans no brejo, como que estabelecendo a cadenciada polemica: — seu pae foi rei? Foi... não foi... foi... não foi, faz que o caboclo de barbinha rala (com licença do Cornelio), veja em cada sombra um Sacy.

Aquella gente crê tão sinceramente na existencia do Sacy, que nem o rosario de capiá e o patuá de oração ao pescoço lhe inspiram absoluta confiança.

Concluido o inquerito sobre o Sacy, devem ser estudadas mais duas figuras importantes da mythologia brasileira: o "lobishomem" e o "negro d'agua", sobre as quaes me comprometto a prestar o meu depoimento".

Depoimento de "Joaquim"

"Eu tambem, na minha infancia, conheci de nome e quasi de vista o Sacy-pêrêrê, que na minha terra era mais conhecido por "capetinha da mão furada".

Nunca tive medo delle, porque Dindinha (era como eu e meus irmãos chamavamos a velha ama que a todos nós pageara), nunca o considerara um mau diabo e, ao contrario disto, mantinha com elle transacções que lhe eram utilissimas, conseguindo do capetinha serviços inestimaveis por um preço infimo.

Assim, por exemplo, para encontrar objectos perdidos, Dindinha chegou á convicção de ser muito mais util a intervenção do espertissimo Sacy que a de Santo Antonio, o qual tem muito mais que fazer e, já cansado de tantos serviços feitos á humanidade, não se interessa mais pelas promessas de vintem.

Ao passo que o Sacy, coitado, pobre diabinho manco, temido, odiado por quasi todo mundo, era muito sensivel ás attenções e sempre muito prompto a auxiliar a quem o tratasse bem.

Dindinha, para agradar o capetinha da mão furada, collocava um ovo fresco no ôco de uma gamelleira que havia perto de nossa casa, assim mais ou menos pelas Ave-Maria.

Sacy, noite alta, vinha alli, ia onde estava o ovo fresco, comia-o e, contente da vida, dava um assobio fino, muito alto, que Dindinha ouvia todas as noites e nos contava de manhan.

Não sei bem como Dindinha conciliava a sua fé catholica e suas relações com o capetinha; rezava o terço, accendia a lamparina do oratorio, fazia promessas aos santos e, todos os dias, dava um ovo ao Sacy. Ella nos explicava que os santos vivem no céu e nos servem para depois da morte, ao passo que o capetinha, vivendo na terra, presta os seus serviços aos vivos que o tratarem bem.

Por isto o duendezinho sempre foi muito bom para nossa familia: espantava as rapozas que tentassem atacar o gallinheiro da chacara, destruia alguns formigueiros e mudava todas as casas de marimbondos para a chacara do nosso vizinho Anselmo, que era inimigo politico de meu pae.

Lembro-me que, uma certa vez, Dindinha perdeu sua caixa de rapé e esteve o dia inteiro doida atrás deste objecto: á tardinha, em vez de um, collocou dois ovos para o Sacy e invocou o seu auxilio para descobrir a querida caixinha de rapé. Pois no dia seguinte, o objecto foi encontrado á borda do açude onde Dindinha estivera na vespera de manhan, antes de dar pela falta da rapézeira. Quem a collocou alli para ella?

Foi o Sacy. Pois neste dia elle ainda se regalou com mais dois ovos.

Foi elle quem, numa occasião, atirou pedras nas vidraças do vizinho Anselmo, quem lhe roubou um coelho, arrebentou a cerca de arame do pasto e fez sumir, por muito tempo, o cavallo de estimação daquelle inimigo politico de meu pae. Sacy, nestas proezas, procurava se mostrar agradecido á familia que lhe dava um ovinho fresco por noite.

Tudo isto se passava ha trinta annos. Ultimamente, voltando eu á chacara onde passei este feliz tempo da infancia, ainda lá vi a gamelleira, com a mesma cavidade onde

Dindinha (fallecida já ha quinze annos) punha a ceia do capetinha. E eu, já raciocinando como homem, comecei a pensar no exquisito milagre do ovo, posto todas as tardes, e, de facto, consumido todas as noites por quem quer que seja. Existiria de facto o Sacy? Quem comeria então o ovo? Algum animal nocturno? As rapozas? As corujas? Os gambás?

Para chegar a uma conclusão, como dormi esta noite na velha chacara fui tambem collocar um ovo no mesmo logar. De manhan, fui vêr o que se passara e o ovo lá estava intacto, tal como eu o deixara na vespera.

Sacy morreu, talvez, e com elle toda a poesia, toda a felicidade daquelles tempos de minha infancia..."

Depoimento do sr. Fonseca Sobrinho

Vem de Paraizopolis, Minas, onde ha sacy em barda. E' um paraizo aquelle, modernisado, onde o diabo apparece em pessoa sem necessidade de disfarces viperinos.

"De todas as entidades com que a mythologia indigena povoou o paiz, uma das mais interessantes é o Sacy-pêrêrê, ou sêrêrê, sendo esta a fórma aqui preferida.

Aquelle moleque barrigudinho, de nariz esborrachado — mixto de capeta e Pedro Malazartes — preenche, tão sómente á sua conta, a quasi totalidade de certos casos que, na boa quadra de nossa infancia, ouvimos de umas velhas muito boas, criaturas adoraveis, sejam ellas doces avózinhas ou amigas dedicadas.

Em algumas dessas narrativas, o Sacy apparece sempre sob o aspecto de um genio malfazejo, perseguindo e prejudicando os infelizes, que lhe cahiram no desagrado.

Em outros casos. porém, o nosso heróe mostra toda a agudeza de seu temperamento galhofeiro, invariavelmente trocista, logrando todos e coroando sempre suas formidaveis troças com uma terrivel gargalhada que, ouvida sem-

pre no silencio da noite, faz accordar os passaros nos seus ninhos e os bichos do mato dentro das tócas de pedra.

E' raro que o roceiro inculto passando, ao escurecer, por uma encruzilhada do caminho, não se descubra, persignando-se e pronunciando palavras de esconjuro para o terrivel moleque, que bem póde estar muito proximo dalli, espreitando-o, occulto atrás de um cupim ou escondido numa toceira de sapé.

Alguns individuos "já viram" o Sacy, assim como outros "já lobrigaram", nas trévas, o sordido Lobishomem ou a inqualificavel Mula-sem-cabeça, em desenfreada correria e, finalmente, trabalhadores de roça contam que lavrando um campo, vizinho de um vasto açude, sob um sol de meio dia, já suspenderam seu trabalho, enlevados pela voz da Mãe d'Agua, que canta tão lindo como as sereias.

O que não padece duvida é que o povo conhece, mais ou menos, todos os citados membros da respeitavel familia do "Coisa Ruim"; de todos elles, entretanto, é o Sacy o que menos terror infunde, havendo até individuos que se comprazem em pregar-lhe partidas.

O Sacy, no dizer da nossa gente, é mulatinho escuro, mas os individuos que com elle embirraram, fazem-n'o preto retinto.

Mulato ou preto, se tiver mais de meio metro de altura, que limpe as mãos á parede.

Apesar de pequeno e esperto como um cachinguelê, o Sacy é gorducho e a barriguinha estufada quasi rompe a jaqueta, que lhe cinge o tronco.

Uma perna, tem-n'a fina, descarnada, emquanto que a outra... perdeu-a o Sacy, talver n'alguma aventura inçada de perigos, no decorrer da qual lhe arrumassem uma carga de chumbo bento que, ferindo de verdade o moleque, acarretou-lhe a gangrena, que impoz aos cirurgiões de Pero Botelho uma desarticulação coxo-femural...

Se não foi assim, é que então já o Sacy nasceu com uma perna só: quanto a este ponto, nada ainda existe assentado definitivamente.

De resto, é bonito o Sacy?

E' horrivel!

A cara quadrada é de preto velho, que já ultrapassou os cem Janeiros; no meio do vasto carão, lá está implantado o nariz formidavel que, de tão chato, até parece ter sido amassado por uma valente punhada.

Os olhos, são vermelhos como coagulos de sangue e tão vivamente rolam dentro das orbitas, que qualquer esculapio ahi veria o phenomeno do nystagmo.

Das orelhas, nem é bom falar; sobre serem enormes e acabanadas, estão situadas em alturas differentes. Quanto á bocca, que limitam labios grossos, é um pouco torta; isto, aliás, não é de extranhar, porquanto o Sacy, que é fumante incorrigivel, sempre que póde, usa e abusa do cachimbo... alheio.

A cara enrugada e glabra, é animada por uma expressão feroz — feita de maldade e ironia.

Respeito á indumentaria, o moleque é pouco exigente: além da já mencionada jaqueta, traz enterrado á cabeça um gorro vermelho, ponteagudo; a metade inferior do corpo é protegida por abundante e longos pellos.

Feitas essas ligeiras considerações sobre a individualidade do Sacy, passemos a uma historia, por muitos reputada verdadeira e cuja audição provoca, nas casinhas dos roceiros, orações, esconjuros, "sympathias" e outros meios, mais ou menos proprios para enxotar o terrivel moleque, nas noites de sexta-feira.

*

* *

Cavalgando um burrinho, já banhado em suor, o campeiro descia o declive disfarçado da collina.

Voltava do serviço penoso e infrutifero de procurar um boi tresmalhado, desde a vespera.

Ao chegar ao pé da collina o campeiro, que viajava absorto, num estado vizinho da modorra, despertou, de subito, a um forte solavanco do animal, que tropeçara; colheu as redeas de golpe e fez estacar o burrinho.

Varreu com o olhar todo o terreno circumvizinho e sentiu que o local lhe agradava deveras.

A vida que levava na fazenda, para onde se mudára, havia alguns dias, era a peor possivel. De dia, no campo, o ciume segredava-lhe umas coisas horriveis, com relação á vizinhança de sua casa com a de certo "cabra" valente, morador da fazenda; á noite, o vizinho monjolo, num martelar cavo, compassado e ininterrupto, irritava-o, tirando-lhe o somno.

Olhou ainda uma vez para a paisagem risonha, acariciada pelos raios mornos do sol poente e resolveu, alli mesmo, transferir, quanto antes, sua morada para aquelle local.

A resolução do campeiro causou verdadeiro assombro aos seus amigos.

— Que não fizesse tal! Pois ignorava elle que alli, naquelle sitio tão bonito, o Sacy estabelecera sua morada?

— Uma vez, contou um dos da roda, fui a um "motirão", lá no cerrado; houve muita "canninha", grande batuque e gostosa feijoada. Alli pelas Ave-Marias, voltei sózinho, para casa e, ao chegar áquella encruzilhada, que existe no Campo do Sacy — mesmo no logar onde pretende morar o nosso amigo — vi surgir um redomoinho na estrada, mesmo á minha frente.

Pensei logo em "prender o Sacy", atirando no redomoinho o rosario que, por desgraça, não trazia commigo, na occasião.

Atordoado, sem saber o que fazia, atirei minha enxada sobre o "bicho" que soltou uma gargalhada e se atirou so-

bre mim. Não mexi do logar, mas não vi mais nada, porque... "eu sumi".

Quando "dei acordo de si", no dia seguinte, estava embrenhado na mata, lá no fundo do grotão, todo arranhado pelos espinhos da "unha de gato".

O campeiro ouviu toda a narrativa do amigo sem dar mostras de inquietação; antes, affirmou que era homem de palavra e, por isso, mudar-se-ia logo para o tal sitio amaldiçoado e jurou mesmo que havia de "desabusar o negrinho".

De facto, algumas semanas depois, uma cazinha erguia-se, toda catita — a coberta de sapé, as paredes caiadas — ao centro de um cercado, mesmo junto á encruzilhada do Campo do Sacy.

Não tardou que nova morada fosse occupada por seu dono.

Durante algum tempo, tudo correu calmamente, de maneira que o Sacy cahira no olvido.

Certa occasião, entretanto, em que o campeiro regressava de seus affazeres, já tarde da noite, ao chegar proximo de casa, teve uma surpresa desagradavel: fôra-lhe arrebatado o chapéu, com incrivel rapidez, por um vulto, que estava sobre o moirão da porteira.

Este incidente foi o inicio das hostilidades, por parte do Sacy, contra quem lhe invadira os dominios.

Começára a quaresma e, desde então, o terrivel moleque vinha quasi todas as noites subir ao cupim, proximo á casa e ahi ficava assobiando até alta noite.

Não satisfeito em atormentar o campeiro, o inimigo principiou a victimar-lhe as criações: de noite, cahia entre os pogordos cevados e, por entre os grunhidos afflictos dos pobres bichos, cavalgava-os e maltratava-os a tal ponto, que certa noite succumbiu um pesadissimo cevado, que não supportára o peso do "negrinho", que o cavalgára.

A raiva do campeiro crescia na mesma proporção que augmentava a ousadia de seu adversario, que começára a operar até dentro de casa.

Madrugadas havia em que o desgraçado roceiro acordava meio suffocado, tal era a quantidade de cinza com que estava coberto seu rosto.

Uma noite em que o roceiro preparava seu banho, o Sacy, aproveitando-se de um momento de descuido do homem, atufou-se na agua, polluindo-a e, apenas descoberto galgou a janella e desappareceu na escuridão, soltando a gargalhada classica.

A situação tornava-se insustentavel para o campeiro; a crescente audacia do "negrinho" punha-o cheio de pavor.

Rara era a noite em que conseguia conciliar o somno e o mêdo já falára ao obstinado roceiro pela bocca de sua companheira, que lhe aconselhára uma retirada para outro ponto, estranho á esphera de acção do Sacy.

Mais forte, porém, que o temor, estava o orgulho: a luta era desigual, mas o campeiro não cedia; jurára que não recuaria e os amigos jámais tel-o-iam como covarde.

O atrevimento do moleque não conhecia mais limites: uma tarde, já ao lusco-fusco, quando o campeiro, exhausto, após um dia inteiro gasto á procura de um boi, encontrado á tarde, regressava á casa, ao passar numa encruzilhada, o Sacy, de um salto, cavalgou a rez e chicoteou-a de tal fórma, que o animal, esbaforido, investiu com o campo, numa carreira desabalada, levando ao dorso a infernal carga.

Ultimamente, o Sacy dera para furtar, durante a noite, o cachimbo que o campeiro deixava preparado para fumar no dia seguinte, ao erguer-se do leito: depois de "pitar" á vontade, o "negrinho" mergulhava o cachimbo no borralho, de onde ia o dono retiral-o pela manhan.

No intuito de vingar-se do tratante, o roceiro juntou, uma noite, certa quantidade de polvora ao cachimbo, que preparára; a deshoras o moleque, mui sorrateiramente, apoderou-se do cachimbo, que foi fumar na casinha. Em dado momento, uma forte explosão annunciou que surtira effeito o plano.

Isto, entretanto, custou caro ao roceiro, pois, quando á tarde do dia immediato regressava do campo, o excommungado inimigo arremessou-lhe á cabeça varios pedaços de pau, que muito o maguaram.

Vendo que as coisas tomavam um caracter mais sério e, consciente de que não poderia continuar a luta, com vantagem, o roceiro resolveu pôr de lado suas velleidades de orgulho e dirigiu-se ao arraial, distante algumas leguas, afim de pedir a alguem lhe indicasse um remedio efficaz para afugentar o inimigo.

De volta da viagem, tratou de pôr logo em pratica o que lhe ensinaram: com o formão, esculpiu uma cruz no moirão da porteira e pregou uma cruz na face externa das portas da casa.

O resultado foi maravilhoso: o inimigo desapparecera de uma vez e o campeiro entrou, afinal, no goso da cubiçada tranquillidade.

Uma semana depois de sua vinda do arraial, o roceiro, pela primeira vez, cavalgou o burrinho e tocou para os campos, a cuidar da vida.

Campeou durante o dia, já agora sem receio do "negrinho" e satisfeito intimamente, pela victoria obtida.

Ao entardecer, o roceiro resolveu regressar á casa e, para esse fim, esporeou o burrinho em direcção á Serra do Buracão, assim chamada em virtude de um horrivel desbarrancado, verdadeiro abysmo insondavel, alli existente e onde já haviam perecido innumeros animaes.

O cavalheiro seguia despreoccupadamente quando, de subito, sentiu que alguem lhe saltara ás costas, fixando-o, com um braço ao arreio e arrebatando-lhe as redeas do animal.

O burrinho, tomado de pavor, arrancou numa corrida doida e, como um furacão, quebrando galhos, fustigado pelos ramos dos arbustos e guiado pelo Sacy, voava, ás cégas, na direcção do abysmo.

Continuava, já durante alguns minutos, aquelle galope fantastico do burrinho, levando ás costas a dupla carga; de repente, faltou-lhe o terreno e cavalgadura e cavalleiro precipitaram-se na vácuo.

Seguiu-se o baque surdo dos dois corpos no fundo do precipicio, emquanto que em cima, á beira do despenhadeiro, o Sacy, como louco, aos pinchos, virando cambalhotas, cantava num gargalhar horrisono, o seu hymno de victoria".

Depoimento do sr. Nestor Bertone

Estavamos residindo em Bella Vista, Tatuhy, quando se casou uma minha irman, a mais velha e foi fixar residencia em Tatuhy. Passados mezes eu quiz visital-a e segui viagem com um tropeiro de nome José Camillo, filho de um meu padrinho. Partimos ás 6 horas, com o intuito de pernoitar no meio do caminho numa pequena villa, toda cheia de mysterios. Eu naquelle tempo tinha apenas 13 primaveras e era um travesso sem egual, tanto que me alcunharam de espalhabrasas. Em continuação a esse logar, havia um outro chamado Alleluia, onde todos os tropeiros passavam a noite em um barracão. Eu, ouvindo falar do tal negrinho, puz-me á noite em logar seguro e por precaução fui dormir entre o filho de meu padrinho e outro camarada de nome João, porque o Sacy costumava arrastar da cama os viandantes; afinal fizemos fogo e jantamos muito bem. Depois entabolamos uma conversa até tarde; eu cochilava, mas sempre pensando no tal diabinho. Qual não foi o meu sobresalto ao ver perto do fogo um negrinho; era tão preto que o reflexo do fogo parecia um crystal contra uma luz forte. O negrinho começou a mexer no fogo, depois abriu um buraco pequeno na cinza e deitou nelle uma porção de objectos exquisitos, e começando a cochilar, parecia que ia cahir por cima do braseiro. Logo que percebi isso chamei o José Camillo, elle se levantou, pegou num chicote e aproximou-se do talzinho; mas quando deixou cahir a chicotada o negri-

nho saltou e fugiu, deixando-nos como tolos; começamos logo dormir outra vez; mas a sorte não nos era propicia: o personagem mysterioso voltou mais rancoroso, em um dado momento acordei com uma terrivel surpresa, pois em baixo dos meus pés estavam pelo menos uns quinze tições de fogo, que me produziam um calor insupportavel; pulei para o outro lado da cama e a tres passos de mim postou-se o Sacy, rindo-se gostosamente. Eu gritei e os meus companheiros levantaram-se. O de nome João sacou de uma garrucha e perseguiu o negrinho, emquanto o outro de nome Amador, fazia o mesmo.

O negrinho corria tanto que ninguem o alcançou. Accommodamo-nos lá pela meia noite; porém foi inutil: eu perdi o somno, fingindo dormir, mas sempre com medo; foram estes os momentos de suprema angustia. Quando falo nesta historia o meu cabello cresce. O Sacy reappareceu e começou a puxar a coberta; eu fazia esforços incriveis, mas qual, era tudo baldado, o negrinho ria-se e ia me levando com a cobertura; meus companheiros eram tambem carregados, mas não acordavam, tal era o seu somno. Afinal dei um grito com toda a força: a minha garganta recusava-se a emittir som. Só acordamos de madrugada na beira do rio denominado rio da Alleluia, com as cobertas, e a maior afflicção foi ver as nossas roupas toda espalhadas em baixo da ponte a uns 100 metros de onde nos achavamos. Eu fiquei tão aterrorisado que não podia falar e só mais tarde, pelas 9 horas, readquiri a fala, mas tão embaraçada que parecia de uma criança de 5 annos, até que afinal me voltou a fala natural.

Desde esse dia fiquei acreditando no Sacy-sêrêrê, como na minha terra dizem e posso affirmar-lhe que a pessoa que abusa, o mysterioso personagem persegue seja onde fôr, como aconteceu com o meu padrinho sr. Porfirio Camillo e com o sr. Sebastião Bastos que o Sacy carregou-os para o meio do caraguatá.

Depoimento de Jacques Felix

Este Jacques não é o fundador de Taubaté, mas mora lá. Entre as revelações que faz conta que o Dr. Francia do Paraguay era Taubateano. Está aqui um lindo thema para encher uma sessão do Instituto Historico.

Quanto a historias de Sacy não escreve nenhuma, e no mais pilhereia o tempo todo.

Depoimento de "Constante leitor"

Numa cidade do litoral paulista onde sempre a politicagem preoccupou mais que nunca deu-se o seguinte facto que me foi narrado pelo chefe politico.

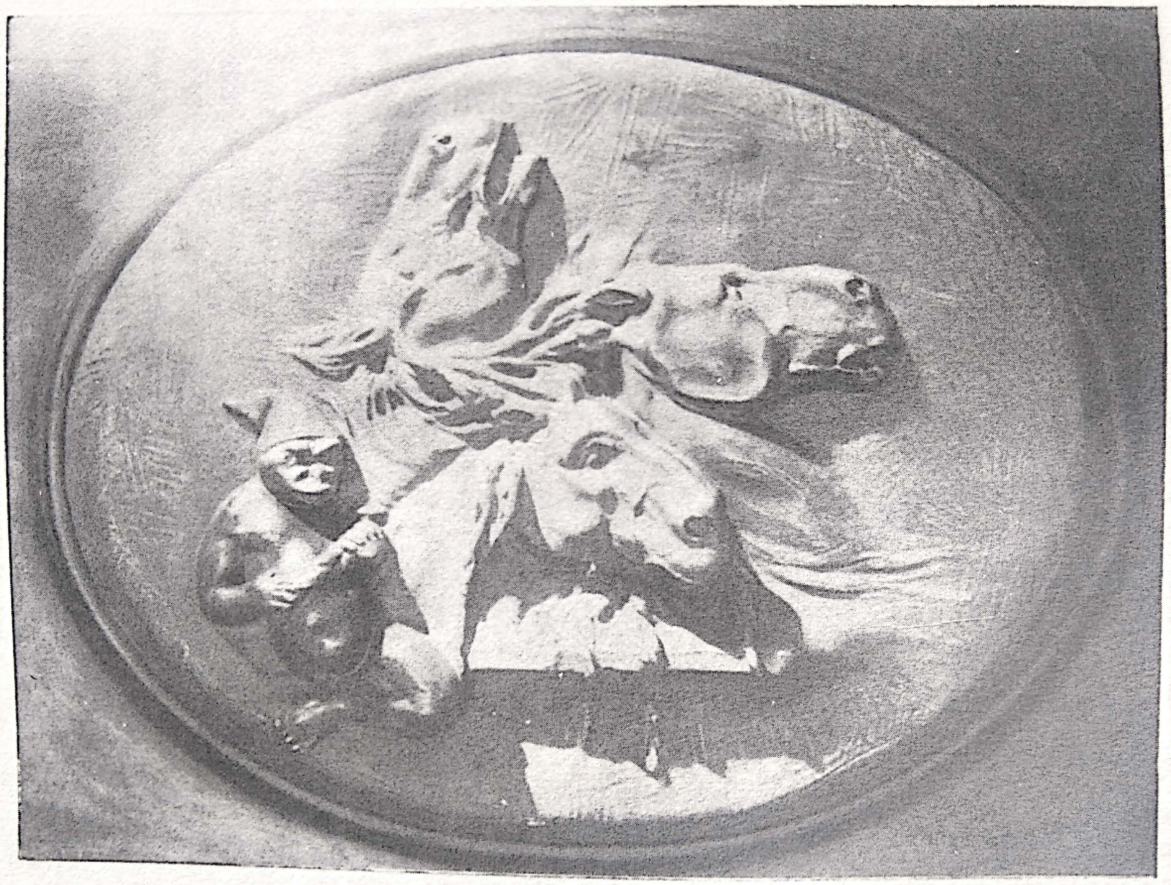
Por occasião de luta accesa entre duas facções havia um hespanhol — rabula, que era um bom cabo eleitoral e mesmo dispunha de alguma influencia, pertencendo então ao partido da opposição.

Todas as tardes formavam-se os dois grupos em casa de seus chefes politicos e o tal rabula passava pela frente da casa do chefe governista para ir ao centro da reunião de seus correligionarios.

Quando elle passava numa das vezes, um cabo eleitoral lembrou-se de fazer uma "sympathia" para que o tal rabula cortasse as suas relações politicas e expoz o plano ao coronel que era chefe politico e este, vendo que não havia inconveniencia, acceitou e então foram para a sala de jantar e alli reunidos pegaram no punho da rede. Emquanto um dava um nó o outro perguntava — "O que é que eu amarro?" — o outro respondia — "A perna do Sacy!" — "Para que fim?" — outro respondia — "para que fulano abandone a politica do Jeremias e passe para a nossa", — isso repetido tres vezes, voltaram á sala de palestra e dahi

a meia hora appareceu o tal rabula que procurava o coronel e dizendo em voz alta — "Sr. coronel venho dizer-lhe que pode contar de hoje em diante com mais um soldado, pois aquelle cachorro, etc...." Seguiram-se uns nomes feios, etc. Qual não foi o espanto de todos por esse resultado.

No mesmo logar attribue-se ao Sacy o casamento de um padre com uma viuva".



MEDALHÃO EM GESSO, por R. Cipicchia
(premiado em concurso)

Depoimento de Procopio Silvestre

"A mythologia brasileira, como toda a mythologia de um povo para o qual a arte é ainda um segredo, resente-se da rudeza dos seus criadores. Os nossos mythos não passam de combinações dos fetiches broncos das religiões africanas e dos selvagens da America. E mais, nem todos os personagens de que se compõem as lendas brasileiras são de origem exclusivamente nacional. O cerebro do povo, impotente para criar, limitou-se a importar mythos de outras regiões. O lobishomem, por exemplo, trazido pelos portuguezes, é, sem alteração alguma o "vervolfe" allemão, o "loup garou" dos francezes.

Como em Portugal, o lobishomem brasileiro se tem esse encantamento é porque nasceu depois de uma série de 7 irmans; perde-o sendo ferido a arma branca, e foge ouvindo um Padre Nosso e tres Ave-Marias.

Como o lobishomem, a mãe d'agua que é a mesma attracção do abysmo, — a sereia —, e o Sacy-pêrêrê foram importados. O Sacy-pêrêrê ou "sapêre" como geralmente é chamado no littoral de S. Paulo, nada mais é que o proprio Satanaz estropiado e quasi regenerado. Porque o diabo, depois de assombrar o mundo á procura de almas para povoar os seus dominios, regenerou-se e fez pontes que os homens

não conseguiam fazer, sendo geralmente logrado pelos architectos que o mandavam trazer agua numa peneira. Fosse pelos constantes logros que levou depois de regenerado ou porque não pudesse abandonar o costume de pregar partidas á humanidade elle tornou-se em um espirituoso Coisa-Ruim, contentando-se em puxar as cobertas dos que dormem e em fazer outras brincadeiras innocentes. Vindo para o Brasil perdeu uma perna, adquiriu o habito de sugar o sangue aos animaes e o vicio do cachimbo. Os africanos acostumados a ver no deserto um demonio a provocar trombas de areia, deram-lhe mais a attribuição de levantar redomoinhos de terra. Fizeram-lhe depois um assobio estridulante, e o Sacy tornou-se o gaiato moleque, o bom amigo que destróe o tedio das noites no sertão.

*

* *

Uma preta velha que me iniciou nos terrores nocturnos, disse-me que o Sacy é primo de Satanaz expulso do inferno nem mais me recordo porque razão.

Em Santos, até bem pouco tempo, o morro de S. Bento era habitado por uma enorme legião de Sacys que vaiavam os caminhantes nocturnos e lá de vez em quando roubavam gallinhas e porcos.

Já mais distante, além da Bertioga, no tempo de minha meninice, era desagradavel ouvir o assobio do tiçãozinho da mão furada quando se lançavam redes porque as tainhas fugiam, com grande gaudio dos Sacys, que vaiavam os pescadores. Não conheci quem lograsse ver do Sacy mais do que os olhos e ouvir mais do que o assobio.

Os Sacys do litoral apesar de travessos são bondosos, bem comportados e alguns religiosos até. Diziam os escravos e com elles concordavam os praianos dos arredores que á noite, quando vinham fazer a oração em commum na capella da fazenda, ficava ao longe um Sacy assobiando muito triste e rezando tambem. Para achar coisas perdidas nada

como pedir ao Sacy! E no entretanto todos temiam-n'o. E ao ouvir o assobio do Sapêrê benziam-se e rezavam atabalhoadamente uma Ave-Maria para afugental-o.

Do mesmo modo era um terror immenso o que tinham os praianos do lobis-homem e da Mãe d'Agua. Certa vez estando de passagem na fazenda um grupo de soldados, já noite tocaram a recolher. A casa encheu-se de mulheres e homens tremulos e apavorados que diziam estar proxima uma grande desgraça porque era a primeira vez que a Mãe d'Agua cantava assim tão alto.

Das longas historias que ouvi contar ácerca do capetinha de uma perna só: roubos, mortes (é costume do Sacy matar os que o offendem a cocegas ou a pancada) pilherias, uma sómente resta-me na memoria, e essa mesma tão semelhante a tantas que já foram contadas, que não a repito.

Substituo-a por um soneto, indicando as monstruosidades que pode produzir a relação entre os nossos personagens mythologicos:

O SACY

Ao Monteiro Lobato.

Já noite velha, a beira da lagôa
Em que habita, a Mãe d'Agua se penteia
E canta, e sua voz ao longo ecôa
Como a esplendida voz de uma sereia.

Mas é em vão que o cabello aformoseia.
Mas é em vão que o penteado aperfeiçôa,
Porque um ente, a que apraz a grita alheia,
O desfaz sem que della se condôa.

E ella, vendo, já em colera, perdido
O seu longo trabalho, interrompido,
Lança-se n'agua. E então de entre os refolhos

Das sebes marginaes, tenue se eleva
Um riso frouxo e mal contido, e os olhos
Do Sacy-pêrêrê chispam na treva.

Depoimento de Saul Delphino

Em tempos immemoriaes, affirma-se, havia no interior do nosso Estado uma localidade cuja necropole, durante a noite, era confiada á guarda de um preto velho.

O pobre ancião via-se frequentemente importunado pelas velhacarias de um malicioso negrinho, que trepado numa arvore proxima, atirava sobre elle pedregulhos, pequenos galhos seccos, etc. O negro vivia a lançar anathemas sobre o autor daquellas brincadeiras, (que elle ignorava se pertencia a este ou ao outro mundo) até que, numa bella manhan, como se tivessem sido ouvidas as imprecações do velho, o negrinho, ao acordar, verificou que só tinha uma perna, que os seus olhos se haviam transformados em brasas e que, na sua cabeça, fôra collocada, durante o somno, uma carapuça vermelha!

Desde esse dia nunca mais a sua vista se poude harmonisar com a luz meridiana e, até hoje, só á noite, sáe da sua toca, para entregar-se ás diabruras com que, outróra, atormentava o preto.

O lobishomem "veiu ao mundo" de uma forma quasi identica. Era um homem perverso, que espancava diariamente a esposa. Esta o maldizia, desejando-lhe que, mais tarde, tornado cão, viesse a soffrer os peiores tratos. Isto certa-

mente não se deu ainda, pois todos fogem do lobishomem, mas nem por isso o castigo deixou de ser completo, porque os alimentos que, segundo se diz, se vê obrigado a ingerir durante a noite não devem ser muito gradaveis...

O Canhembóra foi, em outras éras, um terrivel ladrão de gado, esconjurado solennemente pelos criadores prejudicados.

A "genealogia" da mula sem cabeça é sobejamente conhecida no norte de S. Paulo. O primeiro destes mysteriosos animaes foi, anteriormente, uma mulher impia e sem escrupulos, que tentára corromper um santo sacerdote.

O Caipora não deve ser considerado como o mesmo Sacy, em uma das suas "modalidades". E' uma "entidade" á parte. O Sacy, como estamos fartos de saber, é um negrinho de uma só perna, etc., ao passo que a Caipora é uma preta velha, sem dentes e com uma horrivel cabelleira, que, a deshoras, costuma passear pelos campos, á procura de hervas venenosas para fabricar "feitiços".

Reside nos logares ermos.

Foi uma escrava amaldiçoada pelo amo por haver envenenado um cachorro de sua estimação."

Depoimento de Dodó Carneiro

Com os meus 14 annos, já sou vaqueano de muitas viagens. Fui no anno passado a Iguape, terra de meu pae, e lá, em palestra com o mais velho da terra, o alferes Jacob de Mendonça, fiquei encantado com a historia que este nos contou. Dizia elle: — "Como vocês sabem, eu sou nascido e criado aqui nesta abençoada terra, tenho meus 70 annos de edade, dos quaes 50 no commercio, estabelecido aqui, onde vocês presentemente estão. Pois bem, continuava elle. a coisa de um mez, mais ou menos, como é de meu costume, levantei-me á uma hora afim de madrugar no mercado á espera de pechincha que os caipiras trazem dos sitios.

Estava a fazer a minha "toilette" quando pelo buraco da fechadura da porta que dá para a rua, uma voz quasi rouca me interpellou: — Tio Job, onde vae tão bonitinho? — Ah! rapazes, quasi desmaiei de susto! Mais que depressa afivelei a cinta, joguei sobre os hombros o chalemanta e quando ia sahir á rua, a mesma voz: "Que velhinho aborrecido!" Viro-me e dou de cara, com quem? com o maldito Sacy encarapitado na cabeça daquelle frade de pedra que vocês estão vendo alli na esquina!

Desconjurei o malvado, tirei do pescoço o meu rozario e quando ia jogal-o sobre o Sacy já era tarde: elle ia longe, assobiando e rindo perdidamente! Ah! rapazes, não lhes

conto nada! Nessa madrugada não fui mais ao mercado, recolhi-me á casa e no dia seguinte contei o succedido ao Nhô Jeremias, que por sua vez, muito impressionado me contou este outro caso do Sacy: "Pois olhe Tio Job, eu tambem já fui victima desse diabinho brasileiro. Escute. Uma vez, podia ser meia noite, descia eu pelo Becco do Inferno, ia quasi enfrentando com a casa da "Pastel de nata", quando do deposito de porcos sahiu ao meu encontro um negrinho nú, tendo uma perna em terra e outra virada pelo lado das costas, a dizer e a pedir: "Nhônhô, me dá o seu foguinho", sem saber com quem tratava ia puxar da caixa dos phosphoros mas o negrinho não esperou: deu-me um beijo nas faces e assobiou — sácy-ça-perê-fim fim! Até hoje, Job, parece que tenho horror aos negros".

O Job, contou-nos mais esta:

"O Sacy, meus rapazes, anda nú, não tem barrete na cabeça, é pequeno, do tamanho de meia braça; occasiões ha que quando elle assobia perto é signal de estar longe e quando assobia longe é signal de estar perto."

Depoimento do sr. Jorge Ayres

Com que saudades recordo neste momento a minha menice tão cheia de gosos!

Naquelle tempo contavam-se muitas historias do "papão", da "cigana que come gente", da "mula sem cabeça" e do celeberrimo Sacy-perêrê".

Tinha medo de todas aquellas personagens macabras e fantasticas, e qual a criança que ao vel-as através as narrativas não as teme, não as odeia?

A bôa "Tia Rita", uma velha preta que me pageara, dizia com docilidade depois de me ver praticar um "banzé":

— Oie, nhô Jogi, minino ansim é qui cigana loca gosta de pápá; o sinão o Sacy garra parecê na hora de dromi fazeno um baruião cá sua perna de pau, a fazê micage, a puxá as coberta, e tocá musga, a gritá fino cumo araponga...

Naquella noite (era infallivel) eu dormia abraçado com minha "maman", como a chamava, mas noutro dia, um pouco mais comportado, não deixava de timidamente fazer novas travessuras: a criança é mesmo um sacyzinho nas peraltagens.

Uma historia que me encheu de pavor foi a que me contara o Tristão, que era então empregado de nhô Faé, fazendeiro e politico de minha terra natal, em cuja fazenda sempre eu passava as férias.

— Nhozinho, é miór vancê num buzá travessano o cannaviá do nhô Morera (o Moreira era o administrador de uma fazenda proxima) pruque vancê corre pirigo. E' bão num riscá muito.

— Por que? Tristão, perguntei-lhe nervosamente.

— Antão num sabe que deu na veneta do Sacy andá présta banda a chupá canna, roubano café em penca da tuia i disafiano a corage da cabocrada?

— E'? Você já viu o Sacy? Tristão.

— Escuite o causo e num garre a duvidá: é verdade como Deus, Nosso Sinhô, tá nu céo. Oie, eu sô, cumo vancê já sabe, num é farofa, cabroco costumado a fazê caminhada em noite iscura, carma o di tempestade; nu meio di mata-virge já tenha posado; tenho travessado incruziada um diluvio di veis i nunca nada mi sustô; já passei miar de veis perto di cruis sombrada. Tá bão, bamo pro causo. Vancê sabe qui pra í fallá co Nhô Morera é perciso passá pertico, inté quazi isbarrano, pra tuia di Nho Faé. Bão, ahi mermo, em baxo do pontião, já treis veis topei di cheio cum o Sacy. Eta bichinho feiúdo i fedido, cruis crédo! Eu vi duma vereda o tar di dia, co esses oios ca terra ha di comê, mais o tarsinho ansim qui mi oiô varô prum buraco mais ligero cum rato, pruque nessa casião eu baldeava uma cruis pra fincá na bera da istrada di Nhô João Rodrigo, no lugá qui foi isfaquiado i morto o povre do Bentinho. Dotra feita eu vi elle di noite, quano vortava dum monchirão, alli debaxo do pontião, sentado na porta da tuia, discascano i comeno minduim torrado. Era quagi a hora do losbishomi. Quano elle mi viu deu um sobio i sahiu correno atrais di mim, botano fogareo pra bocca, dizeno: "Pere ahi, seu tranquera!" O tár sobiava arto i fino pra insurdecê a gente pramordi o que fogi num oví seu tropé atrais. Corri tanto qui bambeô mias perna i fucinhei bem perto da casa do João Machinista, sem folego, turtuviado, suano frio, cum virtige. Qui mardiçoada noite, Ave Maria!... Dahi só mi ribei no clareá da minhan siguinte, achano pertico di mim, em riba do meu chapéo,

um bietinho qui dizia anssim: "Ti isprimentei, caiçara, num ti levei cummigo di dór. Sacy".

— E' muito feio o Sacy? Tristão, perguntei bastante impressionado.

— Homi, prá num farta a verdade, é um mundareo di veis mais feio cô capeta que vancê já viu pintado nos livro di reza i nos quadro di santo. O tár vésti um palitó qui ficô vermeio di tanto sangui qui nelle cahe quando chupa isganado o sangui das criança pagã i dos nimá; vésti carça preta qui vancê oiano di pertico vê qué um diluvio di fio di cabello vorteado qúelle ranca das muié ladrona i das crina dos cavallo; tem uma perna só, mais grossa do que o corpo di vancê; o disgranhado co'élla corre mais ligeiro do que um bão cavallo di raia! Tem tamem um oio só, mais maió do que uma laranja bahiana, i o tár inxerga mais do que coruja; tem nariz, bocca i barba iguar que do bodi; o pé é cumo uma aranha caranguegera: tem sei dedo peludo i quatorze unha afiada; num tem cabello na cabeça, mais tem dois chifre cumprido, duas oreia e seti ispinho; a cara é mais preta qui jaboticaba. Homi qué sabe vancê duma coisa? Eu prefiro vê mir capeta do que um Sacy. Dizem pru ahi qui o tár é fio di Coizaruim i parece sempre depois di formado o ridimuinho. Nessa casião a gente antão dá nelle uma cusparada i reza esta uração:

Sacy, sacy, sô innocente,
Sacy, sacy, num sô valente,
Sacy, sacy, tem dôr da gente,
Sacy, sacy, réde di mia frente
Son Pedro, Son Roque, Son Cremente.

Elle grela p'ra gente, dá uma risadinha, subía, pede enxofre e some que nem rilampo."

Nunca mais atravessei o cannavial sem estar munido de oração e piuva.

Depoimento de "Mineiro"

"O inquerito sobre o Sacy agonisa. Antes, porém, de ficar encerrado, seja-me permittido, contar um episodio da vida intima do poeta mineiro Aureliano Lessa, byroniano incorrigivel, que terminou seus dias em uma longinqua cidade do Norte de Minas e, por isso mesmo, ninguem se recordou da intimidade do poeta com o capetinha que v. s. dignificou em successivas columnas do grande orgam "O Estado".

A vida de Aureliano foi muito original. Quasi sempre inspirado quando tomava da penna para escrever, sentia, ás vezes, difficuldades e as idéas não lhe occorriam com a promptidão de outros tempos. Pudera! A vida de um byroniano havia de acabar assim... completamente esgotada a imaginação e o éstro tambem. Entretanto, Lessa encontrou uma fonte objectiva de inspiração constante: um tinteiro cujo tampo era precisamente uma cabecinha de Sacy, risonho, alegrinho mesmo, com o gorro symbolico por cima. Nas horas de abatimento, a imaginação obumbrada, falto de inspirações, a penna suspensa sobre o papel, o poeta fitava a caretinha e de lá vinha uma corrente de bellos pensamentos que no papel se traduziam em formosos versos. Sacy inspirava tudo aquillo ao poeta! Que melhor amigo poderia desejar na vida? Com elle conviveu longos annos até que a morte se aproximou do

leito de Aureliano, junto á mesa onde estava collocado o tinteiro.

A esposa, senhora de sentimentos catholicos, temendo pelo destino da alma do esposo, prestes a partir, mandou chamar o confessor — o vigario — para ouvir seu marido. O representante de Dus ao penetrar no quarto do enfermo, foi logo attrahido pela caretinha e examinando bem, reconheceu o diabinho!

Docemente, naquelle tom de voz proprio de quem fala a um moribundo, disse: "Filho, mande retirar dalli aquella figura! E' de um mau companheiro para estes momentos e para a viagem do Além! Aureliano fitou o padre e disse: Não! Foi meu companheiro longos annos, inspirou-me bellos versos e, companheiro que foi, fiel e bom na vida sel-o-á tambem na morte! E não consentiu na remoção do tinteiro. A esposa desatou a chorar e, Aureliano, dirigindo-se a ella, improvisou os seguintes versos:

"Enxuga, Augusta, teu pranto
Nas dobras de tua anagua;
Que teu pobre Aureliano
Morre de barriga d'agua".

O Sacy (Diabinho) que fazia mal a todo o mundo, era amigo do poeta. Sobre a raça dos demonios os vates tem poder. Virgilio não desceu aos infernos afim de acompanhar Dante? Os diabos o temiam até."

Depoimento do sr. S., de Taubaté

"Quando ainda transcorriam sobre mim os ultimos annos da infancia e quando ainda morava eu na fazenda de... ouvi contar diabruras do Sacy. E nessa idade de surpresas, em que cada dia que se nos abre é uma novidade, parece que tudo se grava em nossa memoria e ás vezes é doce como sentir a saudade o relatar factos que já se foram. Pois bem: — eram seis da tarde (18 horas no dizer de hoje) quando ao terreiro da fazenda de... chegou o Chico Raymundo, velho, nosso vizinho, sitiante, que vinha dar uma prosa. Talvez porque me achasse só, talvez porque estivesse ainda com a impressão fresca contou-se o que se segue e o que eu procuro repetir supprindo, apenas, com a minha pobreza de fórma a dureza agreste da linguagem da roça, sem comtudo tocar na figura, no objecto da crença ou no fundo do conto que para aqui traslado. Disse o Chico Raymundo: — "A noite passada acordei, levantei-me, abri a porta da cozinha, olhei as estrellas; era tarde e pelo geito (aspecto) da noite pouco faltava para o gallo bater as asas e soltar o primeiro canto. Devia ser pouco mais de meia-noite, hora em que a agua ainda está dormindo. Fiz um ligeiro acto physiologico e quando ia fechando a porta ouvi um forte assobio. Será elle? Perguntei, medroso, a mim mesmo. Quando fui entrar no meu quarto, ao atravessar a porta, estendi-me no

chão. Pois havia tropeçado na gamella grande, de cedro, em que "nha Phana" (D. Estephania, mulher do narrador) guarda carne e toucinho, na dispensa.

Então abriu-se-me a intelligencia; vi que estava sendo perseguido. Era o Sacy. Pois se "nha Phana" deixou a gamella cheia, pesada, na dispensa e a chave estava no prego (á moda da roça, como poderia a gamella, pesada, ir parar justamente naquelle logarzinho, minha passagem obrigatoria, para, no escuro, me derrubar? Já no quarto e apesar do tombo que me judiou da testa e do nariz, arranjei luz e com isso pensei afugental-o e para me distrahir cortei fumo, enchi o pito e tentei accendel-o; chupava-o, chupava-o, nada. Fumo novo! Disse. Distendi-o mais; puz fogo, chupei, chupei, nada. Depois á força do calor da lamparina a saborosa fumaça já vinha vindo e crescendo quando de repente o canudo do pito abriu-se em dois, na minha bocca e tres assobios, um em cima do outro, eu ouvi lá fóra, no terreiro. Tremendo, tirei do oratorio o terço de "nha Phana", subi á cama, pul-o á minha cabeceira, enterrei a cabeça de baixo da coberta e agarrei-me á cacunda da mulher. Então, socegado, disse: agora você póde botar fogo na casa que aqui nada vem. Ou porque estivesse eu já vencido, ou porque estivesse eu, assim, á força do terço da mulher, inaccessivel ás suas diabruras o Sacy me deixou".

Lá de dentro chamaram o Chico, nós fomos; era hora do café. Depois a visita partiu. Não mais conversamos sobre o assumpto.

Rolaram-se os dias no novello dos annos da época a que me voltei e, embora pallidamente, sei que estava eu em casa do Joaquim Pedro, velho e amigo, e elle, ou para espantar-me e aos outros que o ouviam, ou para propagar a sua crença, contou-nos que ficara até tarde na venda do sr. Gaspar Junqueira, sita á margem da estrada de rodagem que vai á cidade de...; e quando montou o seu castanho em busca do rancho e dos filhinhos a crescente já ia cahindo no poente

e no doce azul do céu da noite só restavam as estrellas. Trazia á garupa o sacco de mantimentos e vinha com a cabeça mettida na golla do sobretudo e com os olhos nas orelhas do animal. Quando chegou num descampado, numa varzea, ensombrada pelos morros, ouviu um forte assobio á direita. Quem será? indagou baixinho. E olhos daquella banda, apesar da pouca luz. O medo, a suposição de que fosse elle — o Sacy — já o havia invadido. Outro assobio, mais forte, em seguida, fez-se ouvir, porém, á esquerda. Elle, atrapalhado, virou o rosto. Um terceiro assobio, forte, bem no seu ouvido, á queima roupa, mas á direita, outra vez! Virou-se. Parou o castanho. Outro assobio á esquerda! O quarto. Desta vez, porém, ao virar-se, uma agudissima dôr atravessou-lhe o pescoço. Tocou o cavallo e a proporção que caminhava os assobios se faziam ouvir, ora á direita, ora á esquerda, fortes, brandos, limpidos, roucos, tristes, alegres e a cada um agudissima dôr como que causada por fina agulha lhe atravessava o pescoço. E de mistura com a dôr foi obrigado a rir. Um forte esbarrão nas virilhas provocou-lhe muita cocega. Foi um coice do Sacy. E assim veiu soffrendo até chegar a Santa Cruz do "Baptista Velho".

Concluiu: — "Esse negrinho, de cabeça vermelha e de uma perna só quando não está no fundo dos grotões escuros, dormindo, ou no pescoço dos cavallos, correndo, vem mesmo judiar da gente. Mas elle tambem fica preso.

"Sabe como é? Quando se fórma no chão, um redomoinho e o cisco e as folhas seccas se levantam, em columna, a gente abre um rosario em circulo e laça a columna que está virando. O Sacy fica preso e por uma porção de tempo não aborrece mais ninguem".

Depoimento de Luigi Cappalunga

Anch'io, vecchio bitando di questo benedetto paese dove i miei figlii si dexáronno pigá la luce do'usdi, — anch'io voglio intervenire in zima di quello affare do'u Zazi.

E perché no?... Noi altri, taleani, siamo ingorporati al Brasile di tutt'us guore. Io, spezialmende, mi sono ingorporato da'a veritáde. Aggio arrivat'a Zantos do'u 1857 — (milla ottocento zincuanta zéte, non é mica storia, caro zignore redattore!). — In quello tempo, pure ancora s'amarava i gachorini c'as linghiza... Il Brasile era sotto la direzione di quel galantuomo chi si chiamava Pietro Sicondo, — uno vecchio molto zimpaticone, ch'iu fú moltas vece a comê as macaronada co'ello a Rio. (Perché il Pietro dimorava a Rio co tutta las famiglia di ello, e qualche volta se ne andava a pigliare un pó d'aria a Petropolis, in goppa us mare).

Oggi, — pêl'a'maronna! — si é fatta la Rimprubbica do'u quindice novembre, e ne hanno mandato via il Pietro, — povero lui, — che é morto a Portogallo e ancora non fu interrato. Io non sô; má accussi si dice.

Ebbene. In quello tempo ch'io mi sono arrivato a questo paese, tutto stava moltos trazato. Il mio caro Buô Ritiro non era che un piccolo paesino senza portanza; quello affare di "progrezzo" non'era ancora arrivato a Zampaolo; i

bondis si dexávonno puxá co'us burrinho e nisciuno si penzava dalla letricitá; la rua Quindice Novembre si chiamava "Peratrice". In quello tempo si! ce si garava la vita zocegáto... E' veritáde ch'io fece qualche cosa; má poteva fare di piú, — porca miseria, perché tuttas a gende erano "troxa". Oggi... stanno a Zampaolo certi gavatori d'un cane...

A milla ottocento zincuanta zéte, quindi, — i Zazi andavanno da'apertutto Zampaolo e non s'importavanno co nisciuno.

Oggi, veramente i Zazi stanno ficano "arisco", pê motivo che us pretto stanno cabano. (Perché il vero Zazi, quello liggitimo, era uno prettinho, grazatinho, molto birbante, molto figlio d'un cane).

A'aggio leggiuto in zima do'u "Statinho" tutta a roba che ne hanno scrito in zima do'u Zazi Zapêrê· Maaaá... ché!...

U zignore quereva gontá pr'a'mi?!

Io sono vecchio amico di Zazi, — Perêrrê e senza Perêrê, —e una volta ne abbiamo pigliato uno piccolino, (sarebbe figliote) pê gopêro in da'a casa nostra, a zangarlo do'u Binhala (io faceva us golono a Zangario, má largai, pê motivo che mio figlio Beppino s'aggia pigliata la feppra pneumatica in goppa's us polmone)·

In quello tempo ancora vivveva mia moglie, poverina, che é morta pê una febbra polperale, da uno sborto que teneva a parturire· Mia moglie si chiama Garméla, — un pezzo di napoledana che faceva gusti di vedê! A'ggio piangiuto molto quando ella moriva, poverina, maaá... che si tem d'a facê? Quando cápita il giorno, non c'é mica lambanza, caro mio.. Tuttos noi abbiamo d'a morire·

Como dicevo, — il nostro piccolo Zazi era molto spertinho, prettinho comi us carvó. Teneva due perne solamende e faceva tuttos quello che tutti Zazi, piú o meno, sanno fare· Bringava, correva pulava, sopiava, gantava, era una alegria·

Il suo padre era un vecchio Zazi che metteva paura, porca miseria! Fú schiavo di fazendêro e doppo si figlió la libera-

zione e faceva u gapitalista in zima d'urdinato do'u figlio.

La mia pinione, in zomma, sarebbe questa:

Il Zazi non é un mito, má un vero vivendo. Quale l'origine do'u Zazi? Molto facile da'a rispondê: — "tutto'us prettinho che stanno pê'a strada sono Zazi"...

Questa é la mia pinione.

Scuzi, zignore redattore, si non scrivo tanto bene il portogheze, perché é una lingua troppo trapagliata pê noi altri taleani. Si mio figlio Beppino stasse a Zampaolo... ello si, che sá scrive como un diagraziato, meglio ancora di mê..."

Depoimento de Angelo Med.

Eu tambem quando no meu tempo infantil, me relatavam com rodeios aterradores as proezas do Sacy-perêrê, tambem tremia e poderei jural-o que nessas noites, no meu leito simples e singelo de criança innocente, mergulhava na lethargia e somnolencia os meus puros pensamentos infantis, e divisava-o justo a mim, com os seus olhos esbugalhados, com as suas unhas reluzentes e compridas, o seu gorro levemente inclinado para a direita e seus niveos dentes a rangerem uns de encontro aos outros como ameaçando trincar-me os ossos se tentasse enfrental-o.

Então nessas criticas situações eu com o coração opprimido e com o cerebro quente e a face branca de neve, puxava o lençol vagarosamente, para que o espectro não me visse, mergulhava a cabeça debaixo da roupa e julgava sentir sobre mim as garras do fantasma roçarem-me com uma nervosidade espantosa. Esperava que as coleras assustadoras do Sacy abrandassem e depois de alguns minutos de tenebroso silencio, num rasgo de coragem, emergia a ponta avermelhada do meu apendice nasal, qual periscopio, e ó supresa! — o Sacy ainda lá estava, com a rigidez e firmeza dum cavalleiro da Edade-Média, como que a esperar a minha decisão para proceder conforme lhe aprouvesse. O caso é que

por causa das duvidas, tornava a repetir os movimentos pacificos já empregados e a terceira vez quando notava que estava livre da incommoda visão que me arrebatava o somno, rapido como uma corça, saltava da cama e deitava a correr com quanta velocidade as minhas ainda frageis pernas fornecessem, e ao chegar em frente ao quarto da minha querida mãe, estacava e pensava mais calmamente nos acontecimentos. Se fosse dizer que era o medo que me levava a incommodal-a áquella hora da noite, não só me arriscava a uma tremenda descompostura como tambem no dia seguintee o relato da minha aventura nocturna, com o unico fito de me envergonhar, me arrebataria a fama nobremente conquistada de valentão destemido, que tinha grangeado na escola. Então a idéa de pretextar uma dôr ou uma terrivel pontada, avolumava-se e lá estava eu no quarto da minha progenitora, imitando uns estorcionismos que tinha presenciado numa companhia de cavallinhos que ha pouco tempo lá tinha estado e com uma voz soluçante choramingava para dar um cunho de verdade á scena: — Ai que dôr, ai que pontada do lado do coração que parece que o quer partir! Minha mãe assustada e offegante levantava-se do leito, ia tratar de acordar o Nhô Tinoco, para fazer um chá de cidreira e ella sentava-se junto a mim indagando anciosa aonde era a dôr que me atormentava. Eu sempre atrapalhado com a explicação que devia dar, ora me referia ao lado esquerdo, ora ao direito e creio que muitas vezes fiz passar a pontada do coração para os rins e vice-versa. Nessas noites não havia anjos do céu que me levassem daquelle asylo.

Quantas vezes naquellas inesqueciveis noites de luar, na esplanada do Tio Bento, eu e todos os meus lembrados camaradas, brincando de "barra-manteiga", ouviamos um ruido estranho e um dos mais timidos ou mais espirituosos, num tom de alarme e de terror, gritava: — Olhem o Sacy! Essa phrase era o que bastava para lançar o medo nas fileiras e então cada um tratava de se aproveitar de suar apti-

dões de corredor — era quem mais podia fugir, o que não obstava de muitas vezes ao chegarmos ao largo, notar-se a falta de dois ou tres amigos, que finalmente appareciam lá ao longe numa volta do caminho, pallidos, com os joelhos ensanguentados pelos trambolhões que tinham dado na retirada e contando que o Sacy, por segundos apenas os teria agarrado. Nessa noite só se falava do famoso Sacy, e o tio Quim começava as suas interminaveis narrações, o que obrigava nos transes mais terroristas a criançada a se lhe agarrar ás tremulas pernas, transida de horror. Depois, ás 8 horas, cada qual se retirava para a sua habitação, cheio de idéas negras e de illusões fantasticas, emquanto ao longe, lá nos immensos sertões, a lua languida e brilhante espalhava os seus raios, e o saudoso Nhô Punga lançava ao vento a sua quadra romantica e regional:

O' menina não te cases
Gosa-te da bôa vida.
Eu conheço uma casada
Que chora de arrependida.

Depoimento do sr. S. Nogueira de Lima

"O heróe da sexta-feira" — quanto á sua fórma de apparição e qualidades pessoaes, é o mesmo de todos aquelles que se têm dirigido ao "Estadinho".

Ha uma particularidade, porém, que, desde logo, me preoccupou, da qual não tive conhecimento nas informações já prestadas.

Refiro-me, ao modo como o Sacy chama um outro, ou mesmo "uma outra".

Digo uma outra, porque, forçosamente, o Sacy deve ter uma grande prole. Se assim não fosse, não se poderia comprehender, por mais endiabrado que seja, um unico Sacy com residencia fixa em differentes localidades, como attestam as informações de diversos pontos do Estado.

Lembro-me, na minha meninice, de ter ouvido o Sacy chamar um outro, quem sabe se a mulher, a namorada ou mesmo a amante, sendo notavel que "esse outro" sempre respondia pressurosamente.

A chamada era por meio de assobio, porém, não o assobio de moleque ou de vaia com que elle costuma tentar a humanidade crente e de bôa-fé. Não.

Esse assobio era como que um canto de chamada, cheio de melodia e de relativa tristeza, pedindo, supplicando uma aproximação.

Devia ser, esse, o unico momento em que o Sacy não gracejava. Entretanto, para não negar o seu espirito travesso, nota-se que o seu canto de chamada tem um rythmo de polka.

Hoje, explico essa impressão.

Ha um passarinho, habitante de brejos e margens de rios, que tem um canto de chamada, que quasi fala — Sacy-perêrê.

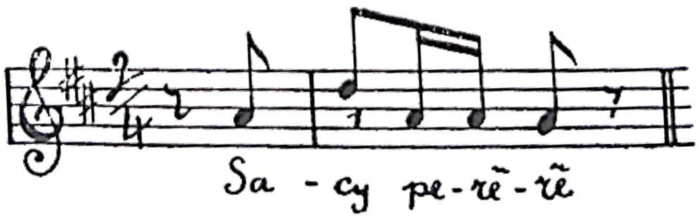
Não sei o nome desse passarinho, mas não ha pescador que o desconheça, como muitos me informaram.

Alguns, como os pescadores do Rio Pardo, chamam-no, mesmo, de Sacy-perêrê.

E' notavel que esse passarinho, cantando, um outro, logo, responde. Dahi, a impressão que se tem de que o Sacy "está chamando".

Para melhor explicar essa impressão, aqui vae, em musica, esse pequeno canto de chamada.

Aquelle que souber solfejar, assobie e depois cante o que adiante vae escripto e verá qeu está cantando um trecho de musica com a seguinte letra: Sacy-perêrê:



Pois bem, ahi está um "motivo" para que os nossos compositores musicaes se inspirem, concorrendo, assim, para a glorificação musical do Sacy-perêrê.

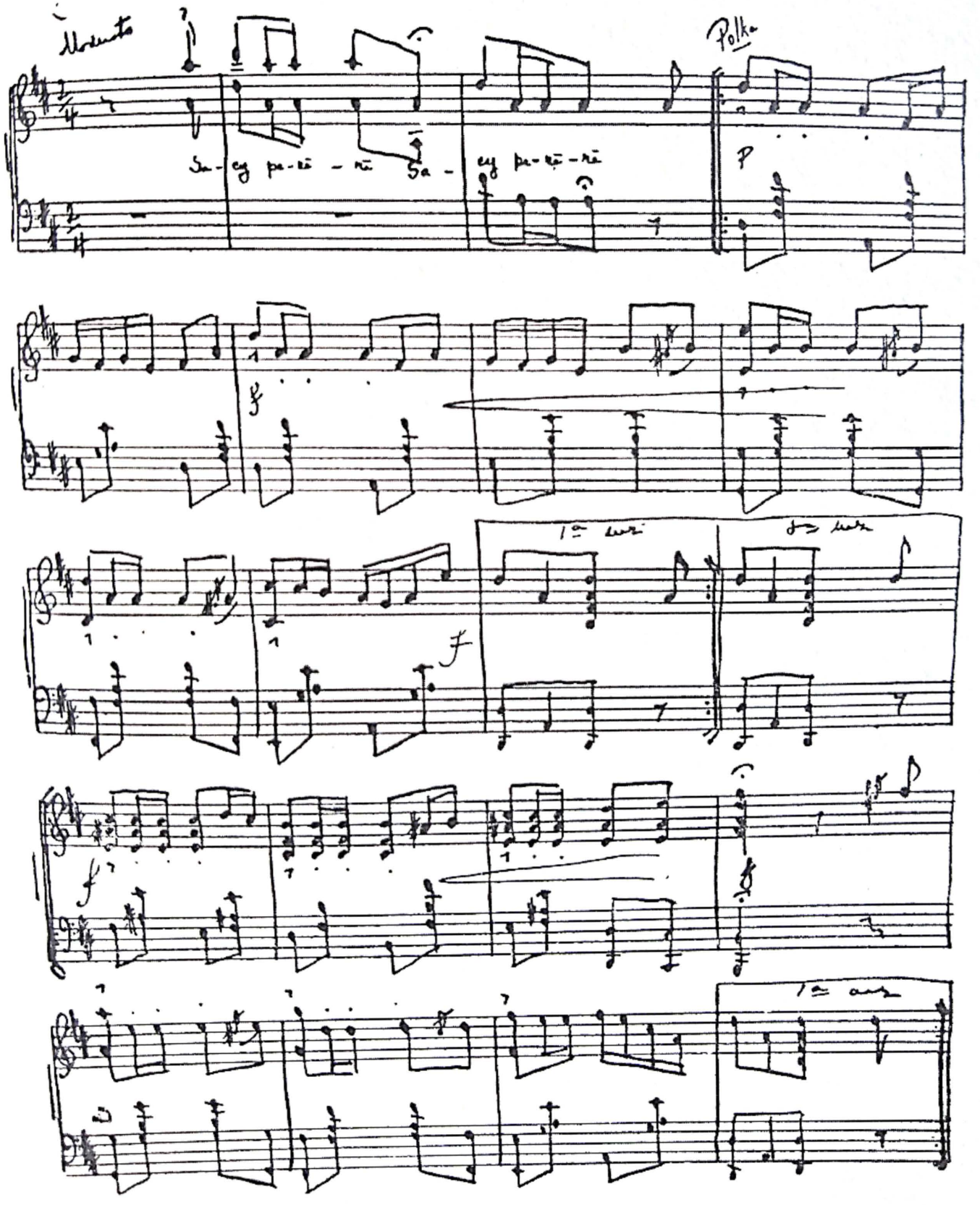
Para começar, servindo-me dos poucos recursos artisticos de que disponho, junto envio uma polka, para piano, denominada "Sacy-Perêrê", que escrevi inspirando-me naquelle "motivo".

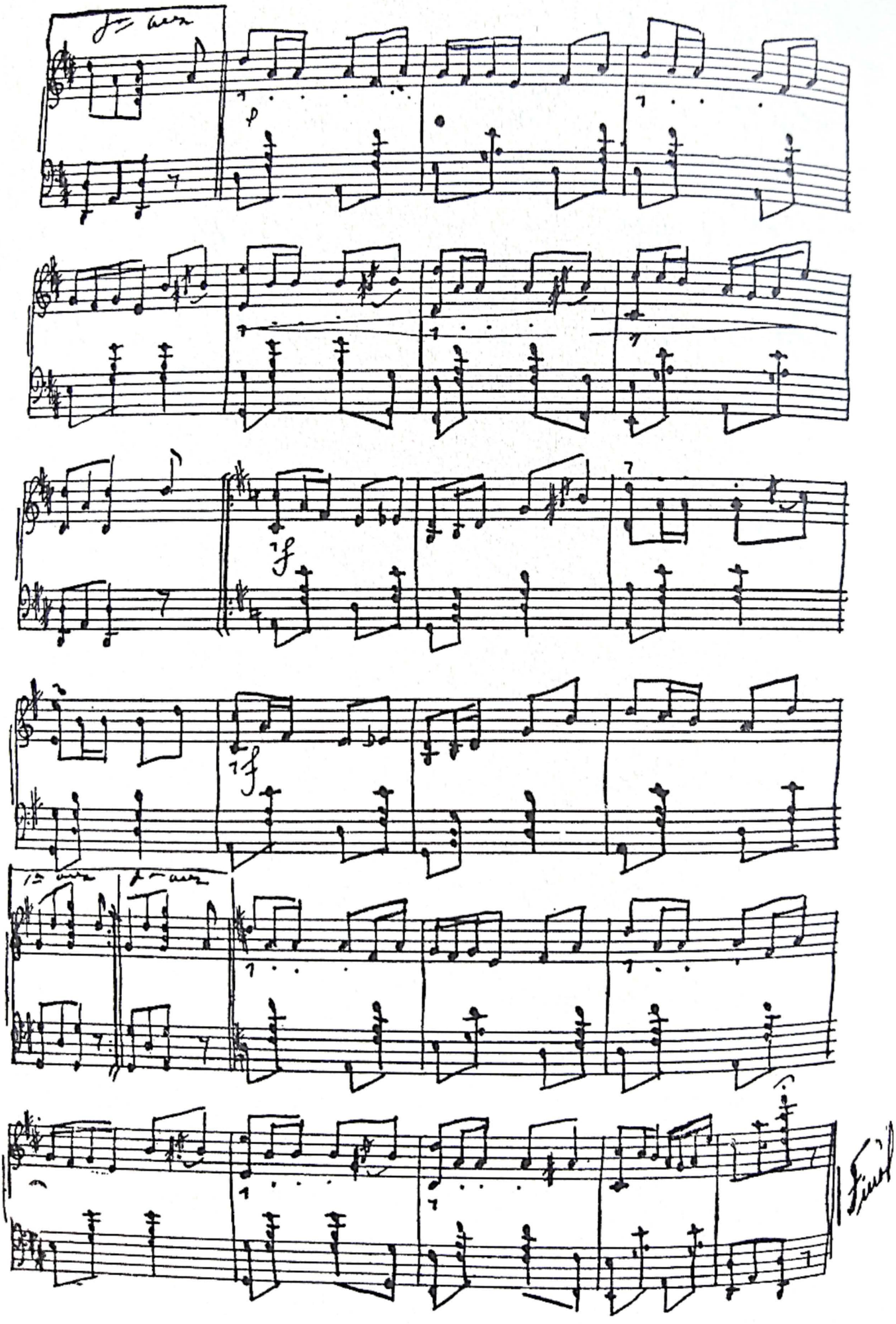
Jacy-Perèrè

Polka

Ao "Estadinho"

Sebastião Nazaré de Lima




Fine

Depoimento de "Brasilophilo"

Depois de extensas considerações nas quaes nada diz de novo sobre os pontos já esclarecidos, narra uma travessura curiosissima attribuida em Minas ao sacy.

Em outras éras, tinha como theatro de suas maldades e judiações as senzalas e fazendas de muita escravatura. Puchava a coberta dos negros e fazia-lhes cócegas, quando estavam no melhor do somno; enchia de cinza quente os olhos dos creoulinhos; atirava brasas no seio das negras; arrastava as creoulas para o fundo das brenhas; dava sumisso em creanças.

Era o presidente effectivo dos *candoblés* e dirigia as scenas de feitiçaria e depravação. Era-lhe consagrado o dia de sexta-feira, e as suas assembléas reuniam-se sempre á meia noite em ponto, debaixo de uma figueira brava. Esta arvore goza de má reputação nas historias do sobrenatural, tem a faculdade de ser sympathica aos espiritos erraticos, e sob as suas folhagens que se realizam as sessões diabolicas, e em suas immediações que sempre apparecem phantasmas.

Não muito longe, em uma capella ou povoação, nas fronteiras do Estado de Minas, deu-se um episodio, typico.

Na éra de 1810, (conhecemos algumas pessoas que davam da occurrencia os mais amplos esclarecimentos) na villa de Jacuhy, vivia um pobre homem tirando insignificantes proventos da industria de folheiro. Os dotes physicos do sr. Quim Cara-cará, não eram desejaveis, e, para maior tormento, era papudo, tinha um papo famoso, pendurado por um cordel, do formato de um mamão macho.

Por esses tempos os papos eram muito communs no arraial do Jacuhy. O do sr. Cara-cará estava fóra da moda, era um papo *sui generis*, não se accommodava por dentro da camisa, impedindo-lhe usar o jaleco abotoado. Esse accrescimo de membranas foi causa de muitos desaguisados e desgostos para o pobre homem; tanto quanto o nariz excepcional para Cyrano de Bergerac, o illustre excursionista das plagas lunares.

Ralava-se o sr. Cara-cará com os motejos e referencias ao appendice disforme, e muito aborrecido da vida largou a familia, disposto a nunca mais apparecer em publico.

Foi andando atôa, como quem cogita um plano indefenido e vago, esquecido de si e do mundo, até que a noite o sorprehendeu na raiz de uma serra, ao pé de uma figueira. Encaramujado em sua tristeza mortal, entregue a uma dôr intima e estranha, rendeu-se ao cansaço e ferrou no somno.

Lá muito fóra de horas, a serra estrugiu com a cantarola ensurdecedora dos sacys, que dirigindo-se para a figueira, capengando nos pés unos, vinham cantarolando:

Segunda, terça e quarta,
Furrundúm!... meia noite, sinhá!
Segunda, terça e quarta,
Furrundúm!... meia noite, sinhá!

E, os olhos dos sacys chispavam faiscas brilhantes, a terra parecia tremer e de cada canto da serra o ferreiro via surgir bandos interminaveis desses entes terrificos.

Como estava deliberado a deixar o mundo, reprimiu o medo, que contra elle não teve poder.

Não era tão grande a caterva, como a principio se lhe representára.

Em chegando os sacys, o folheiro metteu-se no meio delles, dansando e batendo palmas, imitando-os e acompanhando-os na cançativa melopéa:

Segunda, terça e quarta,
Furrundúm!... meia noite, sinhá!
Segunda, terça e quarta,
Furrundúm!... meia noite, sinhá!

— Oh!... fez um dos sacys. Quem é este companheiro tão bom, que nos apparece hoje?

— E' um papudo... disse um outro.

— Vamos cural-o do papo?... accrescentou um terceiro.

Um sacy agarrou o Cara-cará pelas costas e outro deu-lhe um puxão com tamanha força no papo, que este se despergou do pescoço, e, escapando das mãos do sacy, ficou dependurado num galho da figueira.

E a dança macabra e o canto, em estylo do jongo, proseguiram com animação, sendo della comparticipe o sr. Quim Cara-cará, livre do bocio, que o afeiava e sobre si chamava satyras e galhofas.

Reanimado, vendo a vida por um prisma mais alegre, sentindo reavivar-se nelle o desejo de gozar, o sr. Cara-cará appareceu, no dia seguinte, em Jacuhy, como se fosse outro individuo, sendo alvo da curiosidade geral, recebendo parabens da capella em peso, que o felicitava pela milagrosa operação.

Entre os curiosos que vieram trazer-lhe cumprimentos contava-se o Zeca Panéleiro, distinguido por um papo marrudo, da conformação de um inhame, cortado de veias estufadas. Cedendo ás instantes deprecações do invejoso Zeca Panéleiro, o sr. Quim Cara-cará contou-lhe, em todos os seus

detalhes, o extraordinario caso, a parte que tomára na dança dos sacys e a maravilhosa operação que lhe fizeram, sem que soffresse dôr e nem tivesse perdido pingo de sangue.

Nessa mesma tarde, depois de plenamente informado do local e da figueira, o Panéleiro se poz a caminho e teve a dita de encontrar e reconhecer a figueira, sob cujas ramagens se operára tão espantoso prodigio. Não podia enganar-se, pois lá estava pendente de um galho o papo do outro.

Noite velha. A serra estruge, ao rythmo da dança dos sacys e de seu estribilho cantarolado no estylo do jongo. O bando sinistro approxima-se. Elles veem capengando em suas pernas umas, dos olhos desferem scentelhas luminosas, cantarolando sempre:

Segûnda, terça e quarta,
Furrundúm!... meia noite, sinhá!
Segunda, terça e quarta,
Furrundúm!... meia noite, sinhá!

Os pellos do corpo do Zeca Panéleiro eriçaram-se. Todo elle tremia, como vara verde. O terror apoderou-se do papudo, que desatou a roncar, e, quando quiz acompanhar os sacys nos movimentos da dança e na toada da cantarola, foi com voz debil e tremula que conseguiu regougar:

Quinta, sexta e sabbado,
Furrundúm!... meia noite, sinhá!
Quinta, sexta e sabbado,
Furrundúm!... meia noite, sinhá!

—Oh!... fez um dos sacys. Quem é este diabo tão ruim, que nos apparece hoje?

— E' um papudo... disse um outro.

— Vamos pregar-lhe mais um papo? accrescentou um terceiro.

E immediatamente um sacy subiu á figueira, tirou o papo do Quim Cara-cará e... paff! pregou-o no toutiço do Zeca Panéleiro, com tal violencia que o fez focinhar.

Os sacys não gostam da quinta-feira, porque é o dia do Santissimo Sacramento; nem da sexta, embora neste dia é que elles mais trabalham, porque é consagrado á morte de Jesus; nem do sabbado, porque é o dia de Nossa Senhora.

Ficaram com ogeriza ao Zeca Panéleiro por falar nesses dias, e então o adornaram com dois papos: — um adeante, no pescoço; outro atraz, no congóte.

E, no outro dia, o triste Panéleiro chegou a Jacuhy, debaixo de chufas e caçoadas de todo o arraial, que não podia compreender como, da noite para o dia, aquelle homem poude ficar daquelle geito.

Patifaria do Sacy-cerêrê; nestas cousas e outras de egual calibre elle é mestre jubilado.

CONCLUSÃO

E o inquerito, como tudo que tem começo, teve um fim. Cabe agora, a guiza de fecho aureo a reproducção das formosas Conjecturas que a proposito escreveu em Baependy o sr. José Antonio Nogueira.

Conjecturas ethnographicas

Graças ao inquerito que brilhante collaborador do "Estado" teve a feliz lembrança de instaurar ácerca da lenda do Sacy, a figura do estranho mytho já adquiriu o relevo sufficiente para que se possam fazer algumas conjecturas sobre a sua origem e formação.

Tem-se escripto que tal crendice é devida ao elemento indigena e africano, como se a collaboração do branco tivesse sido nulla ou quasi nulla. Entretanto, essa não nos parece ser a verdade. A physionomia moral ou espiritual do singular duende é claramente indiciativa de que em sua elaboração interveiu a mentalidade do civilisado.

Nietzsche escreveu que não poderia acreditar em deuses que não soubessem dansar. Tão curiosa affirmação, longe de encerrar um disparate, como queria Buchner, revela attitude perfeitamente comprehensivel no autor do "Zarathus-

tra". Do selvagem, ao contrario, se pode dizer que não é capaz de conceber um deus que danse e ria. A idéa de uma divindade brejeira, de um ser sobrenatural amigo de saltarinhar e de gracejar, á feição do Sacy, não sahiria senão da cabeça de um civilisado.

Os gregos tinham "demonios" alegres, apaixonados da dansa e do riso. Sileno era jovial e dado á mais comica embriaguez — traço tão caro ao philosopho allemão, que elle fez de Baccho ou "Dionysos" um grande symbolo, hoje muito em voga entre os letrados. Os satyros constituiam uma verdadeira revoada de Sacys. Mas... os gregos eram os gregos.

O nosso africano, antes de transplantado para estes climas, venerava certos feitiços a que os "vuaganda" davam o nome de "muzimús", porém, eram sempre genios "sérios".

Bons ou maus, não riam, nem se deixavam metter a riso. Terriveis ou propicios, mostravam-se ciosos do seu prestigio — queriam-se adorados e temidos. Quem tiver a paciencia de ler os trabalhos de Stanley, de Livingstone ou de Cameron, convencer-se-á do acerto de semelhante observação. Quanto ao aborigene, achava-se elle, como é sabido, em um grau de desenvolvimento muito inferior ao do africano. De sorte que sós, taes raças, sem a collaboração do branco, não vingariam idear uma entidade qual o Sacy. Este é folgazão e zombeteiro. Gosta de gracejar e de divertir-se á custa dos homens, o que faz ás vezes com muito espirito. Se lhe retirarmos a figura de negrinho, que lhe dá a tradição mais commum, e o nome indigena ou, como querem outros, de pura formação onomatopaica, daremos de rosto com o Puck, tambem chamado Robin Bom-Diabo, de Shakespeare. Eis a descripção que o immortal dramaturgo faz desse irmão do Sacy: — "Espirito velhaco e maligno, compraz-se em assustar as raparigas das aldeias; desnata o leite, toca o moinho, atormenta as caseiras, que se cansam de bater em vão a manteiga, e impede a fermentação

das bebidas. Desnorteia os viadantes, durante a noite, o ri-se de suas penas. Imita o nitrido das eguas e folga de pregar peças aos animaes. Esconde-se na caneca de uma comadre e quando ella vae beber, salta-lhe de encontro aos labios e entorna-lhe o liquido no seio emmurchecido. A mais veneravel tia, absorvida em contar a mais triste historia, o toma muita vez por um tamborete de tres pés e, em querendo sentar-se, desaba em terra, provocando o riso de toda a assembléa." E' companheiro de Oberon e Titania e, como tal, faz parte do leve bando dos sylphos e gnomos.

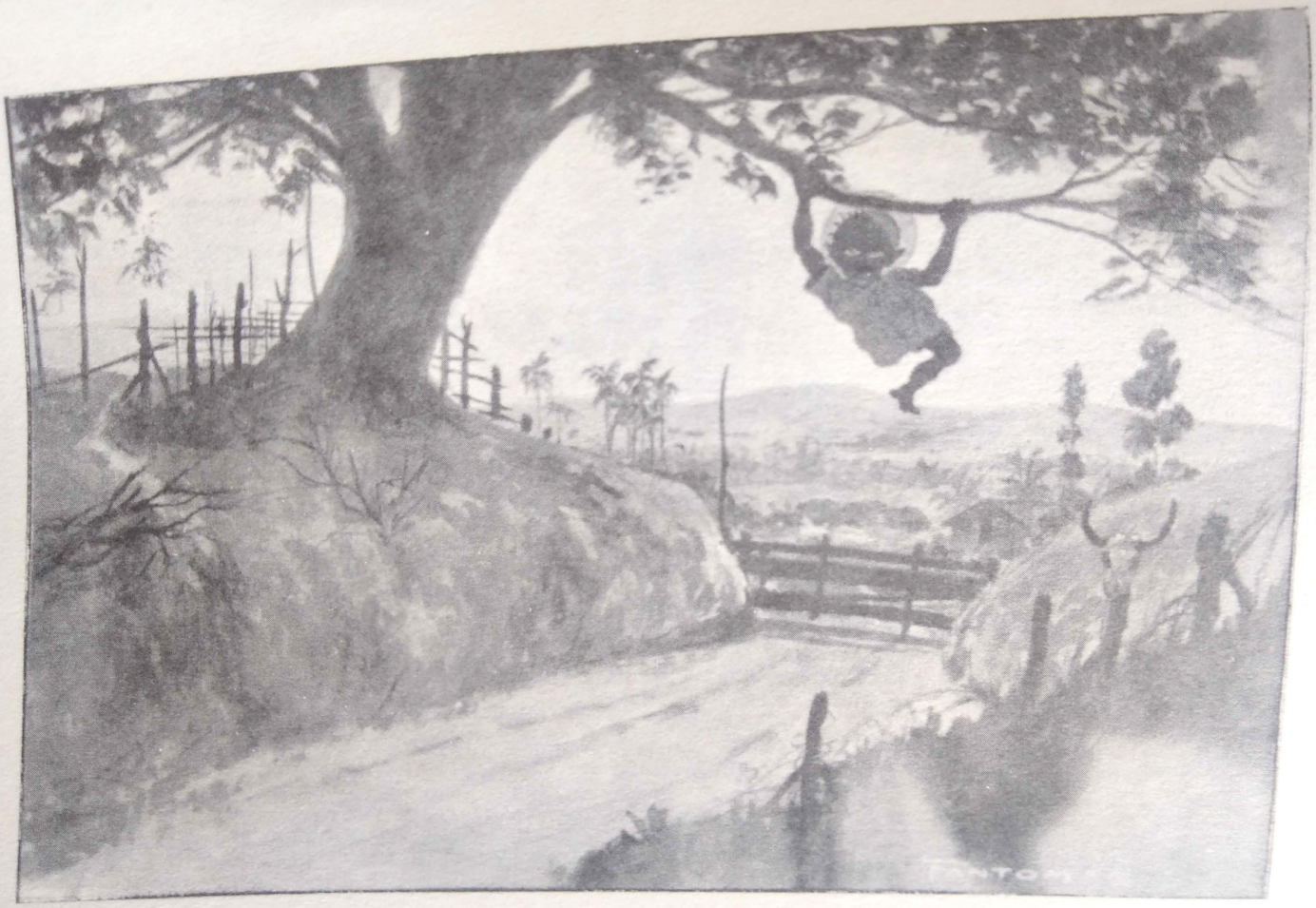
Cotejem-se agora essas diabruras de Robin com os mil successos alegres em que figura o jovialissimo Perêrê, e ver-se-á quanta razão teve Sylvio Roméro de escrever que "as crenças e tradições brasileiras encerram dados contradictorios de todas as phases do pensamento."

Não é, pois, inteiramente acceitavel a opinião de Pacheco Junior, exarada em artigo publicado na "Revista Brasileira", de que o Sacy é, como o "Caapora", criação mythica devida aos nossos indigenas. Estes apenas concorreram com o seu vago terror supersticioso e, talvez, com o nome. A figura engraçada e espiritual do irrequieto diabrete denuncia transparentemente o riso, a chalaça, o bom humor do portuguez — bom humor de que se encontram muitissimas amostras nas canções e festas populares, — nas desfolhadas, nas dansas, nos fados e até nos "Luziadas", onde, através da "furia sonorosa", se podem distinctamente ouvir as risadas sadias do forte soldado que foi Camões.

Não se infira dahi que pretendamos diminuir a parte dos pretos e vermelhos na formação de tão interessante mytho Muito pelo contrario, é obvio, a nosso ver, que sem o seu concurso não seria possivel o apparecimento da lenda. Essas raças, com o fetichismo e naturalismo animista caracteristicos de sua mentalidade, forneceram como que o elemento, a atmosphera, o meio moral onde podiam vingar

semelhantes crendices. A taes disposições psychicas alliou-se o aspecto sombrio das florestas, a vaga inquietação produzida pelos largos espaços deshabitados e tambem o excesso da luz, não menos fertil em fantasmagorias do que a escuridade da noite. E foi nesse ambiente de fogo e de cerrados matagaes, na vasta solidão incendiada dos sertões, quando o pio monotono de um passaro invisivel, perdido na espessura ou no fundo das bocainas, desperta estremecimentos atavicos e medos supersticiosos, que nasceu o Sacy — tão vago, indefinido e temeroso como o "Caapora" ou caipora. Este ultimo, não sabemos por que mysteriosas razões, mui pouco tentou a imaginação do branco e até o presente guarda a indecisão de todo mytho indigena (sendo, comtudo, de notar que o vocabulo tupy no passar para a linguagem commum, ganhou o indefectivel matiz comico com que os dominadores sublinhavam as nevoentas concepções dos autochtones e africanos). No caso, porém, do Sacy interveiu a collaboração do civilisado — e aquelle estado de alma entre melancolico e apavorado, mixto de espanto e saudade, terror de emboscadas imminentes e affluxo de nostalgias obscuras, se foi a pouco e pouco alterando ao som dos motejos e risadas dos senhores-moços ou patrões... Perdeu o vago, personalisou-se e transformou-se no gnomo zombeteiro que conhecemos.

Em conclusão — o preto e o indio deram, por assim dizermos, a materia prima, com a qual o européu plasmou a maliciosa figurinha que de imaginação em imaginação chegou a tocar as raias do mais leve magismo poetico, da mais irisada "féerie", e é hoje incontestavelmente digna de apparecer ao lado dos Pucks, dos Oberons e das Titanias.



SACY NA ESTRADA, por Fantomas

EPILOGO

Este livro tem o merito de fixar um momento da vida duma superstição popular. Como tudo, as superstições evoluem, determinadas pelo meio ambiente e pelas variações ethnologicas. Nascem, crescem, — e não morrem. Transformam-se. Se um sacysologo a molde daquelles pacientissimos professores de Iena que pegam de cara uma palavra moderna e afundam pelas edades a dentro até ferrar a sua raiz no balbucio dos aryas, se um cerebro assim conformado fosse possivel entre nós, e désse pabulo á gana do escabichamento indo na cola do moleque raças e epochas em fora, através de Portugal, dos iberos, dos arabes e mosarabes, do romano, do grego, do assyrio, do egypcio, e chegasse até ao paraiso terreal, havia de engalhar maravilhosamente o Sacy nos mil e um demonios em que se esfarelou o velho Diabo-Mor, pae da serpente nossa mãe. Nada de espantos. O mundo moderno é obra pura da serpente biblica. Não fôra ella com o seu truque da maçan prohibida e tudo quanto existe não estaria ainda latente no angelical jardim zoologico, sem sorteio de bichos, do Eden adamico?

Ora, pois, não ha nesta faixa quente e impaciente do globo sabios deste folego; e que houvesse um por arte do acaso: não haveria leitores capazes de ingerir o in-4.º em 6 tomos

por cujo dedalo de citações corresse o fio de Ariana conductor do Sacy de hoje ao espermatozoario inicial. Vons Genneps, Böckels, Frobenius Wundts, Benignis, Olriks; não os temos cá a estes folkloristas de formação cerrada. Mal, por um desvio organico, esboça-se entre nós um Genneps, enfrascam-n'o no vidrão de alcool do Instituto Historico, onde o sujeito fica pelo resto da vida condemnado a declamar suas *trouvailles* a uma assembléa de carecas e surdos que o "ouvem" a resonar; e vae depois a coisa para o *in-pace* da revista respectiva como um corpo morto vae para o *ad-perpetuam* da paz inviolavel do tumulo. Viva! Não temos a *lourdeur* germanica. Somos leves, aereos — uns alfenins; somos "ligeiros" — levianos. Pela rama: que linda a nossa senha! Borboletear... Viva!

Reunir este inquerito sobre o Sacy em livro foi Africa. Tudo é Africa entre nós. Uff! Que elle agora corra o paiz ou biche nas estantes, e amarelleça com o tempo, e o roa a traça até que um dia um Levingstone o fareje e extraia delle a lição scientifica. Nós paramos á porta, bons brasileiros que somos. Emquanto é de voar, voamos; em soando a hora de cavar tunneis, perquirir origens, bateiar, deduzir, induzir, concluir, analysar em summa — pensar em summissima (que horror, *pensar!*) vem-nos logo o bocejo, o espreguiçamento, a necessidade de "ir ali ao largo do Rosario falar com um amigo", e gorógotó galhetas. Para que pensar? Sem nada disso a Europa vive de curvetas diante de nós...

Este livro significa um pouco mais do que parece ao primeiro relanço. Revela o onde e o como se hão de buscar os elementos de estudo e comprehensão de nós proprios. Até hoje seguimos a senda opposta. Para fazer um fato novo tomamos a medida a um habitante da lua. Nunca nos vemos a nós, e todos os nossos males embicam nesse erro.

O paiz scindiu-se em duas zonas sociaes. A zona plagiaria, e a outra.

A plagiaria arrota-se de civilisada porque montou a beira-mar um mambembe pilharengo de civilisações alheias, e vive a epatar-se (a palavra é creação della e mostra que original inventiva ella tem) e vive a epatar-se a si mesma com o uso e abuso das ideias, alcooes, sentimentos e farofas que a Europa lhe impinge em troca do café, da borracha e do cacau que a *outra* produz. Dá-se a todos os luxos europeus; inclusivé ao de uma arte morphinomana, cachetica que impa de *boulevardière*. Suppõe-se esta civilisaçãosinha um raro Whisky de requintadissimo sabor; mas não passa, no juizo dos paladares finos, de insulso capilé. Capilé com gomma, no maximo. Capilé *gommeux*, ah! ah! ah!

Pois bem, os destinos do paiz enfeixam-se nas mãos deste capilé. E' elle quem pensa, (perdôa, meu verbo *pensar*, o emprego que se te dá aqui!) é quem dirige, é quem educa e governa. Todas as forças e recursos estão em suas munhecas de mico. Tem um ideal: civilisar a "outra", porque a outra o envergonha. Capilé treme quando um P. Adam, ou qualquer outro dejecto de *boulevard*, acóde ao appello dos chanceleres (pff!) para que venham descobrir-nos.

— Horror, meu Deus! Que dirá Mr. Paul se lhe dá na telha sair da Avenida e penetrar nesse indecoroso sertão, e lá enxergar homens côr de telha lavrando a terra sem pulseiras de relogio nas munhecas, bebendo cachaça em vez de *chartreuse*, lendo no livro da Natureza em vez de ler no Binoculo!

Pensa deste teôr e age em consequencia, mestre Capilé.

Para salvar o paiz da infecção sertaneja arma arapucas que vão da cartilha obrigatoria — primeiro degráu conducente ao Binoculo, ao voto eleitoral — isca desse chamado suffragio universal, a chalaça democratica que ha de sacudir com os melhores risos o diaphragma dos posteros.

Ah! Teufelsdrocks do futuro, homens duma gargalhada unica incubada ao imo do ser, annos e annos a espera do supremo comico para explodir: cascalhareis todos, espirrareis risos incoerciveis quando souberdes que prodigio de serio comico era o nosso suffragiosito universal! Ou sereis vós, ó netos, tolos e ridiculos um bocado mais do que somos, como somos dez pontos mais que os nossos avós?

O estudo das crendices populares revela o povo em sua intima textura psychica. Revelar é conhecer. O conhecimento do povo, e só elle, ensina os meios, os canaes, a arte de educal-o. Procedemos, nós educadores, assim? nós, Rio e S. Paulo, nós Capilé dirigente? Não. Em occasião nenhuma, ao crear um instituto politico, ou literario, ou educador de qualquer natureza ou gráu, o governo, cuia oca á qual delegamos a tarefa de pensar e agir, poz-se em face do material humano como o temos. A mais simples reforma eleitoral, por exemplo. Em vez do legiferante arrumar diante de si, enfileiradas, as creaturas vivas que vão executar o acto do voto, e dar-lhes leis consoante seu feitio mental, ageitadas ás suas taras, conformadas pelas suas bossas, attendidas todas as idyosincrasias que o individualisam, elle, legislador, oh pandego de sobrecasaca! ergue diante dos olhos o homem ideal dos philosophos utopistas, uma joãojacquesrusseauice de pernas de pau e figados de palha, entidade zoologica inexistente, absurda, grotesca, puro mundo da lua; e talha o fato para esta phantasmagoria anthropologica. Prompta a veste, da primeira vez que vae a uso, o eleitor ao envergal-a vê que não serve, está curta a calça, o paletó abotoa atraz, os bolsos ás avessas. Mas é preciso vestil-a. Veste-a á força, e rompem as costuras, saltam botões, estalam os cós, o chapeu enterra-se

até á orelha. Consequencia: em vez do eleitor arcadico preluzido na mioleira legiferante do Capilé, sae-lhe Little Bittch a serio. Já o 15 de Novembro foi assim, em grande. Uns ideologos tão sabios em sciencia alheia quanto ineptissimos na sciencia valiosa do *Nosce te ipsum,* metteram-se a alfaiates de toda a nação. Ao velho mas commodo e bem assentado jaleco imperial que Pedro II conservava escovadinho e serzido com apuro, resolveram elles substituir por um terno á americana. Mas nem siquer coseram-no sob medida. Importaram-n'o dum *Bon Diable* de Boston, já promptinho, e zás, metteram a nação aparvalhada dentro. Consequencia: surgiu no tablado dos povos uma coisa inedita, Little Bittch em ponto paiz.

Variou apenas a coifa: o barrete pé de meia zarcão dos jacobinos do 89 francez (estes 89!) substituiu o classico *tuyáu* do amigo Bittch. Era até alli o Brasil um indio de tanga, como o figuravam os caricaturistas d'antanho Após á *maquillage* do 24 de Fevereiro faz lembrar uns sujeitos vestidos pelo seculo 17 francez, que ha tempos annunciavam cigarros pelo triangulo. A nossa impressão como republica no concerto das nações deve orçar pela que aos passantes davam os taes exoticissimos annunciadores de cigarros.

Jefferson... la-nos saindo umas palavras do sensato Jefferson relativas a estes ideologos; mas fique Jefferson no seu canto. Quem comprehenderia aqui o bom senso de Jefferson? Adiante. Isto que é na politica é no mais o Capilé. Vejam-se as letras. Nenhuma invenção, nenhum desenvolvimento por gráus de sementesinhas germinadas *in loco.* Sempre o transplante e o plagio. Quando nas metropoles estava em moda o epico, a tuba sonorosa, o apotheosamento de illustres piratas que saquearam a India e exterminaram a America Inca e Azteca, os poetas de cá rimavam á camoneana, com borbulhas de Grecia mythica entreverando Caramurús e mais boa gente inoffensiva.

Surgiu Byron na Inglaterra como um Sacy apollineo. Nós em massa byronisamos fazendo do Tamanduatehy Hellesponto e das crioulinhas ladys Hamiltons e condessas Guicciollis. Veiu Heredia, veiu Lecomte. Nos herediamos incontinente, e lecomtiamos com um tal serio...

No romance Alencar mette romanos de Plutarcho na pelle de Aymorés, e derrama na paisagem balsaminas, graúnas, serras azues, e todo um Houbigant chateaubriandesco de cheirinhos mil flores. O resto (meu M. de Assis, tu bem sabes que és a Excepção Unica) plagia com engenho maior ou menor, sciente ou inconscientemente. Nas artes plasticas, *pastiche*. Milheiros de casas erguem-se todo o anno sem o vislumbre duma nota da terra, inventada, creada, nota viva, como o mais barbaro thibetano a põe na sua moradia. No mobiliario sae-se da sordida canella *ciré* para cahir na embuia dando á linda madeira unicamente formas que Vienna e Estados Unidos inventaram. Sempre a copia. Copiará o Senegal quando o Senegal crear algo de seu. Existe a phobia da invenção. Chama-se talento á habilidade da costureira que talha por figurinos. Genio é quem produz em massa harmonica, embora contra a significação essencial da palavra, cousa nenhuma cree. Todas as terras vestem-se ao seu sabor. Nós não. Não temos a bella coragem de metter na cabeça uma porunga lacada a urucú e ir assim, imponentes, a uma recepção diplomatica.

— Olha o dispauterio! O Sacy ensandeceu este sujeito, exclamará o leitor; uma porunga na cabeça! que extravagancia!

Este interruptor, entretanto, acha nobre ir-se á festa com um canudo de chaminé na synagoga e no corpo um surtum preto com cauda bipartida. Veste-se de fogão e ao mirar-se no espelho acha-se elegantissimo.

— Amigo Xarope, a idéa da porunga vale a idéa do inglez aproveitando velhos stocks de luzidios canudos de fogão para com um palmo delles, uma tampa em cima e

abinhas em baixo, arrostar todas as idéas classicas em materia de chapeu, e impor-se ao mundo. A chaminé na cabeça do inglez e o surtum preto de caudinhas adoptado pelo francez por virtude de razões quiçá respeitabilissimas, são creações delles, esplendidas affirmações de individualidade. São coisas nobres que tangenciam o heroico. Já em ti berram de grotescas. Isso de não casares, de não enterrares os parentes, de não comeres um banquete, de não ouvires musica de luxo sem *tuyau* no coco e rabo de panno no cocyx, confessa, Xarope, é gorilha até á medulla.

A razão do inglez é solida: apraz-me nesta Londres toda chaminés honrar a industria do canudo usando um palmo delle, aprumado sobre a parte mais nobre do meu corpo; apraz-me, e acabou-se.

A do francez é solidissima: apraz-me adquirir em duplo um appendice vulgarissimo em todos os animaes; provo-me assim que sou rei usando duas caudas entre subditos que só tem uma; apraz-me, e acabou-se.

Mas a tua razão, Xarope, é de cabo de esquadra: trago cartola e casaca nos momentos solennes porque... inglezes e francezes as trazem.

Este raciocinio simiesco é o mesmo que te leva a dar ao exercito um fardamento por anno sem nunca crear uma farda. Copias tudo, dragonas e kepis; adoptas tudo, polainas e capacetes. Não foste até ao heroismo invertido de metter capacetes allemães na cabeça dos nossos soldados da guarda, que os usam ora cahidos para traz, ora de banda, ora enterrados até ás orelhas de modo a provocar sorrisos de compaixão em todo o mundo? E agora para fardar tiros e escoteiros não sorvestes literalmente os figurinos inglezes? O pausinho da policia, não lh'o deste torneadinho e cabeçudo tal e qual o dos *policemen* londrinos?

— E esta! que queria V. que elles tivessem nas mãos?

— Um galho de pau brazil, amigo! Seria pitoresco, e heroico. E' força ser heroico; e o heroismo maximo é esse

arrostar o ridiculo creando a personalidade. A primeira cartola ingleza sahida á rua foi recebida com pedras; como era, porém, mais heroico do que Trafalgar, venceu.

Não ha mais illusões. Não seremos nunca um "original", e sim má "copia". O partido do Plagio erigido em systema de governo e educação vencerá em toda a linha. Pobre do meu Geca Tatú, seras supprimido! Negar-te-hão na paz; rebentar-te-ão a dynamite na guerra. Tu maculas com uma nota de originalidade a obra maravilhosa do plagio. Já em Canudos porque te atreveste a affirmar uma convicção esmagaram-te em guerra cruel, gloria eterna do vencido, vergonha eterna do vencedor. A lucta continua. Canudos foi apenas um incidente vermelho. Continua o teu rechassamento systematico porque tu, Geca, tens a suprema coragem de não ser grotesco por figurinos francezes. A verdade é esta: Geca é unica affirmação de individualidade não laivada de ridicularias que possuimos. Vede-o. Lá está elle a esta hora com o seboso pinho na mão, pondo em sons os anhelos vagos de sua alma. Defronta-o a matta em calmaria, onde embirussús gigantes escorrem-se de cipós e parasitas. As baitacas num galho inclinam a cabecita verde, á escuta. A lua no alto tambem entrepara, como a ouvil-o. As palavras que o homem modula são delle, creadas com emoção para seu uso pessoal. Os pensamentos que lhe pyrilampejam no cerebro são filhos do ambiente, como a baitacas, a arvore, a lua. Traz-lh'os um sentir pessoal, puro de attitudes falsas; é o producto da observação inconsciente dessa guerra eterna e silenciosa que é a natureza virgem. Suas imagens poeticas não vem de França brochadas num Verlaine: suggere-as aquella piúva toda gemma d'ovo que lá amarelleja no espigão, ou o gesto arisco do ultimo caitetu escapo á sua carga de chumbo. Se ama,

honra á menina arisca do seu coração com sentimentos frescos como um sombrio d'avencas, rudes como a pedra aspera das corredeiras, coloridos e ingenuos como a trapoerava ou a margaridinha de pétalas singelas. Dentro de sua casa, biboca de barro e sapé, barro que elle amassou, palha que suas mãos arrancaram na boa lua, estão os cantinhos cheios do feijão mouro, de milho cateto e arroz sem qualidade, do atoa. Na ceva, gaiolinha de jissara, ronca o porquinho tatú entre sabugos e cascas de abobora. Brinquinho, cão sem raça, todo intelligencia e amor ao dono nos olhos, cochila-lhe ao pé. Subito entreluz num moita de cahetés um brilho, e barulha um ruido entre folhas. Late Brinquinho, de orelhas em riste. Geca attenta olhos e ouvidos. Perito que é no discernir todos os ruidos da natureza, não póde de prompto identificar aquelle. Vacilla. E como falha a experiencia recorre ao sobrenatural.

— E' o Sacy, murmura, e abafada a viola recolhe-se verificando dum olhar se pende da porta a cruzinha de pau.

Eis o criminoso. E' mister civilisal-o. Pol-o de *smoking* num club a discutir os destinos da Alsacia, entre golinhos de whisky. O civilisador áquella hora lá está repoltreado num vime do Trianon, com um chapeu calcado para atraz porque Pariz o usa assim; discute Rollinat e Capus; apoia-se na Havas; bebe pinguinhas em inglez, fuma quebra queixos de Havana que lhe impingiu um hespanhol gorducho murmurando-lhe ao ouvido: é contrabando! Disserta sobre a guerra, traçando planos estrategicos para o esmagamento da Allemanha, e esmaga a cinza do contrabando para mostrar que é facil esmagar... a Allemanha. Entra uma boneca toda plumas e sedinha. E' seu namoro. Ergue-se elle e vae cumprimental-a com um Mlle. nos labios. Recita-lhe ao ouvido xaropadas amorosas de Marcel Prevost, sem cuidado nenhum com os pronomes. Despede-se depois com mesuras *modern style,* lombricoidaes. Volta á mesinha. Paga, com um dinheiro filado ao pápá, a... "consum-

mação" (esfarelai-vos na tumba, ossos de Camillo!) e dá de gorgeta ao espertissimo futuro conde que o serve os nickeis do troco. E sae glorioso, soberanamente gorilha!

Entretanto, *ceci tuerá cela!*

Os caminhos são oppostos. O dilemma impõe: ou ser Geca, ou Capilé *gommeux* com pingos de *whysk*. Ser Geca, e levar ás ultimas consequencias a afinação do individuo com o ambiente, ou ser *cocktail, puzzle, garni,* nacionalidade roupa usada de gola sebosa. O inglez é o inglez porque pegou d'um pirata comedor de carne crúa e o levou ás derradeiras consequencias da inglesia ingenita. Se puzesse ante os olhos o figurino romano, ou o grego, que pulhissima caricatura não dava John Bull de clamyde cortando a cauda do buldogue de lord Alcebiades!

Pois bem: seguimos o caminho errado. Condemnamos Geca á morte. Damos-lhe na cabeça com o refle na guerra, com o alphabeto e o voto na paz. Geca, entretanto, resiste. E' na paz o que foi em Canudos: um heroismo silencioso que morre mas não adhere. Geca só trabalha para si: nunca virá ao paiz um conde montado no trabalho delle. Geca não lê: o Binoculo nunca attingirá proporções de telescopio por culpa delle. Geca não vota: nunca assentar-se-á na currul suprema um... (auto censura) pelo peso de um voto seu. Geca não paga impostos. Resiste ao fisco pelo meio mais efficaz: não accumulando nada que meirinhos possam penhorar. Resiste á cultura, resiste á Havas, resiste ao *suelto,* resiste ao juiz, ao escrivão, ao sargento de policia, á Light, ao consul inglez, ao estado de sitio, ao *Miroir de la mode,* ao parnasianismo, ao João do Rio, ao largo do Rosario, á Sanches, ao patriotismo, ao nacionalismo de artigo de fundo, ao telephone, aos *Aveugles-nés,* ás Indus-

trias Reunidas, á collocação dos pronomes, ao Mappin, ao Rosatti.

Salve, amigo, só tu neste paraiso dos xaropes és como o pau de lei: casca molle por fóra, cerne que machado não morde por dentro. Só tu neste embaúval és cabiuna, Geca!

Mas o Sacy... Panno d'amostra, já dissemos, revelador de que esta terra tem uma alma. Valeu a pena chamal-o á cidade? Comprehende ella o que no fundo isto significa?

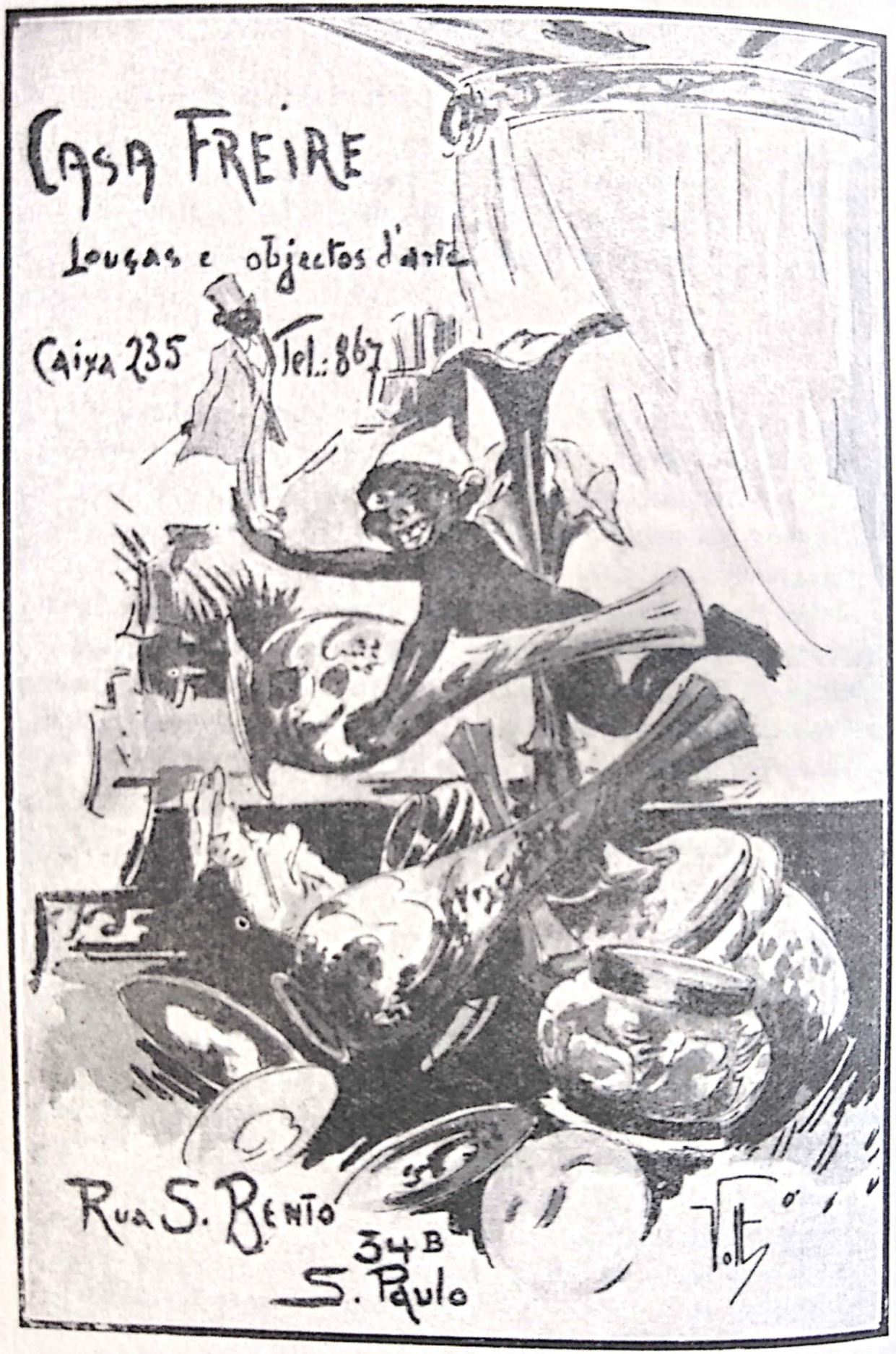
Comprehende nada... Está de olho ferrado no figurino a banzar:

— Que lindo! Usa-se o collarinho assim, assim. A poesia, vês? usa-se symbolica. As botinas devem ter peito de lan cinzenta. E que lindo este novo psychologicismo no romance! Ah! Gourmont, Gourmont! como previste bem esta *nossa* actual attitude mental!

— Mas o Sacy...

— Pff! regionalismo...

MUSEU HISTÓRICO E PEDAGÓGICO MONTEIRO LOBATO
AV. [illegible] DE [illegible]
CEP [illegible] — TAUBATÉ — SP


CASA FREIRE
Louças e objectos d'arte
Caixa 235
Tel.: 867
RUA S. BENTO
34 B
S. Paulo

O CHOCOLATE que tentou
o Sacy.

MUSEU HISTORICO E PEDAGOGICO MONTEIRO LOBATO
AV. VISCONDE DE SABUGOSA S/N.º
CEP 12050-830 — TAUBATÉ - SP

SECÇÃO
DE
OBRAS
DO ESTADO
DE S. PAULO